



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS**  
**REGIONAL CATALÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**CRISTIANY BARBOSA FERREIRA RESENDE**

**FAZENDO FEIRAS E TECENDO ESTÓRIAS DE VIDA: feira livre e reprodução  
camponesa na Praça Duque de Caxias em Catalão (GO)**

**CATALÃO (GO)**

**2020**

**UFG**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE GEOGRAFIA**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE  
TESES****E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

**1. Identificação do material bibliográfico** Dissertação     Tese**2. Nome completo do autor****CRISTIANY BARBOSA FERREIRA RESENDE****3. Título do trabalho****FAZENDO FEIRAS E TECENDO ESTÓRIAS DE VIDA: feira livre e reprodução camponesa na Praça Duque de Caxias em Catalão (GO)****4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)**Concorda com a liberação total do documento  SIM     NÃO<sup>1</sup>

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a)** consulta ao(a) autor(a) e ao(a) orientador(a);
- b)** novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

**Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.**



Documento assinado eletronicamente por **Marcelo Rodrigues Mendonça, Orientador**, em 19/06/2020, às 10:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

Documento assinado eletronicamente por **CRISTIANY BARBOSA FERREIRA RESENDE, Discente**, em 19/06/2020, às 11:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do

19/06/2020

SEI/UFG - 1391178 - Termo de Ciência e de Autorização (TECA)



[Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.](#)

---



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1391178** e o código CRC **89DAA7EB**.

---

Referência: Processo nº 23070.022160/2020-33

SEI nº 1391178

CRISTIANY BARBOSA FERREIRA RESENDE

**FAZENDO FEIRAS E TECENDO ESTÓRIAS DE VIDA: feira livre e reprodução  
camponesa na Praça Duque de Caxias em Catalão (GO)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão/Unidade Acadêmica Especial de Geografia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

Área de concentração: **Geografia e ordenamento do território.**

Linha de pesquisa: **Trabalho e Movimentos Sociais.**

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Rodrigues Mendonça.

CATALÃO (GO)

2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Barbosa Ferreira Resende, Cristiany  
FAZENDO FEIRAS E TECENDO ESTÓRIAS DE VIDA: [manuscrito]  
: feira livre e reprodução camponesa na Praça Duque de Caxias em  
Catalão (GO) / Cristiany Barbosa Ferreira Resende. - 2020.  
119, CXIX f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Rodrigues Mendonça.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Unidade  
Acadêmica Especial de Geografia, Programa de Pós-Graduação em  
Geografia, Catalão, 2020.

Apêndice.  
Inclui siglas, mapas, fotografias, gráfico, tabelas, lista de figuras,  
lista de tabelas.

1. Camponeses. 2. Reprodução. 3. Feira livre. I. Rodrigues  
Mendonça, Marcelo, orient. II. Título.

CDU 911



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE GEOGRAFIA

**ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO**

Ata nº 177 da Sessão Pública de Defesa de Dissertação de **CRISTIANY BARBOSA FERREIRA RESENDE**, que confere o título de **Mestre em Geografia**, na área de concentração em **Geografia e Ordenamento do Território**.

Observações: Banca Examinadora de Defesa Pública de Dissertação realizada em conformidade com a Portaria da CAPES n. 36, de 19 de março de 2020, de acordo com seu Artigo 2º:

Art. 2º - A suspensão de que trata esta Portaria não afasta a possibilidade de defesas de tese utilizando tecnologias de comunicação à distância, quando admissíveis pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, nos termos da regulamentação do Ministério da Educação.

Aos **dezoito dias do mês de maio de dois mil e vinte**, a partir das **14h**, à distância, por videoconferência pelo aplicativo Google Meet, realizou-se a Sessão Pública de Defesa de Dissertação intitulada **“FAZENDO FEIRAS E TECENDO ESTÓRIAS DE VIDA: feira livre e reprodução camponesa na Praça Duque de Caxias em Catalão (GO)”**. Os trabalhos foram instalados pelo Orientador, Professor Doutor **Marcelo Rodrigues Mendonça** (Geografia - IESA/UFG/PPGGC-RC/UFCAT), com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professora Doutora **Patricia Francisca de Matos** (Geografia-RC/UFG/UFCAT), membro titular interno; **Gilmar Alves de Avelar** (Geografia-RC/UFG/UFCAT), membro titular externo; **cuja participação de todos os membros e aluna ocorreu através de videoconferência**. Durante a arguição os membros da Banca Examinadora **não fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido a Candidata **aprovada** pelos seus membros. Proclamados os resultados pelo Professor Doutor **Marcelo Rodrigues Mendonça**, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente Ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, aos dezoito dias do mês de maio de dois mil e vinte.

## TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Patricia Francisca De Matos, Professora do Magistério Superior**, em 18/05/2020, às 17:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Gilmar Alves De Avelar, Professor do Magistério Superior**, em 18/05/2020, às 18:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marcelo Rodrigues Mendonça, Orientador**, em 19/06/2020, às 10:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

19/06/2020

SEI/UFG - 1335609 - Ata de Defesa de Dissertação



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1335609** e o código CRC **2F856D1C**.

---

**Referência:** Processo nº 23070.022160/2020-33

SEI nº 1335609

*O saber a gente aprende com os mestres e os livros. A sabedoria se aprende é com a vida e os humildes.*

(Cora Coralina)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente à Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão e ao Programa de Pós-Graduação em Geografia.

À Priscila Quirino de Lima, secretária do Programa de Pós-Graduação em Geografia, que muito me auxiliou com direcionamentos necessários durante todo percurso desta pesquisa.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela oportunidade de ser bolsista durante grande parte do caminho no Mestrado.

Presto agradecimentos aos/às feirantes que trabalham na feira na Praça Duque de Caxias, em Catalão/GO, aos(às) camponeses(as) que foram entrevistados/as e aos(às) demais camponeses(as) feirantes e não camponeses(as) pelas contribuições múltiplas durante os dias de trabalho em campo.

Agradeço a minha mãe, esta que foi inspiração para que eu continuasse os estudos e que sempre irradiou afetos e incentivos. Esta conquista também é dela!

À minha irmã, Déborah, por diversas vezes ter me ajudado em correções e na formulação de ideias que pudessem ser úteis na elaboração desta pesquisa. Bem como a agradeço pelo apoio de sempre.

Ao meu irmão, Valdenir, e a minha cunhada, Janete, que sempre me apoiaram e me incentivaram a continuar no meio acadêmico da pesquisa, inclusive financeiramente, quando nos momentos de viagens para eventos eu ainda não possuía vínculos como bolsista.

Agradeço aos amigos, Tatiane e Leonoura, pelo companheirismo e pelas palavras de incentivo em momentos em que o cansaço me fez pensar que seria impossível concluir essa jornada.

Agradeço imensamente a todos os professores que ministraram aulas no Mestrado e que, de alguma forma, contribuíram para a construção desta pesquisa.

Agradeço ao meu querido amigo e Professor, Dr. Valdivino, que desde a graduação me mostrou que o caminho da pesquisa e dos estudos é valioso, sempre me incentivando a continuar no meio acadêmico.

Ao meu orientador, professor Dr. Marcelo Rodrigues Mendonça, pelo seu tempo e seu auxílio para que eu seguisse nos caminhos desta pesquisa.

Aos professores que fizeram parte da banca avaliadora do simpósio interno do Mestrado, Prof. Dr. Gilmar Alves de Avelar e Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Juniele Martins Silva.

Aos professores da Banca avaliadora da Qualificação, Prof. Dr. Gilmar Alves de Avelar e Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patrícia Francisca de Matos, por sua disponibilidade e indicações.

Ao Paulo César, pelo auxílio com os mapas.

A todos que, de alguma forma, estiveram presentes durante a pesquisa. Muito obrigada!

À minha mãe, Marleides Barbosa de Sena.  
Aos meus irmãos, Valdenir e Déborah.

Aos/Às camponeses/as feirantes que trabalham na feira na Praça Duque de Caxi

## RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo compreender os/as camponeses/as feirantes que trabalham na feira que ocorre na Praça Duque de Caxias, em Catalão - GO, enquanto atores sociais que nas feiras livres buscam uma forma de reprodução social camponesa. Para cumprir tal objetivo, inicialmente foi traçada uma metodologia que se baseou na pesquisa qualitativa, sendo essa dividida em pesquisa teórica, documental e visitas a campo com aplicação de roteiros de entrevista. Assim, foram realizadas análises e reflexões sobre períodos anteriores para a compreensão da história dos/as camponeses/as e das transformações decorrentes das modernizações territoriais resultantes do avanço capitalista no Brasil. Por conseguinte, buscou-se historicizar as feiras livres que se mostram como importante canal de comercialização para a produção camponesa, propiciando renda para a unidade familiar, sendo relevante para assegurar a reprodução camponesa e suas formas de Existir. Entende-se que as feiras livres são formas de comércio em que se tem a possibilidade da troca e comercialização dos excedentes da produção. Esse tipo de comércio possui várias formas de relações, incluindo desde aquelas estabelecidas entre comprador e vendedor, até as relações de amizade e confiança. Dessa forma, as feiras livres estão presentes por todo Brasil, em Goiás e na cidade de Catalão (GO). Em Catalão, realizam-se sete (7) feiras que acontecem em bairros no Perímetro Urbano e possuem organização e configurações espaciais diferentes. Sendo o objeto desta pesquisa uma dessas feiras, a mesma acontece nos dias de domingo na Praça Duque de Caxias. Nesta feira existe a presença de camponeses/as feirantes que comercializam a produção camponesa, além de atravessadores e camelôs vendendo produtos tecnológicos e similares. Por isso, afirma-se que nesta feira se presencia o *(des)encontro entre o tradicional e o moderno*. Todavia, observa-se a predominância de camponeses/as feirantes que buscam a obtenção de renda para a realização do consumo de bens e mercadorias que não são produzidos em suas unidades de produção. Mas, realizar a atividade de camponês feirante pode indicar algo além do ganho econômico, pois, conforme os depoimentos, significa a continuidade do trabalho familiar, o encontro e o convívio com seus fregueses e sociabilidades diversas. Significa ainda lutar por melhorias que atraiam os fregueses para a feira, por isso, os/as feirantes reivindicam do poder público municipal a adequação da infraestrutura e o apoio para suas demandas. Assim, na feira na Praça Duque de Caxias diversas são as *estórias e histórias* de camponeses/as que buscam as condições de Existência.

**Palavras-chave:** Camponeses/as feirantes. Reprodução social camponesa. Feira livre Duque de Caxias. Catalão/GO.

## ABSTRAT

The present research aims to understand the market peasants who work at the fair that takes place in Duque de Caxias square, while social actors who in open markets seek a form of peasant social reproduction. To achieve this goal, a methodology was initially drawn up that was based on qualitative research, being divided into theoretical, documentary research and field visits with application of interview scripts. Thus, analyzes and reflections on previous periods were carried out to understand the history of the peasants and the transformations resulting from the territorial modernizations resulting from the capitalist advance in Brazil. Consequently, the aim was to historicize the free markets that show themselves as an important commercialization channel for peasant production, providing income for the family unit, being relevant to ensure peasant reproduction and its ways of Existing. It is understood that open markets are forms of trade, in which there is the possibility of exchanging and marketing surplus production. This type of trade has several forms of relationships, from those established between buyer and seller, to relationships of friendship and trust. Thus, free markets are present throughout Brazil, Goiás and in the city of Catalão (GO). In Catalão, there are seven (7) fairs that take place in neighborhoods in the Urban Perimeter and have different organization and spatial configurations. One of these fairs being the object of this research, the same happens on Sunday at Duque de Caxias square. At this fair there is the presence of peasant farmers, selling peasant production, middlemen and street vendors selling technological and similar products. For this reason, it is stated that this fair witnesses the (dis) encounter of the traditional and the modern. However, there is a predominance of market peasants who seek to obtain income for the consumption of goods and goods that are not produced in their production units. However, carrying out the activity of farmer peasants can mean something beyond the economic gain that, according to the testimonies, means the continuity of family work, the meeting and socializing with its customers and diverse sociability. It also means fighting for improvements that bring customers to the fair, which is why they claim that the municipal government should adapt the infrastructure and support its demands. Thus, at the fair in Duque de Caxias square, there are several stories and stories of peasants who seek the conditions of Existence.

**Keywords:** Fair peasants. Peasant social reproduction. Duque de Caxias open market. Catalão / GO.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

|            |  |
|------------|--|
| CEPAC      | Centro de Educação Profissional Aguinaldo de Campos Netto            |
| DIMIC      | Distrito Minero Industrial de Catalão                                |
| EMBRAPA    | Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecurária                         |
| IBGE       | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística                      |
| IMB        | Instituto Mauro Borges   |
| INCRA      | Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária                  |
| IPEA       | Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada                             |
| MCP        | Movimento Camponês Popular   |
| PAA        | Programa para Aquisição Alimentar                                    |
| PNAE       | Programa Nacional de Alimentação Escolar                             |
| POLOCENTRO | Programa Cooperativo Nipo-Brasileiro para Desenvolvimento do Cerrado |
| PRODECER   | Programa de Desenvolvimento do Cerrado                               |
| SENAC      | Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial                           |
| SENAI      | Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial                          |
| UDR        | União Democrática Ruralista  |
| UFCAT      | Universidade Federal de Catalão                                      |
| UFG        | Universidade Federal de Goiás  |

## LISTA DE TABELAS

|            |   |    |
|------------|---|----|
| Tabela 1 - | <i>Ranking</i> dos municípios com maior número e área irrigada por equipamentos de pivôs centrais no Estado de Goiás – 2016 ..... | 41 |
| Tabela 2 - | Características das feiras em Goiás conforme quantidade populacional.....   | 69 |
| Tabela 3 - | Principais produções agrícolas em Catalão/Go – 2017 .....   | 71 |
| Tabela 4 - | Localização e horários das feiras livres em Catalão/GO .....  | 75 |

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### FOTOS

|  |     |
|--|-----|
| Foto 01 - Feira livre na Praça Duque de Caxias em Catalão (GO) .....   | 19  |
| Foto 02 - Feira na Praça Duque de Caxias e a movimentação de pessoas e veículos ....                                       | 30  |
| Foto 03 - Feira livre no Setor Universitário em Catalão/GO .....   | 76  |
| Foto 04 - Feira livre em frente à Prefeitura de Catalão/GO .....   | 77  |
| Foto 05 - Feira livre na Vila Liberdade em Catalão/GO .....  | 78  |
| Foto 06 - Produção camponesa na feira livre – Praça Manoel Arcanjo/Bairro Ipanema/Catalão/GO .....                         | 80  |
| Foto 07 - Feira livre no Bairro Castelo Branco em Catalão/GO .....   | 81  |
| Foto 08 - Feira livre na Vila Mutirão em Catalão/GO .....  | 82  |
| Foto 09 - Construção da Avenida São João na década de 1950 .....   | 85  |
| Foto 10 - Praça Duque de Caxias, ano 2019 .....  | 87  |
| Foto 11 - Veículos dos/as feirantes estacionados na Praça Duque de Caxias .....  | 88  |
| Foto 12 - Local da Praça Duque de Caxias após a retirada de sua vegetação e estrutura .....                                | 89  |
| Foto 13 - Polvilho, farinha de mandioca, frango, caipira e doces variados de produção camponesa .....                      | 99  |
| Foto 14 - Ovos caipiras, legumes e bananas de produção camponesa, feira livre na Praça Duque de Caxias .....               | 100 |
| Foto 15 - Rosca artesanal e pamonha assada comercializadas por camponeses/as na feira livre da Praça Duque de Caxias ..... | 101 |
| Foto 16 - Banheiros químicos na Praça Duque de Caxias .....  | 106 |
| Foto 17 - Objetos cortantes expostos informalmente na Praça Duque de Caxias .....  | 106 |

### GRÁFICOS

|   |    |
|---|----|
| Gráfico 01 - Taxa de urbanização brasileira – 1950 a 2010 .....   | 41 |
| Gráfico 02 - Faixa etária dos/as entrevistados/as .....           | 92 |
| Gráfico 03 - Gênero dos/as feirantes entrevistados/as .....       | 93 |
| Gráfico 04 - Escolaridade dos/as feirantes entrevistados/as ..... | 93 |

|              |   |     |
|--------------|---|-----|
| Gráfico 05 - | Renda mensal dos/as camponeses/as feirantes entrevistados/as .....                          | 95  |
| Gráfico 06 - | Jornada de trabalho semanal dos/as entrevistados/as .....                                   | 96  |
| Gráfico 07 - | Tempo em que os/as entrevistados/as trabalham na feira livre da Praça Duque de Caxias ..... | 97  |
| Gráfico 08 - | Insumos químicos na produção dos/as entrevistados/as .....                                  | 102 |

## **IMAGENS**

|             |  |    |
|-------------|--|----|
| Imagem 01 - | Rua onde tiveram início as atividades da feira livre na Praça Duque de Caxias – Catalão/GO ..... | 86 |
| Imagem 02 - | Projeto para reforma em realização na Praça Duque de Caxias em Catalão/GO .....                  | 90 |

## **MAPAS**

|           |   |    |
|-----------|---|----|
| Mapa 01 - | Localização da Praça Duque de Caxias – Catalão/GO ..... | 29 |
| Mapa 02 - | Localização das feiras livres em Catalão/GO .....       | 74 |

## SUMÁRIO

|  |     |
|--|-----|
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....  | 19  |
| <b>CAMINHO METODOLÓGICO DA PESQUISA</b> .....  | 23  |
| <b>LOCALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE PESQUISA</b> .....  | 27  |
| <b>SEÇÃO I</b> .....   | 32  |
| <b>MODERNIZAÇÕES E SEUS PROCESSOS CONTRADITÓRIOS: camponeses/as e<br/>trabalhadores/as da terra na luta por sua Existência</b> ..... | 32  |
| <b>1.1 A chegada das modernizações no Brasil e as hegemonias capitalistas</b> .....  | 34  |
| <b>1.2 Camponeses/as na luta pela manutenção de suas Existências</b> .....   | 48  |
| <b>SEÇÃO II</b> .....  | 54  |
| <b>FEIRAS LIVRES MUNICIPAIS: fazendo feiras e tecendo estórias</b> .....   | 54  |
| <b>2.1 Feiras livres: apontamentos sobre sua geo-história</b> .....  | 55  |
| <b>2.2 FEIRAS LIVRES: seu acontecer no Brasil e em Goiás</b> .....   | 64  |
| <b>SEÇÃO III</b> .....   | 83  |
| <b>CONHECENDO A FEIRA E OS/AS CAMPONESES/AS FEIRANTES DA FEIRA NA<br/>PRAÇA DUQUE DE CAXIAS</b> .....                                | 83  |
| <b>3.1 Praça Duque de Caxias</b> .....   | 83  |
| <b>3.2 Quem são os/as camponeses/as feirantes que trabalham na Praça Duque de<br/>Caxias?</b> .....                                  | 91  |
| <b>3.3 Observações sobre o acontecer da feira na Praça Duque de Caxias e sobre<br/>seus/suas camponeses/as feirantes</b> .....       | 104 |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....  | 108 |
| <b>REFERÊNCIAS</b> .....   | 111 |
| <b>APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA</b> .....  | 117 |

## INTRODUÇÃO

Foto 01- Feira livre na Praça Duque de Caxias em Catalão/GO



Fonte: Pesquisa de campo (jul. 2019). Autora: Resende, C.B.F.

A feira livre é uma forma de mercado periódico realizado contemporaneamente, mas que existe desde períodos longínquos na história da humanidade. A relevância desse tipo de comércio se destaca atualmente, pois as cidades se encontram inseridas em uma sociedade com modelos de consumo e produção de alimentos decorrentes do sistema capitalista, esse que *lança mão* da modernização por todo o planeta. Diante disso, o espaço urbano e o espaço público, principalmente, tornam-se importantes para a discussão e a reflexão sobre o tema. Ao se tratar de espaços públicos nesta pesquisa se estará referindo às praças, parques e vias públicas em Catalão/GO.

O espaço urbano é o lugar majoritário em que as feiras livres acontecem, em que os/as feirantes ocupam locais públicos com o intuito de acessarem um mercado diferenciado, principalmente por conta dos produtos comercializados. Outras motivações são os preços, a qualidade dos produtos e o tratamento personalizado aos consumidores.

Nesse sentido, os/as feirantes, os/as camponeses/as feirantes e demais sujeitos que laboram na feira livre encontram nos locais públicos uma forma de se reproduzirem

socialmente, gerando relações sociais com a população, sejam essas comerciais ou pessoais. A renda gerada contribui para os/as feirantes, principalmente para os/as camponeses/as feirantes, parte desses que, por muitas vezes, possui apenas essa fonte de renda monetária em algumas épocas do ano.

Diante da relevância das feiras livres e das múltiplas relações que se desenvolvem através de seu acontecimento, considera-se importante e necessária a presente pesquisa, em que se indaga sobre quem são os/as camponeses/as feirantes e a origem dos produtos comercializados na feira livre que ocorre na Praça Duque de Caxias em Catalão/GO.

Compreende-se o contexto espacial, social e econômico em que o campesinato e suas gerações viveram e investiga-se a sua Existência e a reprodução social a partir da feira livre. Por isso, esta pesquisa objetiva, principalmente, confirmar ou refutar a hipótese de que as feiras livres contribuem para a reprodução social do campesinato, sendo uma forma de mercado para o qual os/as camponeses/as levam a produção familiar, adquirindo renda para o consumo de bens que não são produzidos pela família, mas que são necessários para a Existência.

Na atualidade, tem-se a hegemonia das monoculturas e a produção de *commodities* a partir dos princípios da Revolução Verde participando ativamente das decisões políticas, a exemplo da Bancada Ruralista. Nesse contexto, frente às diversas mudanças espaciais, a produção familiar foi desvalorizada, especialmente nas últimas décadas, expulsando milhares de famílias da terra e obrigando-as a viverem em novas dinâmicas sociais e econômicas, sendo que algumas foram levadas à condição de miserabilidade nas periferias urbanas. Essas famílias que outrora tiravam da terra o seu sustento sofreram com o abandono social orquestrado por parte do Estado e das elites brasileiras. Contudo, mesmo com este abandono, sabe-se também que a luta é contínua pelo acesso ou permanência na terra, e que os/as camponeses/as se empenham em encontrar formas diversas para Existir.

Diante do cenário em que a terra deixa de ser usada para a produção de alimentos e passa, majoritariamente, a ser usada para produzir negócios, esta pesquisa buscou fundamentar-se, teoricamente, nos/as camponeses/as feirantes que, nos espaços públicos, a partir das feiras livres, encontram uma forma de reprodução social; por outro lado, de forma empírica, buscou apresentar o caso da feira da Praça Duque de Caxias e suas singularidades, bem como demonstrar a existência e a relevância de camponeses/as feirantes no local.

A feira livre se torna uma importante forma de ligação entre o rural e o urbano por meio dos produtos, das prosas, das sociabilidades, dos cheiros, das cores, dos sabores, entre outros. Destarte, torna-se importante a interpretação sobre o que é o espaço na ciência

geográfica, bem como uma maior compreensão sobre os espaços públicos e a forma como as atividades das feiras livres modificam determinados lugares em espaços de prática da vida.

São essas ações/experiências que transformam espaços públicos em espaços de *(Re)Existência*<sup>1</sup> à ocupação ordenada e seletiva que ocorre nas cidades, orientada pelos agentes hegemônicos. Sabemos ainda que o espaço geográfico é um produto social, mas também é um agente do processo de construção da sociedade que, conseqüentemente, nele constrói práticas econômicas, sociais, culturais, cotidianas, envolvendo os meios rural e urbano, formados pela junção de sistemas de objetos e ações, a partir da lógica da produção capitalista - meio técnico, científico e informacional, conforme Milton Santos.

Dessa forma, esta pesquisa teve como propósito maior a compreensão sobre os/as camponeses/as feirantes que realizam a feira livre na Praça Duque de Caxias em Catalão (GO). Buscou-se, da mesma forma, analisar como esse mercado torna-se uma relevante forma de reprodução camponesa dos *trabalhadores da terra*<sup>2</sup>.

Para cumprir os objetivos desse estudo foi realizada a pesquisa de campo na Praça Duque de Caxias e proximidades no setor central de Catalão, buscando compreender, por meio das entrevistas com os/as camponeses/as feirantes, as questões norteadoras e os detalhes sobre o acontecer da feira livre, da produção e dos produtos comercializados. E, ainda, investigar sobre as questões econômicas, políticas, culturais e a participação nessa e nas demais feiras na cidade de Catalão.

Quem pode falar melhor sobre a temática são os sujeitos que laboram e vivem, cotidianamente, o universo camponês e da feira livre. Por isso, o trabalho de campo é essencial às pesquisas geográficas, pois ninguém melhor do que os sujeitos trabalhadores para relatarem as suas experiências sociais a partir das suas vivências. Considera-se que o trabalho de campo é um momento ímpar para a pesquisa, haja vista que somente a partir dos percursos no campo é que se pode compreender a realidade. Ressalte-se que nem sempre esta realidade é aquela advinda dos referenciais teóricos, pois existem as singularidades dos locais e de seus sujeitos.

---

<sup>1</sup> (RE)Existência: Segundo Mendonça (2010), é compreendida como a associação da defesa da terra de trabalho às novas ações políticas (protestos, marchas, fechamento de rodovias, ocupação de prédios públicos, entre outros) fortalecidas pelas práticas socioculturais, sendo representada pela luta contra a desterritorialização, pelo acesso à terra, pela reforma agrária, luta pela água, contra as barragens, pela defesa dos *territórios* da vida.

<sup>2</sup> *Trabalhadores da terra*: Para Mendonça (2004, p. 29), “[...] são aqueles que exercem o labor na terra e, portanto, possuem no trabalho rural as condições essenciais para a sobrevivência. Compreende os trabalhadores rurais assalariados, nas suas diversas modalidades, camponeses, agregados, parceiros, arrendatários etc., que estabelecem o sentido pleno da vida na terra e, em situação de *desfiliação social*, forjam a luta pela terra e pela reforma agrária, territorializando ações políticas contra o capital”.

Esta Dissertação está estruturada em três seções, além da Introdução e das Considerações Finais. Na primeira seção, intitulada “Modernizações e seus processos contraditórios: camponeses/as e *trabalhadores/as da terra* na luta por sua Existência”, são apresentados os processos que ocorreram e ocorrem para que se desenvolvam as modernizações, enquanto dimensões espaciais da modernidade, e, concomitantemente, busca-se compreender as mudanças socioespaciais no território brasileiro, especificamente em Goiás.

A hegemonia capitalista, expressão dos interesses das empresas capitalistas que potenciam o Estado para viabilizar suas necessidades, fortalece e concentra a exploração do campo, com novas tecnologias geradoras de maior produção e ganhos de produtividade. Disso decorre a intensificação dos conflitos gerados entre o campesinato e os empreendimentos capitalistas, ou seja, disputas por território e pelos seus recursos, e, nessa disputa desigual, por diversas vezes os/as camponeses/as se reinventam para continuarem Existindo.

Na segunda seção, intitulada “Feiras livres municipais: fazendo feiras e tecendo estórias”, busca-se proceder a uma historicização das feiras livres em um contexto mais geral, logo, pretende-se compreender sobre seu acontecer no Brasil, em Goiás e em Catalão/GO. As reflexões sobre a natureza das feiras livres, o seu acontecer histórico e as dimensões espaciais enfocam a relevância para os/as camponeses/as e suas lutas na contemporaneidade.

Já a terceira seção, intitulada “Conhecendo a feira e os/as camponeses/as feirantes na feira da Praça Duque de Caxias”, tem o intuito de conhecer a feira livre na Praça Duque de Caxias, seus sujeitos, bem como conhecer e dialogar com os/as camponeses/as feirantes que nela trabalham, evidenciando, a partir do conhecimento empírico, a relevância das feiras livres, indagando se estas representam estratégias de reprodução social do campesinato. Ainda, apresenta-se uma caracterização, tendo por base as entrevistas realizadas, do universo dos sujeitos pesquisados.

## CAMINHO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Esta seção metodológica busca apresentar os caminhos percebidos e desenvolvidos na elaboração e sistematização da pesquisa, seus percursos. Aqui se tem o objetivo de elucidar cada passo do processo de investigação, facilitando o entendimento do fenômeno estudado e do conteúdo apreendido durante o processo de pesquisa-aprendizagem.

Neste estudo *lançou-se mão* da pesquisa qualitativa, pois essa tratou de questões que envolvem pessoas, suas relações e vivências, por isso, ainda que surjam dados quantitativos, o principal propósito foi a compreensão das vivências das pessoas, principalmente dos/das camponeses/as feirantes que comercializam a produção na feira livre da Praça Duque de Caxias.

Para que fosse possível uma análise qualitativa buscou-se o caminho que se iniciou com a pesquisa teórica, de extrema importância ao processo de entendimento sobre o tema escolhido, contribuindo para a clareza das teorias que nortearam o objeto de estudo, para que, a partir de então, houvesse a possibilidade de um aprofundamento na pesquisa. Os principais conceitos tratados nesse estudo foram: feira livre, modernização territorial, camponeses, reprodução social camponesa, espaço geográfico.

Como dito, uma das etapas para o desenvolvimento da pesquisa foi a análise teórica, sendo que, para realizá-la, utilizou-se autores como: Mendonça (2004, 2010), para discussão da modernização territorial no Brasil e no Cerrado de Goiás; Moreira (2018), que discorre sobre os ciclos de exploração no Brasil; Santos (2008), que contribui com sua análise sobre o sistema de objetos e o sistema de ações; Oliveira (2001), com suas análises sobre o campesinato no Brasil; Verano (2019), com as reflexões sobre as feiras livres no estado de Goiás. Outros referenciais foram incluídos durante o processo de construção da pesquisa na medida em que a mesma necessitou de complementos para a abordagem do tema.

Ainda se destacam autores das ciências afins. Sobre as feiras livres foi utilizado o livro de Braudel (1996): “Civilização material, economia e capitalismo nos séculos XV – XVIII: os jogos das trocas”. Outra obra que se fez importante foi “A história da riqueza do homem”, de Leo Huberman (1981). Além destas, foram utilizadas outras fontes como monografias, artigos, dissertações e teses que contribuíram com a temática, destacando-se: Chaves (2011), que discorre sobre a economia e a cultura da feira livre no município de Remígio/PB; Santos (2012), que estuda sobre a feira livre e os circuitos da economia urbana no município de São Bento (PB); dentre outras.

Outra etapa foi a pesquisa documental, em que se buscou dados sobre o território, a economia, o trabalho, entre outros aspectos que foram pesquisados no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no Instituto Mauro Borges de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (IMB), no Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e na Prefeitura Municipal de Catalão (GO).

A pesquisa de campo foi de grande relevância, sendo realizada a partir de entrevistas semiestruturadas. Esta fase da pesquisa propiciou que a pesquisadora pudesse obter uma visão ampliada sobre a área de pesquisa, permitindo a apropriação de mais informações sobre o local pesquisado a partir das práticas e vivências com o local e com as pessoas que vivenciam a realidade estudada.

Nesse sentido, Mynaio (2001) afirma que a pesquisa de campo é o recorte que o pesquisador faz em termos de espaço, representando uma realidade empírica a ser estudada a partir das concepções teóricas que fundamentam o objeto da investigação. Na pesquisa, o campo é o momento da aproximação entre o pesquisador e aquilo que ele deseja conhecer, criando conhecimentos a partir da realidade presente no campo.

A pesquisa de campo foi dividida em momentos que dialogavam, quais sejam: a observação, a aplicação de roteiro de entrevista semiestruturada, o uso do diário de campo, e os registros fotográficos. Os roteiros de entrevistas semiestruturadas foram aplicados com os/as camponeses/as feirantes durante a realização da feira livre na Praça Duque de Caxias, que ocorre periodicamente, aos domingos, na área central de Catalão/GO.

Dentre os requisitos para participação na pesquisa optou-se para que ocorresse com maiores de 18 anos. Observa-se que nesta feira existem feirantes que são considerados atravessadores (aqueles que compram nos CEASAS<sup>3</sup> ou de camponeses/as que não fazem a feira e revendem os produtos nas feiras). Esses não foram abordados nas entrevistas, ou seja, feirantes atravessadores que não são camponeses/as não participaram da pesquisa, foram entrevistados apenas aqueles que produzem o que comercializam na feira livre.

A estrutura do roteiro consistiu em uma estratégia para que, por meio de entrevista, fosse alcançado um maior entendimento sobre a produção e o comércio dos produtos advindos do campo, a renda gerada pela atividade e se os/as camponeses/as feirantes residem na área rural de Catalão, além disso, objetivou-se compreender a relevância da feira livre para a vida dos/das camponeses/as e família e as perspectivas para a manutenção da feira livre.

---

<sup>3</sup> CEASAS: Denominação popular das Centrais de abastecimento, sendo elas empresas estatais ou de capital misto destinadas a promover, desenvolver, regular, dinamizar e organizar a comercialização de produtos da hortifruticultura a nível de atacado em uma região de ação.

O roteiro de entrevista semiestruturada foi aplicado junto aos/às camponeses/as feirantes que exercem suas atividades na Praça Duque de Caxias, perfazendo 12 questionários. Ressalta-se que a abordagem desses participantes se tornou de grande importância, pois representam a maioria em uma das maiores feiras dentre as que são realizadas em Catalão. Tal abordagem foi realizada em acordo com os direcionamentos e a anuência do Comitê de Ética da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Durante a pesquisa realizou-se a contagem das barracas que são instaladas periodicamente na feira da Praça Duque de Caxias e constatou-se que existem cerca de 120 bancas com produtos diversos. A pesquisa não pôde apontar um número exato de bancas ou de feirantes devido à Prefeitura de Catalão não possuir dados exatos sobre os/as feirantes desta feira livre, por isso, foi respeitada a contagem realizada durante visitas a campo, considerando o fato de que alguns/algumas feirantes não participam de todas as feiras livres.

Realizou-se ainda visitas a campo nas demais feiras da cidade de Catalão para que fossem coletadas informações com o objetivo de uma caracterização inicial. A contagem nessas feiras livres não envolveu indivíduos e, tampouco, a identificação de qualquer pessoa, apenas a contagem das bancas e a fotografia de alguns produtos comercializados.

As visitas a campo na feira da Praça Duque de Caxias foram realizadas em diversos dias e meses nos anos de 2018 e 2019, alguns desses dias foram valiosos para a observação, outros dias serviram para prostrar e tentar compreender melhor sobre as realidades ali presentes. Nos dias 18 e 25 de agosto de 2019 foram aplicados os roteiros das entrevistas.

Por meio das questões que foram aplicadas averiguou-se, a partir das respostas dos entrevistados, se estas pessoas são camponesas, quais produtos expõem na feira, se produzem os produtos que comercializam, o que a renda advinda da feira livre representa para a família do participante, bem como se era ou não sua única fonte de renda, dentre outras questões. A centralidade foi confirmar ou refutar a hipótese de que as feiras livres contribuem para a reprodução social e com a *(Re)Existência* dos/as camponeses/as diante do cenário agrário construído e estruturado no Brasil com as políticas do Estado voltadas aos grandes produtores/empresários agroindustriais e financeiros, ou seja, ao agronegócio.

Outro importante instrumento para apreender e conhecer a feira foi a elaboração do diário de campo. Foram elaborados relatos da experiência das etapas da pesquisa de campo por meio redacional, sem emissão de juízos de valor, apenas com registro de observações sobre a pesquisa de campo. Este instrumento foi usado unicamente para formulações da pesquisadora, sendo uma forma de narrar as experiências vividas no trabalho de campo e, do mesmo modo, constituiu-se como um instrumento indispensável para o aprofundamento dos

olhares sobre a realidade do espaço social. Serve como registro das informações sobre o convívio com o local de construção da história dos indivíduos - que não se pode abstrair de outras vias de pesquisa. São informações registradas evitando a perda, pois, com o passar do tempo, a memória provavelmente descartaria tais relatos (LIMA, 2002).

Quanto à utilização dos referenciais teóricos para se refletir sobre o campesinato, a feira livre e o espaço nas cidades, a fundamentação teórica baseou-se em autores como Wanderley (2007), Neves (2008), Santos (2008, 2013, 1988), Braudel (1996), entre outros. Acerca do desenvolvimento do comércio nas cidades, desde o surgimento até o momento atual, foram adotados autores como Vedana (2013) e Santos (2012) que expõem a realidade de feiras livres em distintas regiões do país. Dessa forma, a partir de tais referenciais teóricos, teve-se suporte para realizar as observações de campo e as anotações no diário de campo.

Ainda, adotou-se o uso de registros fotográficos com a finalidade de identificar as atividades dos/as camponeses/as feirantes, seus produtos, o fluxo de pessoas, o que auxiliou no mapeamento para localização de lugares diversos da feira livre em questão. Este recurso ajudou na construção da Dissertação, apreendendo as paisagens materializadas em um dado momento, e configurando-se como instrumento para compreender a dinâmica espacial na área de pesquisa.

Pode-se afirmar que existem benefícios com a elaboração desta pesquisa (aplicação dos roteiros de entrevista), pois a mesma será divulgada ao público e pode fomentar discussões acadêmicas e ações intervencionistas de gestores públicos com o objetivo de atender às demandas destacadas pelos pesquisados. Por meio dos/as camponeses/as feirantes compreende-se a realidade e o cotidiano que geram conhecimentos, valorizam a feira livre e os/as feirantes, principalmente os/as camponeses/as que atuam e que são os sujeitos desta pesquisa.

Por fim, pretende-se dar a devolutiva aos participantes desta pesquisa, em formato informacional da Dissertação (impresso e em formato de resumo), nesse sentido, a pesquisadora retornará ao local das pesquisas para que sejam explicados os resultados obtidos em forma de diálogo. Esta devolutiva também será entregue à Prefeitura Municipal de Catalão e à Secretaria Municipal de Planejamento e Regulamentação.

## LOCALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE PESQUISA

A localização da área de pesquisa demonstra a configuração espacial do objeto de estudo, dessa forma, sendo essa uma pesquisa na área da Geografia, a localização torna-se essencial. Por meio dela pode-se compreender melhor a configuração espacial e a atuação dos sujeitos pesquisados, destacadamente os/as camponeses/as feirantes. Por conseguinte, é importante ressaltar algumas informações sobre o município de Catalão (GO).

O município de Catalão se originou em meados de 1722, na ocasião da passagem de Bartolomeu Bueno da Silva Filho pela região (RIBEIRO, 2011). Em 1833, Catalão foi classificada como Vila, tornando-se sede da Comarca do Rio Paranaíba no ano de 1850, tendo *status* de cidade em 1859. Atualmente, onde outrora fora uma pequena Vila, existe uma cidade que passa por intensas transformações socioespaciais e possui mais de cem mil habitantes.

O município de Catalão está localizado na latitude 18° 9' 57" S e na longitude 47° 56' 47" W, possui altitude de 835 metros e localiza-se no Sudeste do Estado de Goiás. A mesma possui área de 3.821,463km<sup>2</sup>, população estimada de 108.823 habitantes para o ano de 2019, com densidade demográfica de 22,67 habitantes por km<sup>2</sup> (IBGE, 2010). No município, 93,6% da população vive na cidade e 6,4% no campo.

A Microrregião de Catalão é composta por onze municípios (Mapa 01), sendo: Catalão, Três Ranchos, Ouvidor, Goiandira, Davinópolis, Cumari, Anhanguera, Corumbaíba, Nova Aurora, Ipameri e Campo Alegre de Goiás. É composta ainda por dois distritos, ou seja, unidades administrativas dos municípios norteadas pelas leis orgânicas: Santo Antônio do Rio Verde e Pires Belo. Possui ainda quatro povoados (Pedra Branca, Olhos D'Água, Vila Sucena, Martírios) e dezenas de comunidades rurais camponesas (SILVA, 2016).

O município situa-se espacialmente em um eixo dinâmico do território brasileiro e goiano, com distância relativamente curta de outros geradores da grande economia no país, tais como: Brasília (DF), que se localiza a 305 km; Goiânia (GO), a 260 km; e São Paulo (SP), que se localiza a 690 km. Sendo assim, encontra-se localizado de forma privilegiada, do ponto de vista logístico e econômico, perante a circulação da economia no território nacional. Desse modo, os principais acessos à cidade ocorrem pela BR-050, que dá acesso a Brasília (DF) e ao Estado de Minas Gerais, concomitantemente a São Paulo e demais Estados. Possui acesso a GO-330, a BR-352 e a outras que dão acesso à capital do Estado de Goiás, Goiânia, entre outros municípios e Estados brasileiros. Ainda conta com a ferrovia desde o início do século XX ligando a região aos portos de Santos e Vitória.

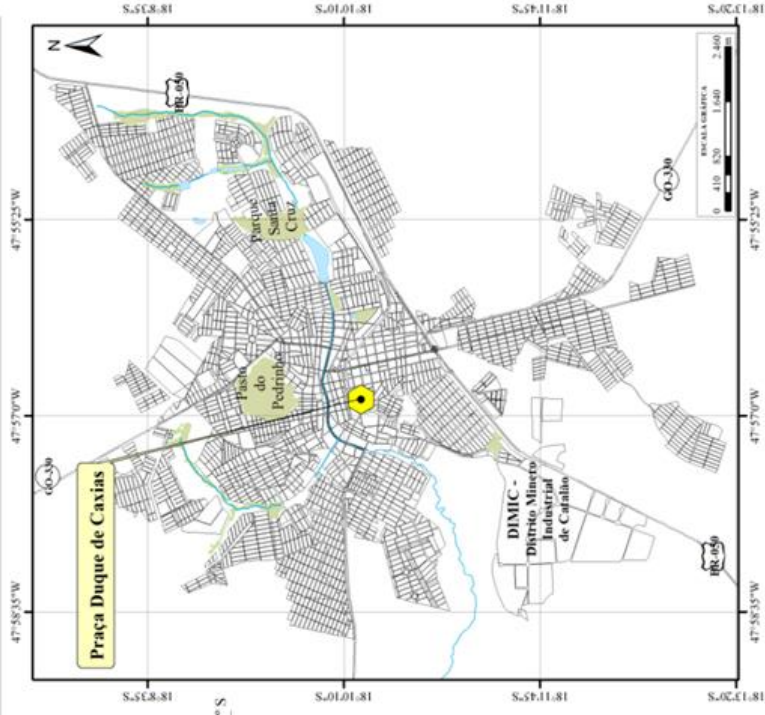
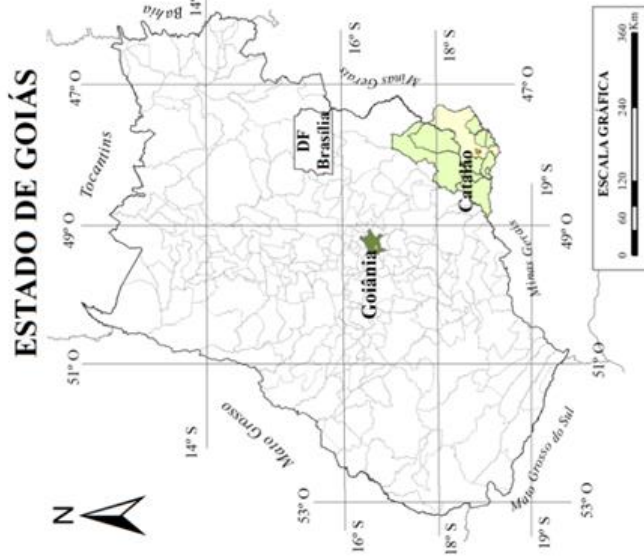
No município existem duas importantes instituições de ensino superior, o Centro Universitário (Una) e a Universidade Federal de Goiás (UFG), criada em 1983, e que atualmente passa por um processo de transição com a criação da UFCAT (Universidade Federal de Catalão). A UFCAT conta com 26 cursos presenciais e dois com modelo de educação a distância. Possui ainda dez cursos na modalidade de pós-graduação a nível de mestrado e um de doutorado. A cidade conta ainda com o ensino profissionalizante do SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), SENAC (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial) e CEPAC (Centro de Educação Profissional Agnaldo Campos Netto), entre outros centros de profissionalização.

Quanto aos aspectos econômicos do município, destacam-se agropecuária, indústria, mineração, comércio pujante que atende às necessidades gerais da população do município e região. Destaque-se o Setor Minerário-Industrial (DIMIC), que se localiza a 2 km da área central da cidade, e a mineração, com a extração e o beneficiamento de nióbio e fosfato.

No que se refere ao crescimento populacional da cidade e município, nas últimas décadas houve um crescimento notável, principalmente a partir da década de 1970. Mas vale ressaltar que a cidade e o município seguem a tendência ocupacional e de crescimento demográfico e econômico conforme o Estado de Goiás. A imigração de pessoas de outros Estados contribuiu significativamente para o crescimento populacional, em consequência, o perímetro urbano tem aumentado, especialmente, em espaços afastados do setor central.

A Praça Duque de Caxias, onde acontece a feira semanalmente (aos domingos), encontra-se localizada no setor central de Catalão (GO), no bairro Nossa Senhora de Fátima (Mapa 01). O local situa-se próximo a diversos tipos de comércio, a moradias e à linha ferroviária que adentra a cidade.

# LOCALIZAÇÃO DA PRAÇA DUQUE DE CAXIAS EM CATALÃO (GO)



## Legenda:

-  Área da Feira
-  Praça Duque de Caxias
-  Hidrografia
-  Área Verde
-  Massa de Água
-  Área Urbana de Catalão
-  Rodovia Estadual
-  Rodovia Federal
-  Município de Catalão
-  Microrregião de Catalão

## Fonte:

Base Cartográfica: SIEG, 2018; Planta Urbana: Plano Diretor de Catalão, 2016. Imagem de Satélite Landsat 8, Sensor OLI

## Organização:

Cristiany Barbosa Ferreira Resende



## Geoprocessamento:

Paulo César Pereira Matos, 2018.



A feira livre na Praça Duque de Caxias ocorre aos domingos e possui 48 anos de existência, coincidindo com a data de inauguração da Praça. Nela existem características ímpares, assim como nas demais feiras livres existentes na cidade. Nessa feira pode-se encontrar produtos diversos, alguns facilitados pela falta de fiscalização e organização, como o exemplo dos camelôs, ou outros tipos de vendedores ambulantes que comercializam produtos como brinquedos, objetos eletrônicos, utensílios diversos, como facas, entre outros.

Tanto a feira na Praça quanto a própria Praça passaram por transformações espaciais e temporais, conforme a cidade e sua população foram se modificando. Nesse sentido, alguns/algumas feirantes antigo/as, bem como *blogs* existentes na cidade, relatam que no local onde foi construída a Praça, em períodos anteriores, já existiu um cemitério que foi desativado e deslocado do local devido ao crescimento da cidade e aos interesses dos atores sociais do período. Atualmente, a feira livre na Praça Duque de Caxias atrai muitas pessoas, o local onde ela acontece sofre uma alteração na circulação de pessoas e veículos nos dias de domingo revelando que existem formas de relações singulares entre feirantes e consumidores que resultam na permanência deste tipo de comércio nos espaços públicos. A Foto 02 confirma a informação.

Foto 02 - Feira na Praça Duque de Caxias e a movimentação de pessoas e veículos



Fonte: Giovani Côrrea, Cristiany B. F. Resende. Imagens aéreas, trabalho de campo, 07 ago. 2019.

Pela foto pode-se perceber que a feira livre que ocorre na Praça Duque de Caxias gera maior aglomeração nas ruas que ocupa semanalmente, mas, percebe-se também uma maior

movimentação de veículos. Outro ponto importante a ser destacado é que a feira se encontra, atualmente, ultrapassando os limites da Praça, ocupando ruas próximas. É importante constatar que não há um controle sobre os/as feirantes que comercializam seus produtos. Por isso, muitos/as chegam à feira e nela permanecem sem que haja uma verificação prévia dos produtos que por eles/as são comercializados, bem como não há qualquer fiscalização, análise, triagem dos produtos comercializados, constituindo-se um espaço popular e de *(Re)Existência*.

## SEÇÃO I

### MODERNIZAÇÕES E SEUS PROCESSOS CONTRADITÓRIOS: camponeses/as e *trabalhadores/as da terra* na luta por sua existência

Esta pesquisa trabalha com a afirmativa de que as feiras livres são formas de comércio que se configuram como uma alternativa para a reprodução camponesa na sociedade e um modo de afirmação de sua autonomia relativa perante múltiplas frações do capital. Concebe-se o camponês enquanto unidade familiar de produção e que “Camponesas são aquelas famílias que, tendo acesso à terra e aos recursos naturais que ela suporta, resolvem seus problemas produtivos – suas necessidades imediatas de consumo e o encaminhamento de projetos que permitam cumprir adequadamente um ciclo de vida da família - mediante a produção rural [...]” (COSTA; CARVALHO, 2016, p. 23).

Nesse sentido, Shanin (1980, p. 76-77, grifos do autor) coloca que:

Um camponês não é uma palavra vazia a refletir os preconceitos do *populus*, as frivolidades linguísticas dos intelectuais ou ainda, conspirações de adeptos de uma ideologia, embora às vezes isso possa ser verdadeiro. Se revogado, este conceito (ainda?) não pode ser facilmente substituído por algo de natureza semelhante. Ele tem, assim como os conceitos de *capitalismo*, *proletariado* e, é claro, *modo de produção*, potenciais de reificação, isto é, pode ser enganoso, assim como ser usado para enganar, especialmente quando utilizado de maneira ingênua. Tem-se dito corretamente que *o preço da utilização de modelos é a eterna vigilância*. É verdade também que sem tais construções teóricas não seria absolutamente possível qualquer progresso nas ciências sociais. O camponês é uma mistificação principalmente para aqueles que são propensos a se tornar mistificados [...]. Em última instância, os conceitos devem servir não *a uma questão de reconciliação dialética de conceitos*, mas *à compreensão das relações reais*. [...] excetuando sua mistificação e sua utilização ideológica, o conceito de campesinato cumpriu, muitas vezes, todos esses serviços. Esta capacidade ainda não se esgotou.

Por isso, o sentido de camponês é designado aos sujeitos que vivem e trabalham na terra, como sujeitos criadores de sua própria Existência (NASCIMENTO, 2014). Mesmo que o conceito camponês sirva às diversas posições teórico-políticas, aqui ele servirá à compreensão sobre os/as camponeses/as feirantes que existem, criam e recriam condições para continuarem existindo.

Para melhor compreender e analisar a relevância dos/as camponeses/as feirantes presentes atualmente nas feiras livres é necessário que se busque alguns marcos sobre o tema por meio de olhar histórico, contextualizando, através da pesquisa sobre alguns dos obstáculos

que historicamente atravessaram os caminhos destes trabalhadores rurais, os/as camponeses/as.

Essa análise é necessária para exteriorizar que a presença dos/as camponeses/as nas feiras livres, atual e historicamente, pode corresponder a uma forma de fortalecimento de uma parcela populacional que foi excluída e/ou menosprezada, de certo modo, por se tratar de formas de comércio e produção ainda tradicionais na sociedade modernizada. Acredita-se que os/as camponeses/as encontram, em meio à dificuldade, diferentes formas de continuar se reproduzindo socialmente, uma dessas formas características é o comércio de seus produtos nas feiras livres.

As feiras livres ocorrem nos espaços públicos das cidades, nas praças e vias. É notório que esses locais se tornem alternativas para escoar a produção camponesa, porém, essa interação vai além do comércio e da geração de renda, sendo também uma forma de integração social destes *trabalhadores da terra*. Reconhece-se que existem outras maneiras de incorporação destes/as camponeses/as e de sua produção, mas, as feiras livres tornam-se o lugar onde encontram acesso direto aos consumidores, sem que haja qualquer forma de intermédio, conseqüentemente, acredita-se que neste lugar e com este contato direto possam ser transmitidos e trocados conteúdos múltiplos entre feirante camponês e população citadina.

Ressalta-se que os/as camponeses/as aqui poderão ser chamados de trabalhadores/as, porém, é necessário esclarecer que não são como a maioria, pois eles/as possuem a terra ou parcela do meio de produção, mas mesmo assim pertencem à classe trabalhadora, pois, são trabalhadores rurais que ocupam a terra com títulos diversos, como proprietários, arrendatários, parceiros, entre outros, produzindo e mantendo ligações diretas com a terra, independente da relação social de trabalho. Importante colocar ainda que:

Ao se pensar a classe trabalhadora no campo na contemporaneidade e mais especificamente a partir da territorialização das empresas rurais nas áreas de Cerrado é pertinente observar que é necessário considerar os camponeses como classe trabalhadora [...] são protagonistas da mais expressiva e importante ação política contra o capital. Embora esse movimento de luta pela terra possa parecer um tanto quanto contraditório, pois os camponeses lutam pela terra e, assim, buscam assegurar a propriedade privada dela, há que se lembrar da natureza da propriedade camponesa, de reprodução social da família, diferente da propriedade capitalista, que visa na espoliação do homem e da natureza a acumulação. (MENDONÇA; JÚNIOR, 2011, p. 26)

Dessa forma, a apropriação da terra se dá para que a vida possa ser reproduzida a partir do trabalho na terra baseado no trabalho de base familiar, sendo que podem haver novos elementos para assegurar a produção e fortalecê-la.

Nesse sentido, mesmo que sejam densos e complexos muitos eventos ocorridos durante a história do camponês no Brasil, esta sessão busca realizar apontamentos sobre a situação destes trabalhadores frente às principais transformações ocorridas no território brasileiro e goiano devido à modernização territorial conservadora<sup>4</sup>. Busca-se demonstrar que a presença destes trabalhadores nas feiras livres representa a persistência desses/as camponeses/as que continuam em busca pela manutenção de seu modo de vida, de produzir e de ser e existir.

### **1.1 A chegada das modernizações no Brasil e as hegemonias capitalistas**

O Brasil é um país que desde a chegada dos portugueses desenvolveu numerosas formas de desigualdade a partir da política de ocupação e organização do espaço de forma geral e do espaço agrário, ambos voltados inicialmente aos interesses da expansão da economia europeia. Cabe salientar que a organização e a reorganização dos espaços no território brasileiro se inclinaram para os interesses dos atores hegemônicos da economia e da sociedade, cada um à sua época, sendo incorporados à lógica global. Esse quadro de beneficiamento a determinados setores ou atores hegemônicos e de geração de desigualdades se manteve durante toda a história do país, porém, isto se engrandeceu drasticamente com o fortalecimento do sistema capitalista mundializado.

Com o passar dos séculos chegou-se ao atual modelo de produção capitalista marcado por mudanças intensas, e fortemente estimulado pelo processo de expansão do capital. O movimento modernizador, juntamente com as heranças históricas do país, desenvolveu enormes consequências, principalmente para as populações camponesas. Sabe-se que o campesinato se mantém no interior do capitalismo, pois este último é um sistema que gera relações capitalistas de produção, gerando também relações não capitalistas de produção, uma vez que ocorrem processos contraditórios em seu desenvolvimento (OLIVEIRA, 2001).

Dessa forma, o capital empenha-se com todos os seus esforços para chegar à mais-valia e realizar fins econômicos, por isso, o principal meio de produção camponesa é acometido, neste caso a terra, desenvolvendo disputas violentas, buscando a aniquilação e a destruição das estruturas não capitalistas que barram, de alguma forma, sua expansão (LUXEMBURG, 1970). Além disso, outro anseio do capital é que todas as classes não

---

<sup>4</sup> As referências à modernização da agricultura são compreendidas na perspectiva da modernização do capital, portanto, como modernização conservadora. A modernização patrocinada pelo capital será sempre conservadora, pois conduzirá de forma mais sofisticada à dominação, à exploração e à precarização do trabalho no processo de criação do valor e da apropriação/sujeição da renda da terra. (MENDONÇA, 2004).

capitalistas devem adquirir seus produtos, para isso, ele difunde amplamente novas técnicas em estruturas que sejam favoráveis à sua difusão, como estradas, estradas de ferro, portos, entre outros. Ao mesmo tempo, o capital fortalece as indústrias com produtos que outrora eram feitos artesanalmente, sejam eles alimentícios ou têxteis, para que fosse reduzida a economia rural a menos especialidades.

Assim, a organização do espaço agrário brasileiro é resultado dos ciclos de exploração e expansão econômicas. Isso porque, ao longo de todos os ciclos de desenvolvimento e expansão, foram elaboradas políticas voltadas ao beneficiamento das elites hegemônicas em detrimento das populações do campo e também das cidades.

Da mesma forma ocorreu com o desenvolvimento agrário do país, desde as divisões desiguais de terras no sistema das Capitânicas Hereditárias e sesmarias, em que os donatários tinham o direito de repartir e distribuir as parcelas de sua Capitania a quem lhes interessasse, de preferência àqueles com intuito de explorar seus recursos naturais (FELICIANO, 2003). Esses acontecimentos causaram graves reflexos, acarretando a concentração de terras nas mãos de latifundiários dos períodos subsequentes até a expansão do agronegócio e a implantação das empresas agrícolas na contemporaneidade.

Sobre os ciclos de exploração no Brasil, Moreira (2018) observa que há uma relação sociedade-espaço organizada em uma estrutura de acúmulos ocorridos diante do espaço-tempo. De maneira geral, o autor coloca que:

[...] pode se caracterizar a estrutura da formação social brasileira a partir da combinação de três modos de produção, sendo eles: O capitalista avançado (hegemônico), o pequeno modo de produção e o modo de produção comunitário. A reprodução do grande capital, tecida e integrada por forte mediação do Estado, é o movimento que reproduz essa estrutura como um todo. (MOREIRA, 2018, p. 13).

Para o autor, o modo de produção capitalista avançado possui dois departamentos principais, o produtor dos meios de produção e o produtor de bens e meios de consumo, sendo esses os principais responsáveis pela formação social brasileira, pois eles envolvem o todo e direcionam o movimento produtivo, local e nacional.

Ainda sobre os ciclos espaciais que ocorreram no Brasil, o autor ressalta que não se trata de períodos sem continuidade, mas, pelo contrário, eles são:

[...] a construção em camadas que aqui e ali se sobrepõe e se interrecortam em estruturas reciprocamente embutidas, numa coagulação territorial de totalidades - construção esta que demarca a formação brasileira da Colônia ao presente -, o movimento que então se percebe. Movimento que a

periodiza em três momentos, contínuos e descontínuos, de ciclos espaciais de acumulação: o agroindustrial canavieiro-açucareiro, de contração nordestina; o agroindustrial cafeeiro, de contração sudestina; e o agroindustrial sojicultor, de contração centro-oestina. (MOREIRA, 2018, p. 16)

Portanto, a organização social e espacial que existe atualmente no Brasil advém da acumulação de organizações espaciais e temporais que se fundem. São acumulações que avançam para além de sua temporalidade e se fundem na temporalidade comum, em que um ciclo adentra no próximo, sucessivamente, formando o espaço-tempo atual, dotado de contradições e desigualdades.

Pautando-se no pressuposto de que a organização social é um fator importante para o país, as leis que foram instauradas no decorrer do tempo, após a independência do Brasil, também influenciaram o desenvolvimento de disparidades sociais e a concentração de terras. Isso porque a Lei de Terras (1850) estabelecia que o acesso à terra somente se daria para aqueles que tivessem as condições de adquiri-la por meio do dinheiro. Com a legislação aumentou a impossibilidade de que os trabalhadores tivessem acesso à terra para sua sobrevivência. Martins (1994) relata que nesse processo a terra é transformada em mercadoria, assumindo um caráter de renda capitalizada e alterando as bases da ordem política e social no Brasil.

Feliciano (2003), ao discorrer sobre a Lei de Terras, afirma que:

[...] a partir desse momento, instalou-se no Brasil a propriedade privada da terra, sendo o latifúndio a característica de poder preponderante. Como o controle do poder manifestava-se pelo acesso à terra, as disputas e conflitos iniciam-se, criando um aumento cada vez maior do processo de grilagem e especulação de terras no Brasil.

Tais afirmações coadunam com a percepção de que, após a Lei das Terras, principalmente nas últimas décadas do século XX, houve perpetuação do controle e do poder preponderante de grupos de interesses sobre as terras no Brasil. É importante ainda ressaltar, ao considerar as terras no Brasil, que houve crescente estrangeirização das mesmas, intensificada a partir de 1990, com a aprovação da Emenda Constitucional nº 6, que revogou o Artigo 171 da Constituição Federal de 1988. Desde então foi dificultada a distinção entre empresas nacionais e/ou estrangeiras, enquanto, por outro lado, facilitou-se o acesso à compra para pessoas físicas estrangeiras.

Milhares de hectares de terras foram comprados por estrangeiros, tanto pessoas físicas quanto jurídicas. Os registros variam entre minifúndios, pequenas, médias e grandes propriedades. Esta procura pela compra dessas terras brasileiras se explica por uma busca

especulativa, mas também pelo crescimento da produção agrícola. Uma das demandas é a produção de *commodities* que incluem milho, soja, cana-de-açúcar, canola, arroz, entre outros (SAUER; LEITE, 2012). As vendas de terras para estrangeiros ocorrem enquanto milhares de famílias brasileiras são expulsas do campo, do meio em que sabem viver e trabalhar.

O fato é que existiram sucessivos benefícios às elites durante vários períodos da história brasileira, o que influenciou o *emperramento* da reforma agrária, que poderia amenizar as desigualdades produzidas através de várias gerações. Contudo, de maneira oposta, houve períodos em que tais desigualdades socioeconômicas se fortaleceram, numa continuação do favorecimento dos interesses de diversos grupos hegemônicos no Brasil.

Um fator que influenciou as transformações territoriais e das formas de produção da agricultura no Brasil foi a Revolução Verde, que começou a ser implantada com o propósito inicial de diminuir a fome no mundo. Entretanto, ao contrário do propósito inicial, as tecnologias geradas a partir de então se voltaram para o aumento da produção e da produtividade, que é a maior produção por unidade de área.

Os chamados pacotes tecnológicos chegaram ao Brasil nos anos de 1960-1970, não se constituindo como uma produção voltada para consumo interno, mas sim de monoculturas direcionadas ao mercado externo, com abundante produção de *commodities* inclinadas a atender às demandas das empresas capitalistas mundiais.

A partir da implementação dos pacotes tecnológicos aumentou-se a produção e a produtividade agrícolas. Isso se deu porque ocorreu o desenvolvimento de sementes modificadas geneticamente, a utilização de maquinários modernos, e o intenso uso de produtos químicos nos solos. Além disso, houve o crescimento de atividades industriais voltadas para a produção de agrotóxicos e fertilizantes que serviriam a essa nova forma de produção (MENDONÇA, 2015). Tais modernizações resultaram no desenvolvimento de plantações com mais rápida evolução e rotatividade, de maquinários capazes de substituir trabalhadores em diversas etapas da produção, entre outros.

O movimento de modernização da agricultura faz parte ainda de outro plano que já vinha sendo desenvolvido no país desde os anos 1930, quando o Estado tentava fundir a agricultura com a indústria, por conseguinte, a partir de 1960 ocorreu a mecanização intensiva dos trabalhos agrícolas e sua relação completa com o mercado urbano-industrial. Neste contexto, o Estado promoveu o melhoramento da infraestrutura em escala territorial nacional e a agricultura passou a se pautar nas relações capitalistas de produção. Todo esse cenário causou brusca alteração na forma da propriedade fundiária. Ou seja, na medida em que a agricultura solidificou seus vínculos com as tecnologias industriais, avançaram ainda mais as

formas de propriedades burguesas da terra, e, conseqüentemente, dissolveram-se as formas não capitalistas de produção (MOREIRA, 2018).

A região Centro-Oeste do Brasil foi ocupada a partir da modernização conservadora da agricultura, acarretada pelo capital, reproduzindo os interesses de parcela da sociedade que representa a hegemonia, propiciando ainda mais a dominação, a exploração e a precarização do trabalho, seja nas cidades ou no campo, tudo isso para que fosse mantido um padrão de acumulação do capital.

Neste contexto, a Marcha para o Oeste<sup>5</sup> foi um movimento importante a partir do desenvolvimento da Colônia Agrícola Nacional de Goiás (CANG) que criou oito colônias pelo estado de Goiás, sendo também importante pelo marco da transferência da capital da Cidade de Goiás para Goiânia. A Marcha propiciou a ocupação de áreas do Cerrado através de políticas de incentivo e se baseou na concepção da existência de “vazios demográficos” e da integração de regiões isoladas que deviam ser incorporadas a partir da sua ocupação e poderiam, então, com novas técnicas e tecnologias, servir aos interesses do mercado.

Vários foram os incentivos para que as empresas rurais se instalassem em Goiás, dentre eles, os fiscais e de créditos. Além disso, o baixo custo das terras, a topografia plana das chapadas, o clima favorável, a disponibilidade de água, a infraestrutura construída pelo poder público e os diversos programas estatais tornavam as terras atraentes. Houve ainda a implantação de programas como o POLOCENTRO (Programa de Desenvolvimento do Cerrado) em 1975, visando à ocupação racional e indiscriminada do Cerrado, implantando técnicas modernas na agricultura, implementando eixos rodoviários e infraestruturas necessárias para o desenvolvimento do capital; e o PRODECER (Programa Cooperativo Nipo-Brasileiro para o Desenvolvimento do Cerrado), criado em 1974, que tinha por objetivo atender à demanda mundial de alimentos (MENDONÇA, 2004, p. 28).

A partir de então, o capital territorializou-se, transformando a paisagem, a organização espacial, a vida dos/das *trabalhadores/das da terra*, dos *Povos Cerradeiros*<sup>6</sup> que viviam da agricultura. Muitos/as deles/as foram e ainda são expropriados de suas terras, veem a miséria avançar em suas vidas na medida em que aumenta a concentração de terras e riquezas para as classes hegemônicas.

<sup>5</sup> Projeto desenvolvido pelo governo de Getúlio Vargas no intuito de promover a integração econômica e o crescimento populacional das regiões Norte e Centro-Oeste do Brasil.

<sup>6</sup> Segundo Mendonça (2004), refere-se às classes sociais que historicamente viveram nas áreas de Cerrado, constituindo formas de uso e exploração da terra a partir das diferenciações, naturais-sociais, experienciando formas materiais e imateriais de trabalho, denotando relações sociais de produção e de trabalho muito próprias e em acordo com as condições ambientais, resultando em múltiplas expressões culturais. Atualmente se configuram nos trabalhadores da terra, camponeses e demais trabalhadores que lutam pela terra e pela reforma agrária, territorializando ações políticas contra o capital.

A ocupação das empresas rurais no Cerrado se dá em suas áreas planas com as plantações de culturas temporárias. Elas se instalam nas áreas planas expulsando os cerradeiros para as fronteiras agrícolas, nesse sentido, Miziara (2006) salienta que o produtor não-capitalista, quando expulso de seu local de origem, procura as “terras livres” de fronteira como área possível de reprodução. Além disso, evidencia-se que muitos/as camponeses/as perderam suas terras ou venderam por preços insignificantes, haja vista terem sido convencidos que suas terras não serviam para os cultivos intensivos ou outro tipo de uso (FIRMINO, 2013, p. 38).

As relações com o meio ambiente também começam a ser mais nocivas a partir dos crescentes avanços das empresas rurais no Centro-Oeste, isso porque no Cerrado fizeram o desmatamento indiscriminado, assorearam os cursos d’água, assassinaram os bichos, expulsaram os cerradeiros da terra, tudo isso, para promover determinados tipos de cultivo e assegurar maior produtividade das empresas rurais e lucros para o capital. Diante disso, Mendonça (2004, p. 190, grifos do autor) afirma que:

A “ocupação racional” e indiscriminada das áreas de Cerrado foi elaborada a partir de *constructos* ideológicos-culturais, sócio-econômicos e jurídico-políticos que se mesclam para assegurar um receituário que deveria ser aplicado nas áreas a serem desenvolvidas. Assim, ocorreu uma deliberação política e uma conjunção de fatores, com destaque para a regulamentação do trabalho e a prioridade às empresas rurais, que, juntos, estabeleceram as condições contratuais e normativas, assegurando os interesses do capital industrial e financeiro e, concomitantemente, garantiram a demanda por terras para a implementação da agricultura moderna.

Dessa forma, fica nítido que o Estado desde o início da implementação das modernizações exerce um apoio muito relevante para que elas se tornem realidade, apoiando os agentes do capital e ao mesmo tempo deixando parcelas da população desassistidas quanto às políticas inclusivas que poderiam valorizar diversas formas de produção.

A EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) é um exemplo de empresa fundada no ano de 1972, vinculada ao Ministério da Agricultura, que possui o intuito de promover, estimular, coordenar e executar atividades de pesquisa, bem como produzir conhecimento e tecnologias agrícolas (NETO, 1995, p. 196). Assim, foram realizadas diversas alterações biológicas, novas formas de cultivo de produtos para regiões diversas.

Através das mudanças na forma de cultivo, de mudanças espaciais, ocorrem transformações na paisagem, nesse sentido, Mendonça (2004, p. 159) aponta que:

As paisagens rurais foram bruscamente alteradas mediante a adoção das novas técnicas e tecnologias denominadas melhoramentos (terraplanagem, drenagem, irrigação, bombeamento d'água, utilização da luz, etc). A intencionalidade na nova classe – empresários rurais, propiciou uma disposição da natureza, mediante os novos equipamentos, o novo capital, os novos especialistas, que procuravam adaptá-la ao seu ponto de vista, portanto torna-la mais produtiva e lucrativa.

Além disso, existe a crescente degradação dos recursos naturais, em alguns casos, pode-se observar, em uma simples viagem pelo território goiano, que onde antes se presenciava a vegetação nativa do Cerrado e suas fitofisionomias, hoje, nota-se amplos espaços no território abertos por maquinários, áreas sob expansão para agropecuária ou para as lavouras do agronegócio que, além de alterarem o solo em suas camadas diversas, ainda contaminam o mesmo com o uso de agrotóxicos e o lençol freático, além de reduzir o fluxo de água em decorrência do uso dessa por meio de pivôs centrais existentes muitas propriedades.

Sobre os pivôs implantados nas lavouras em Goiás, o Instituto Mauro Borges de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos, no ano de 2016, mapeou 3.565 equipamentos do tipo pivô central, sendo 3.326 em Goiás e 239 no Distrito Federal, somando uma área total irrigada de 242.872,58 hectares e 14.469,58 hectares, conforme Tabela 01.

Tabela 01 - Ranking dos municípios com maior número e área irrigada por equipamentos de pivôs centrais no Estado de Goiás no ano de 2016

| Quantidade de pivôs |                     | Município             | Área cultivada (há) | Quantidade de pivôs |
|---------------------|---------------------|-----------------------|---------------------|---------------------|
| Área                | Quantidade de pivôs |                       |                     |                     |
| 1º                  | 1º                  | Cristalina            | 58.684,98           | 748                 |
| 2º                  | 4º                  | Jussara               | 12.677,50           | 114                 |
| 3º                  | 6º                  | Água Fria de Goiás    | 8.443,65            | 106                 |
| 4º                  | 3º                  | Paraúna               | 8.435,03            | 131                 |
| 5º                  | 2º                  | Morrinhos             | 7.979,68            | 157                 |
| 6º                  | 7º                  | Luziânia              | 7.757,51            | 106                 |
| 7º                  | 9º                  | Rio Verde             | 7.489,36            | 79                  |
| 8º                  | 5º                  | Campo Alegre de Goiás | 7.404,65            | 110                 |
| 9º                  | 15º                 | Ipameri               | 5.676,49            | 59                  |
| 10º                 | 11º                 | Catalão               | 5.490,66            | 68                  |

Fonte: Instituto Mauro Borges, 2017. Org.: Cristiany Barbosa F. Resende

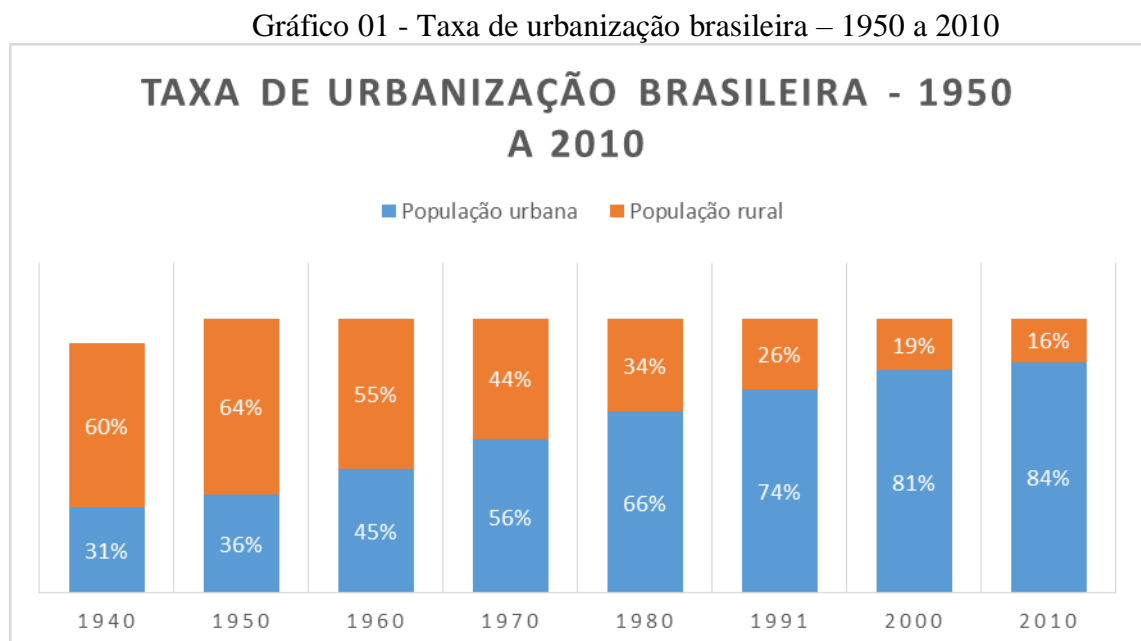
Nesse *ranking*, que totaliza 20 cidades na tabela original, organizada e disponibilizada pelo informe técnico do Instituto Mauro Borges, referente ao ano de 2016, pode-se perceber

que existe um grande número de pivôs centrais, principalmente em áreas de bacia hidrográfica.

Na pesquisa integral foi constatada a presença de 2.214 pivôs centrais na somatória dos 20 municípios estudados. No *ranking* produzido pela pesquisa é possível encontrar municípios da Microrregião de Catalão, sendo estes, Catalão (68 pivôs), Ipameri (59 pivôs) e Campo Alegre de Goiás (110 pivôs). Neles, são cultivados em grande escala oleaginosas e grãos como soja, sorgo, feijão, milho, trigo, e se utilizam os cursos d'água disponíveis em suas proximidades. A soja faz parte da alteração da paisagem do Cerrado, pois, ela é a principal cultura no estado de Goiás.

Constata-se, portanto, a extensão do crescimento das técnicas e do uso das tecnologias para a expansão capitalista através do agronegócio. Alguns dos resultados diretos da modernização da agricultura foram: a expulsão de milhares de famílias do campo, o inchaço urbano, a maior concentração fundiária e os impactos sociais e ambientais nunca vistos antes na história do Cerrado.

Para demonstrar em porcentagens a forma como a população rural encolheu, o Gráfico 01 traz informações sobre as taxas de população urbana e rural no decorrer de 60 anos no Brasil, de 1950 a 2010.



Fonte: Dados fornecidos pelo IBGE. Org.: Cristiany Barbosa F. Resende.

No Gráfico 01 constam dados da taxa de urbanização no Brasil de 1950 a 2020, sendo perceptível que a cada dez anos em que o Censo foi realizado menores foram os índices da população residente na zona rural do Brasil. Já no Estado de Goiás, constatou-se no Censo

Demográfico de 2010 que 90% da população era urbana e apenas 10% rural. Por sua vez, Catalão (GO), no Censo Demográfico de 2010, possuía apenas 6% de sua população vivendo no meio rural e 94% no meio urbano.

Muitos fatores podem explicar tal fenômeno migratório, porém, o que se entende nesta pesquisa é perceber que, além da chegada da industrialização no país, a modernização conservadora da agricultura brasileira teve forte participação nas mudanças espaciais aqui ocorridas. A saída/expulsão do homem do campo para a cidade é também resultado das novas condições dadas pela inserção das modernizações na produção da agricultura.

As formas de produção desenvolvidas para maior produtividade exigem que a natureza seja subordinada e controlada. Destarte, Silva (1996, p. 3) afirma que o processo de modernização representa para o homem a subordinação da natureza ao capital, sendo a libertação do processo de produção agropecuária das condições naturais dadas, no qual o homem passa a fabricá-las sempre que se fizerem necessárias. Dessa forma, se faltar chuva pode-se irrigar, se ocorrerem “pragas” e doenças responde-se com “defensivos” químicos (agrotóxicos), se não houver solos férteis, aduba-se, inserindo a química necessária para torná-lo apto a determinada plantação, entre outros.

Consequentemente, neste contexto, muitas desigualdades preexistentes aumentaram, pois, a maioria dos produtores não teve acesso ao novo, ao moderno. Neste sentido, Oliveira (2001, p. 186) afirma que:

[...] a chamada modernização da agricultura [...] transformou os capitalistas industriais e urbanos – sobretudo do Centro-Sul do país – em proprietários de terra, em latifundiários. A política de incentivos fiscais da Sudene e da Sudam foram os instrumentos de política econômica que viabilizaram esta fusão. Dessa forma, os capitalistas urbanos tornaram-se os maiores proprietários de terra no Brasil, possuindo áreas com dimensões nunca registradas na história da humanidade.

Percebe-se, portanto, que há reflexo das “ondas modernizadoras” ocorridas, principalmente as ocorridas no campo, no beneficiamento ou privilégios para as elites produtivas. Estes grupos detêm o poder de agir sobre as autoridades governamentais direcionando as decisões políticas para seus interesses. Além disso, as mudanças na base técnica significam uma maior concentração fundiária no país e alterações nas relações de trabalho.

O Estado respondeu aos interesses desses grupos com suas ações planejadas, incorporando tais grupos na economia brasileira. Evidencia-se ainda que a implantação da modernização no campo se deu durante o período em que o país se encontrava sob o Regime

Militar, e, por isso, vivenciava a existência de uma ideologia conservadora, além de práticas autoritárias e repressivas, ocorrendo a consolidação do modelo de modernização conservadora, concentracionista e produtivista. (WANDERLEY, 2015)

Com todas as disparidades existentes e geradas no campo e com a urgência da reforma agrária, em 1963 foi sancionado o Estatuto do Trabalhador Rural<sup>7</sup> com o suposto objetivo e discurso do ganho de direitos e benefícios semelhantes aos dos trabalhadores urbanos. Entretanto, este Estatuto não considerou as diversificações existentes entre os trabalhadores rurais, unificando sua definição para apenas “trabalhador rural”, desconsiderando as diversas formas de uso da terra e de trabalho dos posseiros, arrendatários, moradores, entre outros. A nova legislação elevou os casos de contratos por empreitadas ou temporário, o que justificou a expulsão em massa de camponeses/as e *trabalhadores/as da terra*, agravando as condições de existência deles/as.

No ano de 1964 surgiu o Estatuto da Terra (Lei nº 4.504/64), construído pelas forças conservadoras e que facilitou e estimulou a apropriação das terras pelas empresas rurais. A legislação, que parecia um avanço, foi acompanhada da mais brutal expropriação, legitimada pelo Estado, no território brasileiro, favorecendo os interesses do capital que almejava a implementação das empresas rurais (MENDONÇA, 2015).

Novamente ocorreu o favorecimento dos grandes proprietários rurais, dos latifundiários, ao mesmo tempo em que a reforma agrária, reivindicação histórica dos/as camponeses/as, manteve-se fora dos planos políticos. Ocorreu, portanto, a viabilização da implantação das modernizações que seriam dirigidas aos grupos capitalistas e que tornariam cada vez mais distante o objetivo de garantir direito à terra aos/as camponeses/as. Destarte, Moreira (2018, p. 103) afirma que:

Por meio dessa nova Lei das Terras, o que temos, no fundo, é o aprofundamento da velha linha de modernização das elites agrárias – sempre sob a égide do Estado, agora sob a forma de maciços investimentos em infraestrutura de grande escala nos espaços do campo – por intermédio da qual o Estado fomenta a industrialização acelerada da agricultura, dissolve as molecularidades regionais na unidade integrada do capitalismo e delinea nas regras do mercado unificando o desenho do espaço agrário nacional.

Observa-se que a reforma agrária, que busca medidas que garantam a distribuição justa de terras e diminuam a quantidade de latifúndios no meio rural, foi dificultada por vários atores em momentos distintos na história do Brasil. Mendonça (2010, p. 51, grifos do autor) reforça esta afirmativa quando argumenta que:

---

<sup>7</sup> Lei nº 4914, de dois de março de 1963, publicada no Diário Oficial no dia 18 de março de 1963.

[...] o processo de “modernização agrícola” verificado no país no decorrer dos anos 1960 e 1970 teve como uma de suas precondições a derrota de qualquer proposta de uma efetiva reforma agrária, uma vez que sua premissa constituiu na afirmação do desenvolvimento do capitalismo no campo com a manutenção da estrutura fundiária.

Outro impasse para a reforma agrária ocorreu no ano de 1987 com a criação da União Democrática Ruralista (UDR), um agrupamento cujo objetivo era a defesa dos grupos dominantes agrários, permitindo que os latifundiários defendessem suas propriedades, formando um fundo para eleger congressistas constituintes para que defendessem seus interesses na Constituinte. Isso ocorreu em um período no qual a violência no campo se alargava, com dezenas de mortes, como ainda ocorre atualmente. Foram protegidos, assim, os latifundiários contra as lutas camponesas.

Tendo como meta os ajustes sociais que beneficiam alguns e negligenciam muitos, o processo de modernização e a falta da reforma agrária geram diversas consequências negativas, como ocorre nos espaços de produção do/as camponeses/as, sendo elas imediatas e muito radicais. Em grandes propriedades mantinham-se trabalhadores/as camponeses/as como mão de obra permanente, contudo, devido ao maquinário mais eficiente que podia substituí-los/as em algumas etapas da produção, logo, esses/as apenas eram necessários algumas vezes ao ano, havendo expulsão em massa dos/as mesmos/as das grandes propriedades.

O capitalismo, através do agronegócio, também levou a cabo a abertura de novas fronteiras agrícolas por todo o território, causando mudança de muitas formas de relação que os/as camponeses/as possuíam com a terra, sejam eles/as posseiros, meeiros, arrendatários, foreiros ou moradores. A partir de então, foi intensificada a luta pela terra por meio de diversos grupos que se formaram com o propósito de continuarem a trabalhar e a produzir na terra. Por diversas vezes essa luta se tornou demasiadamente violenta e ocasionalmente foi regada a sangue, situação que não se distancia dos dias atuais, pois, muitos líderes de movimentos sociais, sindicais, pastorais, ONGs que defendem o direito à terra são agredidos, intimidados e mortos.

Além das modernizações no campo, o que se observa é que as modernizações do território brasileiro de forma geral também servem primeiramente às necessidades do capital, pois viabilizam os deslocamentos das mercadorias que são produzidas em grande escala. Não se trata de negar a relevância dos avanços científicos, das engenharias, ou outras, mas de refletir sobre os propósitos de seu acontecimento e de suas ações.

Por isso, afirma-se que foi através das modernizações que ocorreram as principais mudanças territoriais, e, como consequência das mesmas, houve maior mobilidade e

privilégios para que os grandes produtores pudessem garantir a saída de seus produtos das cidades, dos estados e do país (CASTILHO, 2014). A construção das rodovias no século XX é um exemplo desse contexto, pois elas são decorrentes da crescente industrialização, sendo também reflexo da “decadência” das redes ferroviárias no país que já não eram viáveis para o transporte que demandava rapidez, por conta da pressão do capitalismo pela obtenção de lucros. Por isso, as rodovias representam uma forma de maior fluidez em território nacional, elas atravessam estrategicamente o território, tornando mais ágil o transporte de mercadorias.

Por conta de todo beneficiamento de determinados grupos, através dos efeitos danosos das modernizações, principalmente do campo, os/as camponeses/as vivenciam diversos entraves para suas existências e permanências na terra, para manutenção de sua produção e para sua incorporação na sociedade, por isso, exploram formas de integrar-se para poder continuar existindo na sociedade, buscando seu espaço e reconhecimento. Mesmo com a pressão realizada pela mudança e com as mudanças já ocorridas em suas realidades, buscam manter suas produções de forma tradicional, podendo, ainda, incorporar formas diversas de apoio quando necessário e contratar ajudantes ou algum maquinário em períodos de maior colheita.

Observa-se atualmente que membros das famílias que permanecem no campo migram para as cidades em busca de uma forma de complemento da renda. A feira livre representa uma dessas formas de complemento para a renda familiar dos/as camponeses/as, porque nelas eles/as encontram um modo direto de comercializar seus produtos, portanto, a partir de suas produções muitas dessas famílias poderiam continuar com seu modo de vida e de produção. Mesmo com as mudanças que adentram a realidade dos/as camponeses/as, destaca-se, de forma geral, que:

[...] o campesinato corresponde a uma forma social de produção, cujos fundamentos se encontram no caráter familiar, tanto dos objetivos da atividade produtiva – voltados para as necessidades da família – quanto do modo de organização do trabalho, que supõe a cooperação entre os seus membros. A ele corresponde, portanto, uma forma de viver e de trabalhar no campo que, mais do que uma simples forma de produzir, corresponde a um modo de vida e a uma cultura. (WANDERLEY, 2015, p. 26)

Percebe-se que ainda em dias atuais a produção camponesa mantém em seu interior sua principal relação, que é fundamentada em propriedade, trabalho e família, possuindo certa autonomia demográfica, econômica e social, tendo a capacidade de prover a existência do grupo familiar, seja a imediata, ou buscando a existência futura para as próximas gerações

(WANDERLEY, 1996). Isso assegura formas diversificadas de *(Re)Existências*<sup>8</sup> que se tornam necessárias para a manutenção sociocultural dos/as camponeses/as, principalmente no período atual em que a modernização capitalista no campo fortaleceu os constructos políticos e ideológicos. (MENDONÇA, 2010)

Devido ao avanço das modernizações, ao crescimento do agronegócio e à necessidade capitalista de produtividade que foi incorporada ao campo, alguns autores apontam para o desaparecimento do campesinato na sociedade atual ou em um futuro muito próximo. Felício (2005) destaca que Abramovay (1992), por exemplo, coloca como certo o desaparecimento dos/as camponeses/as, na afirmativa de que a tendência seria a integração total deles/as ao mercado para poderem racionalizar ao máximo sua produção, tornando-se agricultores familiares. Da mesma forma:

A resposta marxista clássica enunciava que a concorrência com a grande agricultura destruiria inexoravelmente a produção camponesa, em parte porque se tinham como certos ganhos de escala na assimilação de insumos industriais, em parte porque se entendia que o que havia de específico na racionalidade camponesa bloquearia a sua capacidade de se modernizar para o pesado combate com a concorrência. (COSTA; CARVALHO, 2016, p. 25)

Porém, tais previsões de desaparecimento dos/as camponeses/as podem se dissipar uma vez que eles/as são atores sociais que possuem longa trajetória de luta pela terra e pela reforma agrária, demonstrando que são capazes de resistir às intempéries que surgem em seu caminho, mesmo sendo desvalorizados pelas políticas públicas e bombardeados pelas intenções do capital. Na refutação de seu papel na sociedade e nas tentativas de substituição até mesmo de seu conceito, eles reconhecem os obstáculos e os superam. Neves (2008, p. 15), ao discorrer sobre camponeses/as no Brasil, destaca que:

Tais produtores estiveram vinculados à exploração colonial, integrando-se a mercados locais ou a distância; reafirmaram-se como posição desejada no decorrer da transição do trabalho escravo para o trabalho livre; abasteceram os processos de agroindustrialização de produtos destinados à exportação; e, entre outras tantas situações, por mais de um século, vêm ocupando a Amazônia. Atualmente, se apresentam como um dos principais atores da cena política, constituída para tornar possível a construção de sociedade erguida sobre bases mais igualitárias, capazes, então, de fundamentar os princípios democráticos de coexistência social e política.

---

<sup>8</sup> Segundo Mendonça (2010, p. 196), *(Re)Existência* é compreendida como a associação da defesa da terra de trabalho às novas ações políticas (protestos, marchas, fechamento de rodovias, ocupação de prédios públicos, entre outros), fortalecidas pelas práticas socioculturais, sendo representada pela luta contra a desterritorialização, pelo acesso à terra, pela reforma agrária, luta pela água, contra as barragens, pela defesa dos *territórios* da vida.

Afirma-se, portanto, que estes atores sociais estiveram no passado, permanecem no presente e são parte da construção da sociedade nacional, ainda que, por vezes, sejam negligenciados em prol dos históricos e atuais avanços das grandes produções. Neves (2008, p. 15) destaca ainda que a luta pela valorização dos/as camponeses/as na sociedade ocorre de diversas formas, muitas delas são pouco visíveis pela sociedade, nesse sentido, argumenta que:

[...] ela se processa igualmente em um nível menos perceptível, por outras formas de resistência que dizem respeito às estratégias implementadas pelos camponeses para trabalhar, mesmo em condições tão adversas, e assegurar a reprodução da família. Essa dimensão tem, de fato, menor reconhecimento pela sociedade e mesmo na academia. Ao se afirmar historicamente essa dimensão, é importante ressaltar a capacidade dos camponeses de formular um projeto de vida, de resistir às circunstâncias nas quais estão inseridos e de construir uma forma de integração à sociedade. Essas são práticas que têm um caráter inovador ou que revelam grande capacidade de adaptação e de conquistas de espaços sociais que lhes são historicamente inacessíveis. Consideramos necessário registrar e reconhecer as vitórias, por mais invisíveis que sejam.

A realidade presenciada em diversos lugares do Brasil, de Goiás e na cidade de Catalão leva à confirmação dessa capacidade de reformulação e das diversas estratégias adotadas pelos/as camponeses/as para se reproduzirem socialmente. Diante disto, é lançada a assertiva de que as feiras livres fazem parte dessas estratégias de busca da reprodução social do campesinato.

Essa luta pela terra e pelo direito de produzir atravessa décadas, contudo, a sonhada reforma agrária nunca aconteceu para que as questões agrárias pudessem ser amenizadas no país. A respeito da questão agrária, a mesma pode ser entendida como:

O conjunto de inter-relações e contradições derivado de uma estrutura fundiária altamente concentrada que, por seu turno, também determina a concentração de poder econômico, político e simbólico, criando estruturas de sujeição da população rural e uma cultura incompatível com um tipo de exploração racional da terra [...] é possível afirmar que o desenvolvimento do país está entravado por uma “questão agrária” quando a tessitura das relações econômicas, sociais, políticas e culturais no meio rural, produz uma dinâmica perversa [...]. (MENDONÇA, 2010, p. 78, grifos do autor)

Além disso, outros foram os obstáculos para seu acontecimento, um deles foi a própria modernização agrícola que ocorreu no país (1960-70) e que derrubou qualquer proposta que pudesse viabilizar a reforma agrária, uma vez que se pretendia o desenvolvimento a partir do capitalismo no campo, para tanto, mantiveram a estrutura fundiária (MENDONÇA, 2010).

Sabendo das discrepâncias ocorridas, apoiadas e fortalecidas pelo Estado em benefício do capital na forma do agronegócio em detrimento dos/as camponeses/as e *trabalhadores/as da terra* durante toda a história agrária do país, tendo continuidade e agravamentos no período atual, os/as camponeses/as necessitam de formas que reforcem a relevância da terra para sua produção, para seu viver e Existir, criando e se recriando constantemente como um modo de contestar toda uma lógica capitalista hegemônica estabelecida no campo.

## **1.2 Camponeses/as na luta pela manutenção de suas Existências**

Tendo em vista que os processos de modernização da agricultura ocorreram e ocorrem por todo o Brasil, e, conseqüentemente, no território goiano, sabe-se que as transformações resultantes deste processo são significativas para os/as camponeses/as e *trabalhadores/as da terra*, pois, a partir de então, a produção, as relações de trabalho, as ocupações/atividades laborais e demais aspectos de suas vidas foram, parcialmente, modificados, ocorrendo uma reconfiguração socioespacial do território goiano, das estruturas materiais e das estruturas imateriais (PELÁ; MENDONÇA, 2010).

Dentro dessa lógica da modernização da agricultura (a face mais intensa da modernização recente) desenvolvida pelo capitalismo no Brasil e, especificamente no Cerrado goiano, grande parte da população do campo foi excluída do processo de modernização da agricultura por diversas razões, não existindo condições de permanecerem em suas terras, seja porque as suas terras foram tomadas por monoculturas, seja por não se adequarem ao modelo empresarial. (MESQUITA; MENDONÇA, 2016)

Diante da exclusão dos/as camponeses/as do processo de territorialização das empresas capitalistas, por meio da modernização conservadora, esses, em sua maioria, foram expulsos de suas terras e empurrados para as periferias urbanas e/ou áreas de fronteira em expansão. Porém, juntamente com esse movimento de desterritorialização, ocorreram muitas formas de fortalecimento para que continuem lutando pela reforma agrária e pelo acesso à terra ou para que permaneçam nela, organizando-se através de movimentos sociais, formando as *(Re)Existências*. Essas *(Re)Existências* podem ser conceituadas como:

[...] um processo de permanência, modificada por uma ação política que se firma nos elementos socioculturais. Significa re-enraizar para continuar enraizando ou poder criar novas raízes e mescla-las com as já existentes, formatando especialidades como condição para continuar. (PELÁ; MENDONÇA, 2010, p. 54)

Portanto, a luta é constante na vida dos/as camponeses/as e *trabalhadores/as da terra*, pois, por diversas vezes precisam criar novas formas de inserção na sociedade para continuarem Existindo. Neves (2008) argumenta que a luta pela valorização dos/as camponeses/as na sociedade ocorre de várias formas e que muitas dessas formas não são visíveis ou valorizadas pela sociedade. Formular novos projetos de vida sob condições adversas para que a reprodução familiar seja mantida e para que haja uma integração com a sociedade é a realidade de muitas famílias camponesas.

Como parte de suas buscas por continuarem existindo socialmente, os/as camponeses/as criam estratégias de auferir renda; nessa perspectiva, Rosa (2015, p. 6) argumenta que:

Ao diversificarem (produção agrícola e não agrícola) suas fontes de rendimento as famílias camponesas criam a capacidade de se desvencilharem das amarras colocadas pelo capital e negam um dos pilares do modelo capitalista de agricultura que é a especialização (monocultura). Ao produzir diferentes produtos, os camponeses conseguem fugir da oligopolização do capital, que têm como característica centrar a extração da renda em apenas um produto. A estratégia de disponibilizar diferentes produtos, como milho, cana, feijão, arroz, hortaliças, pequenos animais (frango, suínos etc.), leite, queijo, requeijão, etc., faz com que os camponeses sempre tenham algum produto para garantir sua renda.

Muitos desses/as camponeses/as criam ainda diversificadas formas de produção, como a produção de alimentos orgânicos, sem o uso de agrotóxicos. Rosa (2015) aponta que para serem possíveis algumas produções, principalmente sem agrotóxicos, alguns/algumas camponeses/as recorrem a programas governamentais, como o Programa Nacional da Agricultura Familiar (PRONAF). Essa produção tem sido direcionada aos mercados institucionais, a exemplo do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), em que a produção camponesa é comprada e direcionada para a alimentação nas escolas e instituições similares. Ainda, tem-se o Programa de Aquisição Alimentar (PAA), em que as famílias camponesas podem comercializar sementes crioulas<sup>9</sup> com o objetivo de multiplicá-las em outras Comunidades Camponesas para que possa ser assegurada certa autonomia e soberania alimentar.

---

<sup>9</sup> A semente crioula é aquela cujo germoplasma vem sendo multiplicado por agricultores através do tempo. As sementes crioulas não tiveram sua estrutura genética modificada pela indústria, em um processo de melhoramento genético. Além disso, as sementes crioulas são fundamento e produto de culturas e sociedade através da história, nelas se incorporam valores, afetos, visões, mitos e formas de vida que ligam ao âmbito do sagrado, consistindo em um meio de sustento e soberania das comunidades Camponesas e dos povos, garantindo a construção histórica e cultural. (RIBEIRO et al., 2012, p. 3)

Exemplificando a relevância da agroecologia e da valorização das sementes crioulas, na cidade de Catalão projetos foram e são desenvolvidos, como exemplo tem-se o projeto desenvolvido em 2005 pelo Prof.º Dr.º Marcelo Rodrigues Mendonça denominado *Extensão Resgate, Conservação e Produção de Sementes Crioulas nas Comunidades Rurais*, em que foi implantado um banco de sementes crioulas na Comunidade São Domingos, no município de Catalão (GO), estas sementes foram sendo resgatadas, selecionadas e armazenadas, ficando à disposição dos/as camponeses/as (RIBEIRO et al., 2012). Este projeto foi finalizado no ano de 2009.

A esse respeito, Ribeiro et al. (2012, p. 7) destacam que:

Em 2011 ocorreu a Feira e Festa de Sementes, Mudanças e Raças Crioulas em Defesa da Biodiversidade, na Universidade Federal de Goiás/Campus Catalão, através da iniciativa do Movimento Camponês Popular (MCP), do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB). O Evento estimulou e fortaleceu o trabalho com as sementes crioulas e com a Agroecologia junto às famílias camponesas não somente do município de Catalão (GO), mas de todo o Brasil, tendo também colaboradores de países africanos (Moçambique e África do Sul) e organizações camponesas da América Latina através de intercâmbio de experiências.

É importante evidenciar a relevância destes projetos e como eles são capazes de trazer ao público toda uma visibilidade para os/as camponeses/as, impulsionando a sociabilidade deles/as e fortalecendo a autonomia dos/as mesmos/as, mostrando que a forma do cultivo e a cultura camponesa envolvem saberes, sentidos, conhecimentos, sendo tudo isso o resultado da lida com a terra.

Estas são formas de incentivo e alternativas para a saída e a aquisição dos produtos camponeses, tornando-se também um modo de produzir alimentos saudáveis para a população da cidade. Para além destas estratégias adotadas pelos/as camponeses/as, há outras, são diversas e diárias, muitas delas imperceptíveis pela sociedade, pois o campesinato no Brasil teve de se reinventar a cada período para conseguir sobreviver aos condicionantes sociohistóricos constantes impostos pelo sistema capitalista de produção. Diante dessa luta/ação política permanente eles/as desenvolvem uma identidade social de classe por meio do seu interesse em produzir e viver. Assim, Carvalho (2012, p. 30) coloca que:

[...] é a resistência social camponesa à pressão exercida pela expansão capitalista e às opressões daí derivadas que propiciam aos próprios camponeses, nessa prática social plena de contradições, não apenas o crescimento de sua consciência política, mas também a experiência da luta social em defesa de seus interesses.

A respeito dessa pressão exercida pelo capital sobre o campesinato, nota-se que os meios de produção e as relações de trabalho dos capitalistas e dos/as camponeses/as se diferenciam muito, pois, no capitalismo o único resultado que se espera é o lucro (controlam as condições de geração do lucro), porém, não que para os/as camponeses/as o lucro não seja relevante, como aponta Carvalho (2012, p. 131), mas a centralidade são as condições de reprodução da Existência.

[...] não se exclui o lucro da realidade camponesa. Longe disso. A hipótese é que, nessa realidade as expectativas em relação às necessidades e condições reprodutivas vêm primeiro: se forem atendidas, mesmo que expectativas de lucro se frustrem reiteradamente, a unidade produtiva camponesa continua em funcionamento e muito provavelmente não alterará, “só” por isso, sua rotina. Do mesmo modo, não se exclui a busca da formação de elementos de capital - a acumulação de meios de produção - como traço da realidade camponesa. Entende-se, isto sim, que tais processos se subordinam, também, às condições e necessidades reprodutivas. De modo que, ao contrário dos empreendimentos que acumulam para maximizar lucro, a unidade camponesa acumula para tornar mais eficiente a reprodução.

Dessa forma, os/as camponeses/as também obtêm o lucro, mas não se centram nele, pois, diferentemente de uma unidade capitalista, esse lucro é voltado para as necessidades da unidade familiar e reprodutiva da mesma. Destaca-se que em sua unidade produtiva os/as camponeses/as se inserem em uma fusão entre a esfera de produção e de consumo, em que realizam suas produções na realidade social do capitalismo. Dessa forma, produzem conforme a capacidade de trabalho de sua família, de acordo com a rotina de trabalho da família se estabelece um padrão de consumo. Isto que representa sua reprodução social, pois eles/as possuem necessidades inerentes à manutenção do grupo familiar (CARVALHO, 2012).

O consumo da família camponesa pode advir de fatores internos ou externos, pois pode ser adquirido no cotidiano de sociabilização com a família através de parentes, vizinhança, entre outros, sendo que eles/as consomem bens necessários e indispensáveis à reprodução da família. Já acerca dos fatores externos, Carvalho (2012) coloca que são constituídos pela “moda” de consumo de bens e serviços induzida pelos meios de comunicação de massa e valores consumistas dominantes.

Estes fatores estão presentes na vida dos/das camponeses/as. Ao se falar em fatores externos se percebe que os/as camponeses/as se inserem no consumo capitalista atualmente, visto que se utilizam, e isso é legítimo, da produção social de equipamentos, maquinários e similares, por exemplo, de objetos como televisores, telefones celulares, automóveis, entre

outros. Neste rol de consumo também se encontra parte da sua alimentação oriunda das grandes redes corporativas e disponíveis nos supermercados nas cidades.

Destarte, os/as camponeses/as necessitam do trabalho dos componentes do núcleo familiar para adquirirem os bens que se tornam necessários. Este trabalho acontece através da interação com a natureza a partir dos saberes culturais e das criações, de seus hábitos, mas também das relações existentes entre eles/ e a sociedade global, quando, por diversas vezes, lançam mão de tecnologias oriundas dos grupos econômicos hegemônicos. Neste caso, há uma força suficiente para pressionar os/as camponeses/as a usarem insumos agrícolas, como os agrotóxicos, através de sua organização com o Estado.

Para assegurar suas Existências os/as camponeses/as acatam várias imposições por parte do grande capital. Os elementos da modernização são realidade para muitos deles/as, essa que adentrou suas vidas, principalmente em seu consumo, pois eles/as necessitam de quantidades maiores de insumos, para além da quantidade que produzem para viver, por isso, suas rotinas de trabalho também são alteradas. Essas mudanças, dramáticas, são formas também de lutarem por suas Existências, de lutarem para viver, *(Re)Existirem* socialmente e se reproduzirem.

Por isso:

Para que os camponeses se reproduzam socialmente com qualidade de vida e de trabalho sempre melhores e crescentes [...] com menor transferência do sobretabalho familiar nas relações de trocas comerciais, seria necessário, mas não suficiente, que essas famílias readquirissem novas esperanças e vislumbassem uma nova utopia. Seria fundamental, então, que a reafirmação da identidade social camponesa (e a do extrativista e a dos povos indígenas) fosse revivificada não pela volta à comunidade camponesa utópica pré-capitalista, mas segundo outros referenciais sociais capazes de constituírem uma ou várias identidades comunitárias de resistência ativa à exclusão social e de superação do modelo econômico e social vigente [...]. (MARTINS, 1973, p. 28-29).

Martins (1973) argumenta que os/as camponeses/as necessitaram encontrar formas de fortalecimento e de criação de novas identidades, formando resistências, para não serem excluídos socialmente dentro do sistema capitalista, que é o modelo econômico social vigente. É nesse sentido que esta pesquisa acredita que as feiras livres, bem como a feira livre que acontece na Praça Duque de Caxias/Catalão, representam uma maneira para que esses/as camponeses/as se fortaleçam, uma vez que, através da comercialização de sua produção, resultado do seu trabalho, podem se reproduzir socialmente. Por isso, nas próximas sessões

será abordado o referencial teórico sobre as feiras livres, sobre a feira livre na Praça Duque de Caxias e sobre os/as camponeses/as feirantes que nela trabalham.

## SEÇÃO II

### **FEIRAS LIVRES MUNICIPAIS:** fazendo feiras e tecendo estórias

As feiras livres são formas de comércio realizadas desde tempos imemoriais e que seguem um curso histórico em que as trocas foram e ainda são fundamentais para as sociedades contemporâneas. As feiras ocorrem principalmente em locais públicos como praças, ruas/avenidas, atraindo diversos tipos de públicos, sendo variados também seus/suas feirantes e os produtos expostos. Ademais, há diferentes tipos de feiras, mas, nesta pesquisa, aborda-se aquelas mais elementares e que, na origem, sustentaram essa forma de comercialização, qual seja, a produção, a troca e a comercialização de produtos básicos, precisamente alimentares.

Na feira existem múltiplas relações que se dão através da pessoalidade desenvolvida pelos/as feirantes e fregueses, diferentemente do que acontece no ambiente dos supermercados, por exemplo, onde a impessoalidade é muito presente. Como forma de pessoalidade destaca-se as prosas, o aperto de mão, a informação sobre os produtos que pelos/as camponeses/as são produzidos e levados para as feiras, dentre outras.

Essa relação de pessoalidade pode gerar diversos modos de relacionamentos, sendo que a confiança entre freguês e feirante, baseada no conhecimento de seus produtos, pode ser um dos motivos da longevidade das atividades das feiras livres, uma vez que nas feiras pode-se encontrar aquelas pessoas que vão em busca de feirantes específicos.

Nesse contexto, existem as redes de supermercados que desenvolvem diversas formas de atrair os consumidores, seja pelos preços baixos, pelas cores, até mesmo pelo formato com que muitos disponibilizam frutas e verduras dentro dos supermercados, cada vez mais parecidos com as bancas de feiras. Porém, nessa dinâmica das redes de supermercado o que predomina é a existência da impessoalidade, pois, compra-se rapidamente, mas não existe contato maior com os vendedores dos caixas. Por outro lado, nas feiras livres as pessoas buscam produtos que propiciem uma alimentação mais saudável, relações mais simples e o conhecimento de que os produtos adquiridos possuem uma produção mais próxima, menos industrializada.

As feiras livres fazem parte de um conteúdo socioespacial dinâmico, na medida em que favorecem os produtores locais e também os fluxos de capitais, sendo importantes formas de escoamento de produtos advindos dos/as camponeses/as. Para os/as feirantes, as feiras podem representar uma importante forma para fortalecer a renda familiar.

Destaca-se, portanto, a presença considerável dos/as camponeses/as e *trabalhadores/as da terra* nas feiras livres, pois representam uma forma de escoar sua produção, de levar os produtos que, por vezes, produzem com a família e para a família, mas utilizam o excedente para obtenção de renda familiar.

Por outro lado, sabe-se que não são somente esses sujeitos sociais que trabalham como feirantes nas feiras, pois nas mesmas existe abundância de outros atores sociais que veem nesses espaços uma forma de trabalho como, por exemplo, os camelôs que vendem seus produtos diversos, ou os vendedores de produtos eletrônicos e brinquedos que são fenômenos do mundo globalizado e de grandes fábricas e indústrias. Constatando esse elo entre o tradicional e o moderno, pode-se dizer que a partir da realidade espacial da feira é possível aplicar a teoria dos dois circuitos (superior e inferior) de Milton Santos, sabendo que um circuito *alimenta* e complementa o outro.

Dessa forma, esta Seção busca realizar apontamentos históricos sobre o fenômeno pesquisado para que se possa refletir e compreender melhor as feiras livres em meio à sociedade do período histórico atual. Esclarece-se, *a priori*, que esta seção não tem o intuito de realizar uma análise histórica minuciosa sobre as feiras livres ou mesmo esgotar estas discussões.

Para compreender o movimento histórico sobre as feiras livres, buscou-se informações sobre a origem delas. Também se procurou compreender como se deu a permanência das feiras livres nos espaços urbanos ao longo da história até a atualidade como uma forma de comércio fortalecida, apesar das mudanças sociais e territoriais que ocorreram, mudanças essas decorrentes, principalmente, do período situado nas últimas cinco décadas, onde estão relacionadas as mudanças advindas do período técnico-científico-informacional<sup>10</sup>.

## **2.1 Feiras livres: apontamentos sobre sua geo-história**

Inicialmente, evidencia-se que o levantamento teórico sobre o tema proposto ainda se encontra limitado, principalmente no que se refere ao histórico das feiras livres. Entretanto, selecionou-se alguns autores para que esta pesquisa tenha um respaldo científico suficiente para atingir seus principais objetivos.

---

<sup>10</sup> É uma das teses apresentadas pelo geógrafo Milton Santos. Caracteriza o que denomina de período em que vivemos, em que o meio é produzido e configurado pela indissociabilidade e presença cada vez mais intensa da técnica, da ciência e da informação como componentes dos sistemas de objetos e dos sistemas de ações que formam o espaço geográfico. (SANTOS, 2009).

As feiras livres podem ser analisadas a partir de diversas vertentes e existem múltiplas versões a respeito do seu acontecimento. Essa característica se deve à sua dinâmica diversificada, podendo trazer para a pesquisa seu social, em que é possível se pesquisar sobre os/as feirantes e seus consumidores, a economia gerada pela mesma para o local ou região, suas configurações socioespaciais, entre outras.

Independente da análise, elas possuem um longo histórico na sociedade, sendo susceptíveis a adequações para as necessidades de cada período, sociedade e espaço na história do homem. Assim, elas persistem na sociedade como uma importante forma de mercado e opção de rede agroalimentar, permanecendo no presente como uma relevante alternativa de alimentação, mas também como um lugar que proporciona maior sociabilização, lugar de *(Re)Existência e Existência* socioespacial para os/as camponeses/as, espaço de apropriação, de uso dos espaços públicos e local para diversas outras práticas para a população de modo geral.

Frente ao modo capitalista de produção e consumo, as feiras livres, os/as feirantes, seus produtos e as várias correlações que esses possuem na sociedade estão na *contramão* de toda uma rede alimentícia modernizada, pautada em industrializados e produtos advindos de produção regada por conservantes e diversos produtos tóxicos ao organismo humano. Entretanto, isso não significa que os industrializados não estejam presentes nas feiras, na verdade, nelas existe o espaço para o tradicional e para o moderno, todavia, predominam os produtos *in natura*.

Ao analisar a história do surgimento das feiras livres percebe-se atividades semelhantes ao que hoje é reconhecido como tal desde o denominado escambo<sup>11</sup>, prática ancestral de troca realizada em mercados locais/regionais. Essas trocas eram de extrema importância, pois, cada uma das partes interessadas trocava entre si o excedente de sua produção. Ademais, representavam uma forma de variação na dieta das pessoas, uma vez que os excedentes eram advindos de produções distintas, ou seja, diferentes grãos de diferentes aldeias ou feudos, por exemplo.

Quanto ao local em que acontecia essa atividade, assim como ocorre no presente, as atividades de escambo e feiras livres se realizavam em espaços públicos a céu aberto (SANTOS, 2012, p. 77), costumeiramente ocorrem de forma periódica e nelas podem ser comercializados diversos tipos de produtos. Para maior compreensão sobre o conceito de feira, aponta-se que:

---

<sup>11</sup> Escambo é uma prática ancestral de trocas comerciais sem o envolvimento de moeda.

A feira (de feria, do latim, que significa festa de um santo) era, sobretudo um encontro de mercadores frequentemente vindos de muito longe que durava muitas semanas. O século XII, viu surgir ciclos de feiras regionais e inter-regionais que formaram uma espécie de mercado contínuo, exceto no período de mau tempo. (VARGAS, 2001<sup>11</sup>, p. 146 apud SANTOS, 2012, p. 76)

Além de ser uma forma de mercado periódico, as feiras livres são locais onde se comercializam variados tipos de produtos. Elas se realizam a partir da necessidade de comercialização<sup>12</sup> de produções diversas, razão primeira da origem dos mercados periódicos. Na maioria das vezes, os/as produtores/as estão presentes nesses locais, sendo eles/as mesmos/as os/as feirantes. Há, ainda, comumente, a presença de outra categoria de feirante, usualmente chamado de atravessador, um sujeito que vende produtos que não produz, ou que compra produtos para revender (SANTOS, 2012, p. 80), ou seja, são comerciantes livres que atuam na função de repassar produtos para outros compradores.

Sobre os registros do acontecimento das primeiras feiras livres, existe o apontamento de que essas já existiam na época em que Jesus teria vivido na terra, quando haveria mercadores de distintos lugares comercializando seus produtos dentro dos templos, vendedores de pombos, cambistas, entre outros (JOÃO, 2:14-16 apud CHAVES, 2011, p. 19).

Já Zanini (2017, p. 7), ao discorrer sobre as primeiras feiras livres, enfatiza que:

O renascimento mercantil vai provocar o surgimento das feiras. Algumas, como a de Saint-Denis, organizada no século VII surgem junto às abadias. Várias cidades europeias surgem justamente nos locais em que se realizavam as feiras, e essas são fundamentais para o ressurgimento das cidades e o desenvolvimento do capitalismo. São elas que dinamizam e promovem trocas nos locais em que se processam.

Em sua abordagem, Huberman (1981) afirma que as feiras livres estavam presentes na era medieval (Séc. X ao XV) e que nestes espaços os produtos eram comercializados em feiras semanais nos chamados mosteiros, ocorrendo nos arredores dos castelos e nas cidades. Nesse período, as pessoas que comercializavam seus produtos nas feiras eram chamadas de mercadores e estavam sob o controle de bispos das igrejas ou dos senhores feudais. Estes

---

<sup>11</sup> VARGAS, H. C. **Espaço terciário**: o lugar, a arquitetura e a imagem do comércio. São Paulo: editora SENAC, 2001.

<sup>12</sup> Entende-se como comercialização a troca de bens e serviços entre agentes econômicos. O fruto dessas trocas são as transações que podem ser consideradas a unidade fundamental da análise do funcionamento do sistema econômico.

mercadores percorriam várias regiões buscando trocar os excedentes de seus produtos, sendo que, habitualmente, a maior parte dessas feiras se realizava nos burgos<sup>13</sup>.

Neste contexto, é relevante compreender que as feiras livres de cada período deslocam suas configurações espaciais de acordo com diversos fatores que as afetam, tais como a organização social, a economia e a cultura predominantes. Na Era Medieval a base da economia era agrária, por isso, a agricultura representava o setor que desempenhava a principal atividade para a acumulação de riqueza. Conseqüentemente, os/as camponeses/as (servos) eram responsáveis pela produção de bens de consumo nas terras do senhor feudal, sendo que essa mesma produção chegava até os mercados locais para ser trocada por outras diferentes produções resultantes de outras áreas.

Nesse sentido, Santos (2012) corrobora com Huberman (1981) afirmando que o principal elemento para o desenvolvimento das feiras ocorreu a partir da expansão dos excedentes agrícolas produzidos no contexto de uma economia de caráter feudal, período em que havia produção destinada ao consumo, em sua maior parte, visando o caráter de autossuficiência do feudo, mas seu excedente era colocado em feiras para ser trocado por outros bens de valor equivalentes.

Foi ainda no período medieval que as feiras livres se intensificaram. Isso teria ocorrido principalmente após o século XI em decorrência do impulso ocasionado pelas Cruzadas (XI – XIV)<sup>14</sup>, que levaram milhares de europeus a atravessarem o continente, seja por terra ou pelo mar, em busca de extorquir dos muçulmanos a *Terra Prometida*. Com o advento dos mercadores viajantes, começaram a migrar novos produtos, como roupas e comidas, criando novos mercados locais (HUBERMAN, 1981).

Disso decorreu a necessidade da existência periódica de um local que facilitasse o encontro de mercadores, oriundos de regiões distintas, para que pudessem realizar trocas entre si de acordo com suas necessidades. Observa-se que as feiras surgem nesse contexto em locais onde havia prévio conhecimento da produção, procura ou interesse por determinados produtos que seriam levados para comércio.

Acerca do crescimento dos costumes das feiras livres, vários foram os países que se destacaram, dentre os quais, a França, onde, no século XII, as feiras:

---

<sup>13</sup> São núcleos urbanos existentes nas cidades medievais onde se desenvolviam o comércio de tecidos, roupas, calçados, ferramentas.

<sup>14</sup> As Cruzadas foram expedições militares organizadas pelas potências cristãs europeias, objetivando combater o domínio Islâmico, reconquistando Jerusalém e outros lugares por onde Jesus teria passado em vida, mantendo estes lugares sob domínio cristão.

[...] eram imensas, e negociavam mercadorias por atacado, que provinham de todos os pontos do mundo conhecido. A feira era o centro distribuidor onde os grandes mercadores, que se diferenciavam dos pequenos revendedores errantes e artesãos locais, compravam e vendiam as mercadorias estrangeiras procedentes do Oriente e Ocidente, Norte e Sul. (HUBERMAN, 1981, p. 25)

O autor salienta ainda que essas feiras livres se tornaram demasiadamente grandes e importantes, visto que muito ladrões - comumente chamados de saqueadores à época - começaram a se interessar pelos mercadores e por suas mercadorias, pois eles viajavam longos trajetos até chegarem às feiras e levavam consigo seus produtos. No intuito da realização das feiras e de toda a economia gerada por meio dela, os mercadores dispunham do apoio dos senhores feudais, que ofereciam proteção aos/às feirantes, não gratuitamente, mas com interesse de receberem em troca alguma forma de benefício através das feiras.

As feiras livres cresceram nesse período na medida em que a economia gerada a partir das mesmas tornou-se volumosa. Isso fortalecia o senhor feudal, que era beneficiado através de taxas pagas durante todo o processo de organização do comércio, incluindo desde a proteção contra os saqueadores na chegada dos produtos até a armação das bancas, o armazenamento das mercadorias e a saída do feirante mercador.

Isso remete ao período atual, pois, se outrora o senhor feudal era aquele que exercia o poder na sociedade feudal da Idade Média, muitas feiras hoje pagam taxas, sejam as feiras locais que ocorrem em galpões - mercados fixos – ou até mesmo aquelas realizadas em locais públicos. No Brasil, essas taxas são pagas aos detentores do poder local como, por exemplo, órgãos públicos responsáveis ou proprietários, de acordo com a legislação vigente.

Em toda sua multiplicidade de inter-relações que podem ser estabelecidas, sabe-se que nas feiras livres o comércio, a compra e a venda de produtos podem ser as relações mais praticadas, porém, outras diversas relações se realizam paralelamente. Um exemplo dessa diversidade de relações, no passado, é que:

[...] as feiras tinham, assim, importância não só por causa do comércio, mas porque aí se efetuavam transações financeiras. No centro da feira, na corte para troca de dinheiro, pesavam-se, avaliavam-se e trocavam-se as muitas variedades de moedas; negociavam-se empréstimos, pagavam-se dívidas antigas, letras de crédito e letras de câmbio circulavam livremente. Aí os banqueiros da época efetuavam negócios financeiros de tremendo alcance [...]. (HUBERMAN, 1981, p. 26)

Dessa forma, realizavam-se transações nas feiras, ultrapassando a curta economia gerada pelo comércio na mesma. Assim como na Antiguidade, atualmente ainda existem diversas formas de inter-relações, fluxos diversificados, encontros para diferentes fins dentro

das feiras livres, que vão desde a simples compra de uma mercadoria - que pode ser diferenciada em sua produção ou em seu comércio - até conversas sobre política, negócios, entre tantas outras. Nesse sentido é que Tedesco (2013) apud Zanini (2017, p. 8) constata que:

[...] as trocas ocorridas nas feiras não são apenas materiais e que elas são também um espaço de intercâmbio de saberes [...] as feiras são espaços privilegiados de sociabilidade, de trocas de elementos diversos, muito além das econômicas. Muita memória, muito conhecimento, saberes que circulam nos processos interativos de compra e venda nas feiras. Há também o trânsito entre o mundo rural e o mundo urbano como construções simbólicas que se encontram fisicamente nos espaços das feiras, nas relações entre feirantes e clientes.

Por isso, a ida à feira livre possui significados diversos e pode proporcionar trocas muito raras, em que o saber e as tradições dos/as feirantes são trazidos para as pessoas que frequentam estes locais. Ali o modo de vida rural está muito presente. O *tempo lento* em que muitos/as camponeses/as ainda vivem em sua vida e afazeres no campo é um contraste para os citadinos. Além disso, o conhecimento dos/as camponeses/as feirantes, suas memórias, suas histórias de um tempo não muito distante, são depoimentos avivados de pessoas que presenciaram as transformações socioespaciais enquanto escreviam sua história na posição de trabalhadores/as rurais/camponeses ou camponesas, lidando com a terra.

Outro momento importante na história das feiras a ser destacado é a sua rápida multiplicação, ocorrendo principalmente após o século XII, período em que se percebeu que não seria mais conveniente que os mercadores realizassem longas viagens e percorressem as feiras com pertences para a realização das trocas. Por isso, Huberman (1981) aponta que, com o crescimento dos mercados, a economia natural dos feudos, que até então era autossuficiente, transforma-se em economia de dinheiro, pois, o comércio estava em crescente expansão, havendo a necessidade dessa mudança. Todavia, apesar da mudança para a moeda e das formas de barganhar, as trocas podem existir até os dias atuais, principalmente nas feiras livres das pequenas cidades.

Braudel (1996), por sua vez, discorre sobre o tema feira livre em seu livro “Civilização, Economia e Capitalismo nos séculos XV–XVIII”, expondo sobre as engrenagens no limite inferior das trocas. Para este autor, existem formas de economia que muitas vezes estão escondidas, camufladas no tecido venoso em que a sociedade se encontra, independente do período da história. Ele coloca ainda que as feiras livres se intensificaram a partir do século XV, pois antes elas somente eram realizadas nos burgos em decorrência da

produção dos/as camponeses/as, não tendo força suficiente para se expandir, contrariando o que é afirmado por Huberman (1981) em alguns momentos.

Salienta ainda que as feiras existentes nos dias atuais possuem muitas semelhanças com as feiras da Antiguidade. Para exemplificar, assinala que:

Sob sua forma elementar, as feiras ainda hoje existem. Pelo menos vão sobrevivendo e, em dias fixos, ante nossos olhos, reconstituem-se nos locais habituais de nossas cidades, com suas desordens, sua afluência, seus pregões, seus odores violentos e o frescor de seus gêneros. Antigamente eram quase iguais; algumas bancas, um toldo contra a chuva, um lugar numerado para cada vendedor, fixado de antemão, devidamente registrado e que é necessário pagar conforme as exigências das autoridades ou proprietários [...]. (BRAUDEL, 1996, p. 14)

Assim como foi possível observar na Antiguidade, atualmente as feiras livres possuem espaço importante e contam com a participação de diversos tipos de trabalhadores e frequentadores que fazem parte por diversos motivos, sejam eles carregadores, varredores, carroceiros, camponeses - que expõem os produtos advindos de sua produção familiar -, assim como os consumidores mais abastados que buscam produtos frescos e diferenciados, ou pessoas de todas as classes sociais que também buscam produtos diversos e diferenciados para uso ou consumo distintos.

Apesar de não concordarem em alguns dados, muito do que foi expresso por Huberman (1981) vai ao encontro do que Braudel (1996) expõe, porém, o segundo autor levanta discussões mais capilarizadas sobre as feiras livres antigas. Nesse sentido, por diversas vezes sua obra demonstra que as feiras que ocorrem atualmente muito herdaram das feiras antigas de séculos passados. Acerca da permanência das feiras, mesmo com o passar dos séculos, ele enfatiza que:

Se este mercado elementar, igual a si próprio, se mantém através dos séculos é certamente porque, em sua simplicidade robusta, é imbatível, dado o frescor dos gêneros perecíveis que fornece, trazidos diretamente das hortas e dos campos das cercanias. Dados também seus preços baixos, pois este mercado elementar, onde se vende sobretudo “sem intermediários”, é a forma mais direta, mais transparente de troca [...]. (BRAUDEL, 1996, p. 15, grifos do autor)

Observa-se que as feiras livres são mercados simples, toda sua estrutura é organizada de forma básica, talvez por sua característica não fixa, não permanente, porém, trata-se de uma atividade de muito vigor e resistência. Isso se dá muito provavelmente porque seus/suas feirantes fazem toda diferença, pois é através deles/as que as feiras se tornam reais. É a partir

do trabalho dos/as feirantes que se dá o comércio e é devido a suas existências que, muitas vezes, existe a produção.

No que tange às relações nas feiras, observa-se que há particularidades, seja nos produtos, seja nas relações pessoais estabelecidas entre feirante e consumidor, quiçá, faça toda diferença a relação de mão na mão, *os olhos nos olhos*, a troca imediata, desta forma, a venda ocorre sem demora, paga-se e leva-se rapidamente (BRAUDEL, 1996). Dentre outras possibilidades, nas feiras pode-se pechinchar, negociar os preços dos produtos, e até mesmo fazer trocas, tudo isso com base na pessoalidade, relação que gera confiança e freguesia aos/às feirantes.

A história aponta que as feiras livres se oficializaram na Idade Média, entretanto, elas se popularizam entre as diferentes classes sociais a partir da Revolução Comercial<sup>15</sup> ocorrida no século XVI, pois, a partir de então, novas formas de produção e comercialização foram se disseminando pela Europa. Dentre os acontecimentos que marcam a popularização das feiras livres está a intensificação do uso da moeda, tornando as trocas mais equivalentes.

Desta forma, as feiras livres atravessaram décadas e séculos, modificando-se quando necessário e permanecendo como uma importante atividade de distribuição alimentícia, impactando os espaços onde ocorrem. Isso porque as feiras são organismos vivos, transformam-se a todo o momento, acompanhando as contradições e os conflitos da sociedade. As feiras representam ainda a diversidade, pois cada lugar tem sua feira com uma identidade particular. São também democráticas, encontram-se, convivem, competem, além disso, sujeitos sociais de todas as classes cooperam na feira.

A maioria das feiras ocorre em espaços públicos e são capazes de proporcionar diversos benefícios à população, indo para além de uma opção mais saudável, com produtos frescos ou com menores preços, elas também permitem a apropriação do território por sujeitos sociais que, muitas vezes, são excluídos dos espaços da cidade.

Por isso, pode-se afirmar que, além de uma rede agroalimentar alternativa, as feiras livres proporcionam a inclusão socioprodutiva e comercial dos/das camponeses/as e *trabalhadores/as da terra*, em que estes podem manter uma interface entre rural e urbano,

---

<sup>15</sup> A Revolução Comercial representa um período de transformações ocorridas na Europa entre os séculos XVI e XVIII. Ao final da Idade Média novidades tecnológicas começaram a aparecer na Europa, os costumes restritos de outrora passaram a se dinamizar e a busca pelos metais preciosos se tornou cada vez mais intensa. Ao mesmo tempo, foram se desenvolvendo as grandes navegações que permitiram maior circulação de mercadorias e das chamadas especiarias.

fortalecendo as cadeias curtas<sup>16</sup> de produção, bem como os circuitos regionais e locais de produção (VERANO, 2019). Os espaços das feiras podem constituir ainda um mercado alternativo de resistência e de (re)construção de autonomia para os/as camponeses/as.

A presença das feiras livres em Catalão é muito agregadora, uma vez que grande parte delas conta com a presença dos/as camponeses/as que levam a elas produtos que são diferenciados quanto à sua produção. Essas produções são organizadas pelas famílias, sendo que hortaliças, como vegetais e frutas, são colhidas às vésperas da feira, chegando viçosas ao consumidor final.

Na feira da Praça Duque de Caxias existe o senhor que vende o queijo, os frangos ou galinhas caipiras, as senhoras das quitandas, os vendedores da “gueroba” tão apreciada pelos goianos. Dentre estes atores que fazem parte desta feira está a senhora que faz a massa do pão de queijo pela madrugada para que seja assada pela manhã durante a feira. Pão de queijo que é o motivo pelo qual muitas pessoas se dirigem aos domingos à feira pela manhã para comê-lo junto ao cafezinho tão apreciado.

Depois de apertos de mão, reveladores de uma sociabilidade que é escassa na cidade, enquanto se compra os produtos os/as camponeses/as feirantes contam suas histórias e estórias, revelando suas narrativas familiares sobre seus filhos, sua comunidade, sobre sua saída do campo para a cidade. É possível a apreensão de muitos conteúdos reveladores e personificados, pois é o próprio sujeito narrando sua experiência vivida dentro do que muitos de nós, pesquisadores, conhecemos somente por meio de referenciais teóricos.

Com todas as suas singularidades, as feiras livres se consolidam mundialmente. No Brasil, elas também estão presentes em todo o território nacional e goiano, com dinâmicas e características diversificadas, presentes no decorrer do espaço, tempo e que permanecem na sociedade ainda que tenha havido diversas mudanças socioespaciais. Por isso, no próximo tópico será abordada a trajetória das feiras livres no Brasil e em Goiás, sendo perceptível que existem fortes ligações entre a forma do acontecimento das feiras livres atuais e das feiras mais antigas, porém, as mudanças sociais, espaciais e nas relações de trabalho fazem com que essas feiras sejam hoje uma forma de reprodução social camponesa.

---

<sup>16</sup> As cadeias curtas de produção são formas de comercialização de produção agrícola que buscam a proximidade entre produtores e consumidores, possibilitando conexão com maior interatividade na construção mútua de relações de confiança (SCARABELLOT, 2012)

## 2.2 Feiras livres: seu acontecer no Brasil e em Goiás

No Brasil, existem poucas literaturas específicas sobre as primeiras atividades de feiras livres, contudo, há evidências de trocas a partir da invasão portuguesa, comumente denominada de colonização, induzidas pelas tradições dos portugueses. Nessa perspectiva, Souza (2010) aponta que os portugueses *chegaram* ao território brasileiro, para eles desconhecido, deparando-se com os indígenas, terra e natureza que representavam possíveis riquezas a serem exploradas. Iniciou-se a partir de então a difusão, à força (cruz e espada), de sua cultura e hábitos, impondo-os sobre os nativos.

As trocas, nesse contexto, teriam se efetivado a partir de metais preciosos, gêneros tropicais e diversos tipos de produtos, em que nativos e portugueses, reunidos em locais pré-determinados durante certo período, supriam suas necessidades comerciais (CHAVES, 2011, p. 20), sendo que, para os portugueses, a comercialização pautou-se na obtenção das riquezas preexistente neste ambiente. O tipo de troca estabelecida neste período presumivelmente não pode ser classificado como feira, entretanto, a troca exemplifica a inserção do modo praticado nas primeiras feiras livres, ou seja, a troca de produtos com oferta e procura.

Entretanto, apesar da observação de Chaves (2011), vale ressaltar que a coroa portuguesa durante as Grandes Navegações (XV-XVI) tinha como principais objetivos a expansão comercial e a busca de produtos para comercializar na Europa, não podendo se afirmar que simplesmente ocorreram as trocas de produtos entre eles, pois ocorreram outros eventos simultaneamente, como mortes e uso da força para que indígenas fossem submetidos.

Em períodos posteriores, as feiras livres já haviam se desenvolvido e se tornado uma forma importante de comércio nas principais regiões produtivas do país. A partir de então, passou-se a existir quantidade significativa de registros e documentos sobre as feiras livres, até mesmo porque elas se estabelecem como expressiva fonte de economia local, regional, que articulava tipo de produção, e, principalmente, local de produção.

Evidencia-se ainda que:

[...] no Brasil as primeiras feiras se desenvolveram no litoral ou próximas de locais onde havia maior fluxo de pessoas. Aos poucos essas feiras foram se espalhando pelo interior do Nordeste, ganhando destaque através do gado e do algodão [...] várias cidades nordestinas como feira de Santana-BA, Itabaiana-SE, Quixadá-CE, Campina Grande-PB entre outras, desenvolveram-se a partir das atividades comerciais provenientes desde o

período colonial até os dias atuais. (SILVA et al., 2010<sup>17</sup> apud CHAVES, 2011, p. 20-21)

Apesar do exposto, pode-se também considerar como o primeiro material bibliográfico sobre feiras livres no Brasil uma carta datada de 1548, na qual o primeiro governador geral do Brasil, Tomé de Souza, determinava:

Ordenareis que nas ditas vilas e povoações (da Bahia) se faça em um dia de cada semana, ou mais, se vos parecerem necessários, feira a que os gentios possam vir vender o que tiverem e quiserem, e comprar o que houverem mister, e assim ordenareis que os cristãos não vão às aldeias dos gentios e tratar com eles [...]. (MOTT, 1975<sup>18</sup> apud OLIVEIRA, 2015, p. 12)

Com o passar dos séculos e anos, no contexto das feiras livres brasileiras, Deffontaines (1945, p. 42) aponta que do século XVII ao XIX existiam duas principais zonas ativas, sendo elas: a zona da Bahia a Santos, onde era possível encontrar plantações, tais como de cana-de-açúcar, café, cacau, algodão; e a zona do interior, que detinha uma economia baseada nas atividades da mineração/extração de minérios.

Já no final do século XIX evidenciou-se a relevância de uma feira que ocorria em Sorocaba, cidade situada no interior de São Paulo, denominada “feira de burros”. Esta feira seria de grande relevância econômica para o desenvolvimento da economia local e regional, dentre outras dinâmicas presentes no local em que acontecia ao final do século XIX. Eram negociados animais, principalmente tropas de burros, e produtos valiosos para a época, como açúcar, charque, café, entre outros, que também eram comercializados na mesma feira.

As tropas de burros eram mantidas nas vizinhanças da cidade de Sorocaba em campos dos donos ou alugados, sendo vigiadas por “camaradas” ou “peonadas” até serem vendidas e seguirem seu destino, ou até voltarem para a internada para aguardarem a feira seguinte (MEDEIROS, 1949). Os produtos ali adquiridos eram transportados no “lombo” dos burros, que eram comprados ou não na feira, isso porque até então não existiam estradas como as que se observa atualmente, por isso, eles percorriam grandes distâncias, normalmente do interior até o litoral. Havia muitas dificuldades em lidar com o relevo acidentado, assim, as cargas eram transportadas por burros ou cavalos por todo o caminho através dos planaltos elevados, podendo tardar semanas ou meses para chegarem ao seu destino final (SANTOS, 2012).

<sup>17</sup> SILVA, Edmilson Meneses da, et al. **O desenvolvimento social e econômico da feira livre de Umbaúba, 1989 a 2009**. Sergipe, 2010. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/33163/1/O-DESENVOLVIMENTO-ECONOMICO-E-SOCIAL-DA-FEIRA-LIVRE-DE-UMBAUBA-1989-A-2009/pagina1.html>>.

<sup>18</sup> MOTT, Luis Roberto de Barros. **A feira de brejo grande: um estudo de uma instituição econômica num município sergipano do baixo São Francisco**. 1975. 348 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade de Campinas, SP, 1975.

Medeiros (1949) cita que esta feira representou, em parte, a transformação econômica da cidade de Sorocaba, explicitando que nela eram realizadas várias formas de negociações com produtos regionais e locais, com animais de interesse do respectivo período e entre comerciantes advindos de outras regiões, juntamente com comerciantes locais.

Ao evidenciar a relevância econômica local ou regional desta feira, Deffontaines (1945, p. 44-45) realiza importante encadeamento, afirmando que:

[...] toda atividade era comandada pela feira de burros, a principal indústria era a dos objetos necessários aos tropeiros [...] fabricavam-se notadamente selas, baixeiros (estofa grosseiro que se colocava debaixo da sela), pelegos, cangalhas, bruacas (sacos de couro para o transporte do café), ligais (grandes cobertas de couro para proteger os carregamentos), laços [...].

Deste modo, as relações foram estabelecidas entre a produção de artigos com conhecimento prévio de sua demanda, resultando em geração de empregos e economia através do acontecimento regular da feira livre. Apesar de sua importância regional, essa feira findou-se em 1835 por motivos diversos. Acerca destas motivações, ressalta-se a decadência da produção na região norte após a atenuação da escravidão, havendo também o início da construção das estradas de ferro que inviabilizaram as estradas de terra, por meio das quais se realizava o transporte dos produtos, dentre outros fatores, que incluem as mudanças técnicas deste período.

Esses fatores de decadência chamam a atenção na obra de Santos (2006) – “A natureza do espaço, técnica e tempo, razão e emoção” - na qual o autor traça relações entre o espaço, as técnicas e as mudanças territoriais e sociais que foram ocasionadas devido ao avanço das técnicas. O autor ressalta que “[...] cada novo objeto é apropriado de um modo específico pelo espaço preexistente [...]” (SANTOS, 2006, p. 23). Assim, as estradas de tráfego das tropas de burros foram progressivamente substituídas ou ficaram no percurso dos trens que, para o período, foram considerados inovações que poderiam facilitar o transporte e o tempo em que o mesmo era realizado. Portanto, os animais como transporte foram sendo progressivamente substituídos por transporte mecânico, em consonância com o momento histórico e de desenvolvimento econômico em que o país se encontrava.

Além desta feira, muitas outras foram importantes em determinados períodos e regiões do Brasil. Assim como no exemplo dado da feira dos burros, outras feiras ocorreram e ocorrem em regiões do território brasileiro, elas possuem características diversificadas, suas mercadorias também, podendo depender da produção regional existente nos lugares em que ocorrem.

Nesse sentido, Santos (2012, p. 94-95) evidencia que:

[...] ainda que as feiras livres ou mercados periódicos são realidades no Brasil e envolvem significativos fluxos de mercadorias, pessoas e informações, integrando áreas rurais e pequenas, médias e grandes cidades, onde manifesta-se uma atividade que ainda hoje é importante para muitos sujeitos urbanos e rurais [...].

É necessário salientar ainda que, desde seu desenvolvimento no Brasil e no mundo, as feiras livres permanecem acompanhando as transformações da sociedade e do território. Assim, para alguns, as feiras podem significar uma forma primitiva de mercado, entretanto, elas perduram e se adequam às mudanças a que foram e são expostas, no intuito da permanência desta forma de mercado. Essa característica de perpetuação nas práticas sociais torna esse fenômeno pertinente de ser pesquisado.

Sobre tais alterações, destaca-se aquelas ocorridas nos últimos 50 anos, pois, a partir de então, mudou-se drasticamente o consumo alimentar das pessoas. Isto é, em decorrência de mudanças socioespaciais, o mundo e o Brasil presenciam, principalmente após a década de 1970, novas dinâmicas territoriais que incluem novas formas de produção/consumo de alimentos, a inserção ou o fortalecimento das indústrias agroalimentares, o desenvolvimento da modernização no campo, impulsionando a crescente urbanização, pois, em 2015 as cidades passaram a abrigar cerca de 84,72% da população, segundo a Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio (PNAD), formando assim grandes centros metropolitanos.

Este último dado sobre a drástica diminuição da população rural do Brasil é relevante, uma vez que se conjectura que o contexto que resulta em tal realidade também afeta a realidade das feiras livres e, principalmente, afeta a realidade dos/as camponeses/as feirantes que estão presentes nas mesmas. Para estes últimos, as feiras podem representar mais que uma forma de comércio, configurando-se como uma forma de se reproduzir socialmente a partir de sua produção e de sua inserção nos espaços urbanos.

Em Goiás, as feiras livres são comuns e facilmente encontradas nos espaços urbanos como forma de comércio que demonstra, assim como em todo o país, várias dinâmicas socioespaciais e culturais, constituindo espaços ímpares para a realização da vida social das populações das cidades. Nesses espaços ocorrem múltiplas formas de relações, de resistência, de sociabilidade, sendo o espaço que oferece alternativa para o comércio dos produtos advindos da produção dos/as camponeses/as que, por sua vez, encontram-se presentes na grande maioria destas feiras.

Verano (2019), em sua pesquisa intitulada “Feiras municipais como alternativa de comercialização para agricultores familiares”, mostra dados relevantes sobre as feiras livres que se realizam no Estado de Goiás. O autor apresenta como resultado de sua pesquisa recente a afirmativa de que na grande maioria dos municípios do Estado de Goiás são realizadas feiras livres e que nelas existe a participação massiva dos pequenos agricultores familiares, aqui compreendidos como camponeses/as.

Para demonstrar esta afirmativa, tal pesquisa coletou dados de 201 dos 246 municípios do Estado de Goiás. Desta forma, dados representativos foram apresentados, sendo um deles o de que apenas 24 municípios goianos (daqueles pesquisados) não realizam feiras, enquanto nos outros 177 municípios existem feiras semanais em pleno funcionamento, somando 369 feiras que abrigam 21.342 bancas. O estudo demonstra ainda que grande parte das feiras ocorre em cidades com menos de 30 mil habitantes, perfazendo 87,06% da amostra.

O autor demonstra a existência da tendência de se ter mais feiras e maior participação dos agricultores familiares nas cidades com menor índice populacional. Destaca-se ainda que a grande maioria das feiras acontece nos municípios com população inferior a 5 mil habitantes. Outro aspecto ressaltado por Verano (2019, p. 27) é que:

No Estado de Goiás, 41,92% das bancas das feiras dos municípios com até 500 mil habitantes são de agricultores familiares. Este é um dado muito sintomático da relevância da agricultura familiar para a persistência e para o desenvolvimento das feiras. A recorrente presença dos agricultores familiares nas feiras dos diferentes municípios demonstra que este agente social do campo não só é beneficiado com essa modalidade de comercialização, como também sustenta, dá legitimidade e operacionaliza este canal curto.

Esse autor discorre sobre o tema utilizando a categoria agricultores familiares e, para sua compreensão, lança mão do atendimento aos critérios estabelecidos pela Lei n. 11.326/2006, que estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais, e determina, em seu Art. 3º:

Para os efeitos desta Lei, considera-se agricultor familiar e empreendedor familiar rural aquele que pratica atividades no meio rural, atendendo, simultaneamente, aos seguintes requisitos:

- I - não detenha, a qualquer título, área maior do que 4 (quatro) módulos fiscais;
- II - utilize predominantemente mão-de-obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento;
- III - tenha renda familiar predominantemente originada de atividades econômicas vinculadas ao próprio estabelecimento ou empreendimento;

III - tenha percentual mínimo da renda familiar originada de atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento, na forma definida pelo Poder Executivo; (Redação dada pela Lei nº 12.512, de 2011)

IV - dirija seu estabelecimento ou empreendimento com sua família. (BRASIL, Lei 11.326/2006).

Ainda, utiliza a Portaria MDA nº 102/2012 (CORCIOLI; CAMARGO, 2016), salientando que dentre os municípios estudados o Módulo Fiscal varia entre 16 e 70 hectares. A partir desta afirmativa explica que nos municípios com população menor que 20 mil habitantes a participação da agricultura familiar é mais significativa, resultando em 50% do total de bancas.

Em municípios de médio porte, com população entre 100 e 200 mil habitantes, também se constata a participação da agricultura familiar em 50% das bancas. Logo, percebe-se que, a depender da quantidade populacional dos municípios, essa participação tende a cair, por exemplo, em feiras nos municípios com população maior que 200 mil habitantes e menor que 500 mil habitantes existe a participação de apenas 16,17% da agricultura familiar, como pode ser visto na Tabela 02.

Tabela 02 - Características das feiras em Goiás conforme quantidade populacional

|                         | Mun. com menos de 5 mil | Mun. com mais de 5 mil | Mun. com mais de 10 mil | Mun. com mais de 20 mil | Mun. com mais de 30 mil | Mun. com mais de 50 mil | Mun. com mais de 100 mil | Mun. com mais de 200 mil | Total em Goiás |
|-------------------------|-------------------------|------------------------|-------------------------|-------------------------|-------------------------|-------------------------|--------------------------|--------------------------|----------------|
| Nº de municípios        | 82                      | 48                     | 29                      | 16                      | 11                      | 7                       | 6                        | 2                        | 201            |
| Qtd. De feiras          | 70                      | 75                     | 52                      | 44                      | 37                      | 24                      | 24                       | 43                       | 369            |
| Qtd. De bancas          | 1.365                   | 1.671                  | 2.435                   | 2.691                   | 3.183                   | 3.063                   | 3.447                    | 3.487                    | 21.342         |
| Qtd. Feiras município   | 0,85                    | 1,56                   | 1,79                    | 2,75                    | 3,36                    | 3,43                    | 4,00                     | 21,05                    | 1,84           |
| Qtd. Total de bancas AF | 804                     | 857                    | 1380                    | 1287                    | 1456                    | 1448                    | 1151                     | 564                      | 8947           |
| Participação % AF total | 58,90                   | 51,29                  | 56,67                   | 47,83                   | 45,74                   | 47,27                   | 33,39                    | 16,17                    | 41,92          |

Fonte: VERANO, Thiago de Carvalho., 2019, p. 26.

A partir dessa exposição pode-se constatar que as maiores inserções dos agricultores familiares se encontram nas cidades com menores populações do Estado de Goiás. Corroborando com estes dados, Santos (2014, p. 61) afirma que “[...] de uma maneira geral as

feiras livres são parte do processo de existência das pequenas cidades, sendo demasiadamente grande o número de cidades que surgiram a partir de uma feira livre [...]”.

Os dados da pesquisa de Verano (2019) apontam para realidades presentes nas feiras, resultantes da dinâmica socioespacial existente em Goiás, em que a presença destes sujeitos no espaço urbano representa uma forma de reafirmação existencial na sociedade, uma forma de sua reprodução social. Nos municípios goianos que possuem atividades das feiras livres, ocorrem feiras exclusivas de agricultores familiares, somando-se 16,94% dentro do total de municípios que possuem feiras no Estado de Goiás.

Nota-se que em Goiás existe um grande número de feiras espalhadas pelo território. As feiras, comumente, ocorrem em espaços abertos e públicos, atraindo variados tipos de consumidores, sendo que também podem existir particularidades de acordo com cada lugar ou região em que ocorrem. Em Goiás, percebe-se que o número de feiras é emblemático, juntamente com a presença dos agricultores familiares, como trata o autor Verano (2019). Esses que produzem os alimentos para suprir as necessidades alimentícias urbanas, mas que também contemplam as necessidades do núcleo familiar e a existência do mesmo.

É importante observar que a existência de uma quantidade significativa de feiras no Estado de Goiás e, principalmente, em municípios com população com menos 10 mil habitantes, demonstra que as intensas mudanças socioespaciais ocorridas no sistema agroalimentar devido à inserção de grandes redes de supermercados, hipermercados e varejistas não foi capaz de findar ou reduzir drasticamente a importância dos/das camponeses/as na produção de alimentos no país. Pelo contrário, nestas cidades com menores índices populacionais se mantêm os modos de vida e os costumes, sendo um desses ir à feira.

Dentro dos parâmetros e a partir dos dados obtidos por Verano (2019), percebe-se que o município de Catalão se enquadra como município de população de porte médio, possuindo população estimada em 106.618 pessoas (IBGE, 2018). A mesma tem sua economia fortalecida, principalmente, pelas atividades da indústria automobilística e da extração de minérios.

Catalão também possui a economia orientada para a agropecuária que se pauta na monocultura de grãos inclinada para as agroindústrias ou para o mercado externo, afirmando assim que o município goiano não foge à lógica do capital que se dá através da territorialização do agronegócio.

Matos (2012, p. 41) destaca que:

No ano de 1975, a plantação de soja era inexpressiva. A partir de 1980 essa cultura registra aumento expressivo, tornando-se o principal cultivo do município. Em um período de dez anos (1980 – 1990), a área plantada cresceu mais de dez vezes, passando de 723 hectares para 22.000 hectares. Nos períodos posteriores, o cultivo da soja aumentou de forma abrupta, chegando em 2008 à maior área plantada e à maior produção de todos os tempos 76.000 hectares de área plantada e 243.200 toneladas. [...].

Fica nítido que desde 1975 há um expressivo crescimento das áreas cultivadas, muito disso se deve aos incentivos governamentais e à aquisição de maquinários e tecnologias capazes de produzir em maior quantidade e menor tempo, gerando a produtividade. Neste sentido, a Tabela 03 mostra que em Catalão o grão que possui maior área cultivada e maior colheita é a soja, seguida pelo milho, sendo que o trigo é o que menos ocupa áreas de plantação e, conseqüentemente, possui menor quantidade em colheita.

Além disso, também são colhidos em Catalão outros grãos, como o Sorgo, o feijão, o milho, o trigo, entre outras produções que são de proporções diferentes quanto à área plantada e à quantidade de colheita. Esses alimentos, apesar de poderem ter o mesmo destino que a soja, também são destinados ao mercado interno, alguns são utilizados como ração nos rebanhos do próprio município ou de municípios vizinhos.

Tabela 03 – Principais produções agrícolas em Catalão (GO), 2017

| <b>Grãos</b>   | <b>Qtd. Produzida em toneladas</b> | <b>Área plantada em há</b> |
|----------------|------------------------------------|----------------------------|
| Soja           | 367.200                            | 102.000                    |
| Milho          | 122.400                            | 16.000                     |
| Cana-de-açúcar | 64.000                             | 800                        |
| Sorgo          | 28.800                             | 8.000                      |
| Feijão         | 7.740                              | 2.900                      |
| Trigo          | 3.780                              | 700                        |

Fonte: Censo agropecuário, IBGE, 2017. Org.: Cristiany Barbosa F. Resende.

A Tabela 03 revela que após nove anos dos dados de Matos (2012), que se referiam ao ano safra de 2008, houve um aumento da produção de soja para 367.200 toneladas no ano de 2017, ou seja, um aumento de 124 toneladas, sendo que os hectares das áreas plantadas ultrapassaram 100.000 hectares, demonstrando que houve o crescimento da produção e das áreas em que são produzidas essas lavouras.

Os grãos produzidos em Catalão em sua maioria são para exportação, mas o agronegócio também possui fortes ligações com o comércio local, pois, na cidade se instalaram nos últimos anos diversos comércios voltados para atender às demandas do

agronegócio como, por exemplo, venda de rações, vacinas, suplementos, entre outros. Apesar da notável força com que o agronegócio se territorializa e dita mudanças espaciais e territoriais, no município de Catalão ainda se fazem presentes outras formas de produção, pois, apesar do agronegócio e da mineração terem alterado em muitos aspectos a vida dos/as camponeses/as na região, esses encontram-se na luta pelo seu fortalecimento.

No município existem diversas comunidades camponesas, que são muito importantes, uma vez que nelas se encontram as instituições comunitárias, onde famílias, a maioria camponesas, conhecem-se e se apoiam em seu cotidiano e em suas lutas diárias. Além disso, nas Comunidades há o espaço das festas, dos jogos, da religiosidade, dos esportes, da organização, da solução dos conflitos, das expressões culturais, das datas significativas, do aprendizado comum, da troca de experiências, da expressão da diversidade. Afinal, “[...] As relações de parentesco e vizinhança adquirem um papel determinante nas relações sociais do mundo camponês [...]”. (GÖRGEM, 2009 apud COSTA, 2016).

Para Silva (2014), as comunidades são o resultado de relações sociais e de trabalho do presente e do passado, a soma de um grupo de identidade e pertencimento, renovável, em um lugar do mundo. As Comunidades Camponesas de Catalão são intituladas com toponímia própria, quase sempre vinculada aos atributos geográficos da paisagem.

Em Catalão encontram-se as comunidades: Coqueiros, Custódia, Ribeirão, São Domingos, Tambiocó, Morro Agudo/Cisterna, Mata Preta e diversas outras. Muitas dessas comunidades possuem formas de organização para reivindicar suas necessidades e para organização de sua produção e comercialização. Sua reprodução na sociedade se dá a partir de estratégias econômicas que permitem sua integração à economia local e regional. Porém, muitos desses produtores dependem de terceiros, que comprem sua produção e a comercializam, em decorrência disso, o camponês fica com a menor parcela de rendimentos.

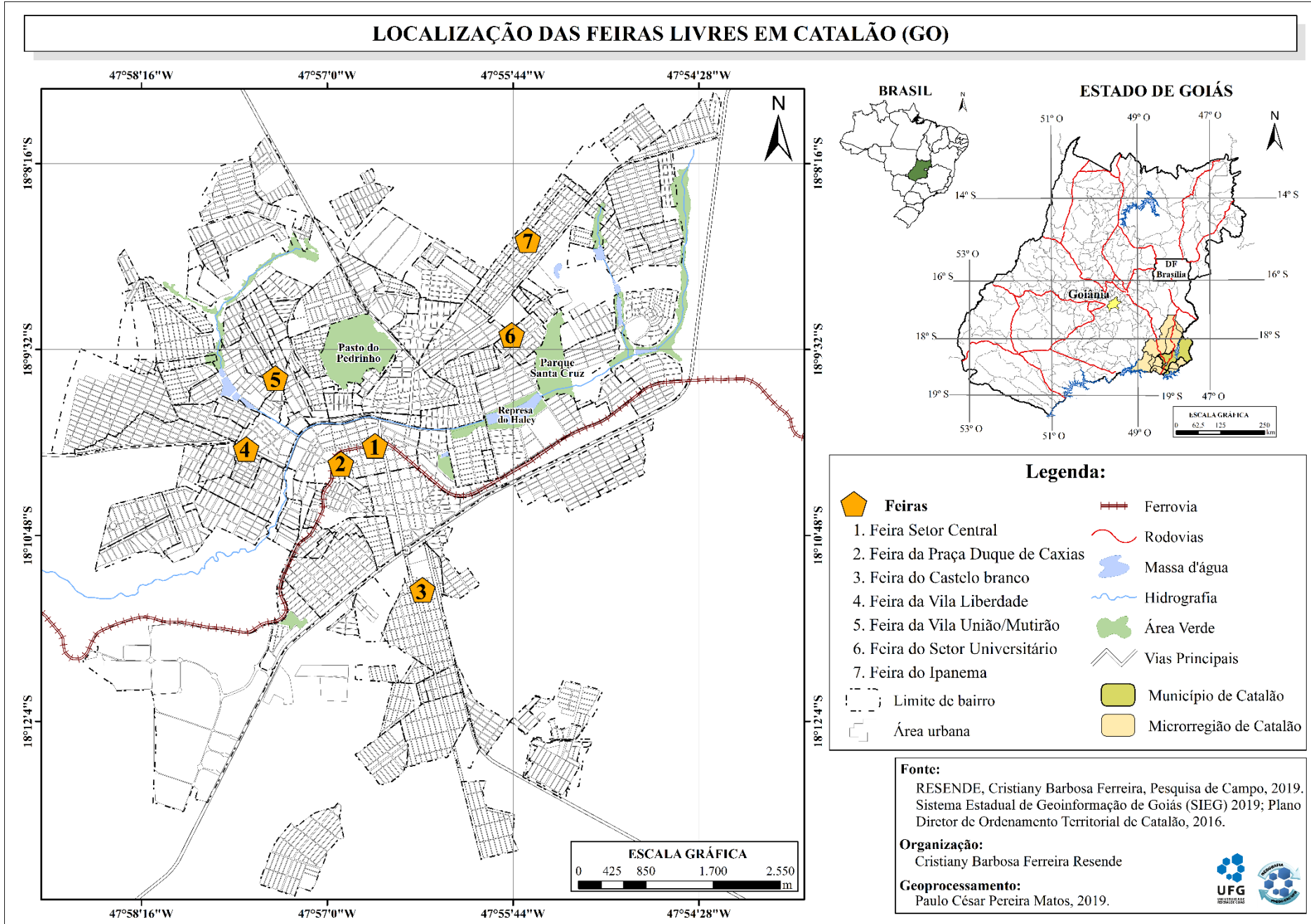
Nesse sentido, as feiras livres expressam a possibilidade de que o produtor comercialize diretamente sua produção, aproximando-se de seu consumidor e eliminando a presença de atravessadores que lhe trazem prejuízos. Além disso, nas feiras, a relação de confiança entre camponês feirante e consumidor é estimulada e isso pode contribuir com a permanência e o estabelecimento de rede de consumidores com presença habitual.

Na cidade de Catalão existem feiras que acontecem em diversos dias da semana e em locais distintos, sendo elas também diferenciadas quanto aos produtos, pois algumas têm como principal atrativo a alimentação, em outras é o comércio de hortifrutigranjeiros. Nas feiras encontram-se, além das bancas de atravessadores, as bancas de camponeses/as feirantes, esses que em cada feira estão presentes em maior ou menor número. É bastante relevante

evidenciar que ocorre também na cidade de Catalão (GO) uma feira que é constituída somente por camponeses/as feirantes.

O Mapa 02 mostra a localização das feiras livres que acontecem na cidade de Catalão (GO).

## LOCALIZAÇÃO DAS FEIRAS LIVRES EM CATALÃO (GO)



A partir das informações constantes do Mapa 02, percebe-se que existem na cidade de Catalão sete feiras livres, que ocorrem em bairros de localização distinta. Suas configurações, como organização e produtos para comércio, também são diversificadas, por exemplo, na feira do bairro Castelo Branco, apesar de serem encontradas bancas com produtos como queijo e verduras, encontra-se, na maioria das vezes, produtos já prontos para alimentação, como “espetinhos de carnes diversas”, “jantinhas”, peixe com preparo frito, macarrão, entre outros.

Na Tabela 04 são expostos os dias e os horários em que as feiras ocorrem.

Tabela 04 - Localização e horários das feiras livres em Catalão (GO)

| <b>Dia da semana</b>    | <b>Local</b>   | <b>Horário</b>         |
|-------------------------|--|------------------------|
| Segunda-feira           | Av. Ouvidor/Setor. Universitário                     | De 17h00minh às 22:00h |
| Terça-feira/Sexta-feira | R. Nassim Agel/Setor Central                         | De 05h00minh às 12:00h |
| Terça-feira             | Av. Ricardo Paranhos/Vila Liberdade                  | De 18h00minh às 22:00h |
| Quarta-feira            | Praça Manoel Arcanjo/Bairro Ipanema                  | De 16h00minh às 22:00h |
| Quinta-feira            | Av. 111/Bairro Castelo Branco                        | De 16h00minh às 22:00h |
| Sexta-feira             | Rua Rui Barbosa/Vila Mutirão                         | De 18h00minh às 22:00h |
| Domingo                 | Praça Duque de Caxias/Bairro Nossa Senhora de Fátima | Às 05h00minh às 12:00h |

Fonte: RESENDE, Cristiany Barbosa Ferreira. Pesquisa de Campo, 2019. Org.: Cristiany Barbosa F. Resende.

A partir da Tabela 4 observa-se que as feiras livres em Catalão, com exceção dos sábados, acontecem em todos os dias da semana. Conforme pode ser identificado, elas se situam em locais diversos da cidade, não acontecendo apenas na área central, mas ocorrendo também em bairros periféricos, como o Bairro Castelo Branco, o Setor Universitário e o bairro Ipanema, conforme pode ser observado no Mapa 02, o que pode facilitar o acesso a elas pela população. Observa-se ainda que os produtos e as configurações se distinguem entre as feiras livres.

A feira livre que acontece nos dias de segunda feira, no Setor Universitário, tem início às 17h e finaliza suas atividades por volta das 22h. Nela podem ser encontrados produtos diversos, dentre eles: hortaliças, frutas, grãos, quitandas, e alguns alimentos para realização da refeição no local.

Esta feira possui cerca de 23 bancas instaladas, sendo que, dessas, 11 são de refeições como macarrão, sanduíches, pastéis. A contagem das bancas foi realizada em visitas a campo

entre os dias 25 de novembro e 02 de dezembro de 2019 e dia 06 de janeiro de 2020. Na Foto 03 podem ser observadas algumas variedades dos produtos que são comercializados nessa feira, bem como a aglomeração no local.

Foto 03 - Feira Livre no Setor Universitário em Catalão/GO



Fonte: RESENDE, Cristiany Barbosa F. Trabalho de campo, 06 jan. 2020.

Outra feira importante ocorre na Margem da Estrada de Ferro, comumente conhecida como Feira da Prefeitura, no Largo em que está situado o Centro Administrativo Municipal. Esta feira acontece nos dias de terça e sexta feira a partir das 5h, encerrando suas atividades por volta de 12h. Nesta Feira encontra-se cerca de 40 bancas, em que feirantes diversos comercializam seus produtos, não havendo presença de vendedores ambulantes, ressalta-se que nela existe uma forma de organização entre os/as feirantes. Nessa feira há produtos como verduras, legumes, caldo de cana, leite e derivados, entre outros. A contagem das bancas foi realizada a partir de visitas a campo nos dias 09, 13 e 16 de dezembro de 2019. Alguns/algumas dos/as feirantes presentes também participam da feira que ocorre na Praça

Duque de Caxias aos domingos e também em outras feiras da área urbana. A Foto 04 mostra o acontecer desta feira.

Foto 04 - Feira livre em frente à Prefeitura de Catalão (GO)



Fonte: RESENDE, Cristiany Barbosa F. Visita a campo, 2019.

Às terças feiras, a partir das 18h, também acontece a feira no bairro Vila Liberdade, na Avenida Ricardo Paranhos. Essa feira, bem como a feira na Praça Duque de Caxias, é uma das que possuem maior número de bancas e feirantes. Nela podem ser encontrados produtos diversos, incluindo desde frutas, verduras, alimentação até bijuterias e produtos eletrônicos. Muitos/as dos/as trabalhadores/as feirantes que ali estão também participam de outras feiras. Em visitas a campo foram contadas 110 bancas, ressaltou-se que algumas delas ocupam mais de uma demarcação na feira e outras podem não estar presentes em alguns dias. As visitas a campo foram realizadas nos dias 10 e 17 de dezembro e 07 de janeiro de 2020. As fotos no mosaico a seguir, Foto 05, mostram a feira a partir de alguns ângulos diferentes para que se possa visualizar um pouco de sua realização, observando que a primeira foto, que é uma fotografia aérea, foi retirada de um *blog* local.

Foto 05 - Feira livre na Vila Liberdade em Catalão/GO



Fonte: RESENDE, Cristiany Barbosa F. Trabalho de campo, 2020.

Como pode ser observado na Foto 05, há brinquedos instalados na feira para que os pais possam levar suas crianças ao local como uma forma de recreação. Além disso, percebe-se também a utilização de veículos pelos/as feirantes para o transporte de suas mercadorias, no caso, o milho, para que produtos advindos dele sejam comercializados.

Já a feira livre que ocorre na Praça Manoel Arcanjo no bairro Ipanema nos dias de quarta feira (veja no Mapa 01) é exclusiva para o comércio dos produtos advindos da produção camponesa das comunidades de Catalão, sendo que sua organização se diferencia das demais, pois dela participam para vendas somente camponeses/as vinculados ao MCP (Movimento Camponês Popular). Nesta feira toda a gestão é feita pelos/as camponeses/as que coletivamente definem a garantia da diversificação da produção, a qualidade e o preço dos produtos. Esse processo é compreendido como uma ação de autonomia camponesa, uma vez que fecha o ciclo de tomada de decisões, decidindo-se o que produzir e quando produzir (ROSA, 2012).

Esse funcionamento e a organização tornam-se uma forma de fortalecimento dos/as camponeses/as, principalmente aqueles que vivem nas comunidades do município. Nessa feira, existe a presença de uma quantidade de 17 a 23 bancas, alguns/algumas feirantes esclarecem que já houve quantidade maior de participação de camponeses/as, mas, por motivos diversos, hoje a mesma possui essa quantidade de bancas.

Outra forma de fortalecimento propiciado pelas feiras e principalmente pela feira livre do bairro Ipanema é o do trabalho das mulheres camponesas. Isso porque nesta feira são elas que comercializam os produtos, revelando o importante papel que a mulher assume perante a produção da agricultura nas comunidades, especialmente com as dificuldades encontradas no seu cotidiano atual. Nesse sentido, coloca-se que:

[...] as dificuldades do dia-a-dia tornam indispensável à participação das mulheres na provisão do lar. As mulheres agricultoras possuem um papel importante na família, não apenas como elemento da produção ou do trabalho, mas também como de reprodução dentro da família. As mulheres reorganizam o cotidiano doméstico e buscam novas estratégias de sobrevivência. Os laços familiares permanecem vivos, pois elas se mantêm junto aos filhos, e mudam de atividade produtiva se adaptando às demandas do grupo doméstico. (SILVA, 2016, p. 64).

Pode-se afirmar que as mulheres possuem papel fundamental da divisão doméstica do trabalho na agropecuária, seja no cuidado com a propriedade, com os pequenos animais, no preparo dos alimentos, somando-se ao trabalho do homem. Por sua vez, Guimarães (2009) destaca que no campesinato as mulheres sempre desempenharam papel fundamental, elas são parte da mão-de-obra familiar. Cuidam, primeiramente, dos filhos e da casa e juntam-se aos demais membros para o trabalho na produção agrícola, pecuária e artesanal apoiada pelas necessidades de autossuficiência/autoconsumo e, por outro lado, estão presentes na venda dos excedentes para obter recursos necessários à compra de produtos e serviços que não produzem, isto é, relacionando-se com o espaço público.

Assim, elas também são fundadoras de estratégias para sobrevivência e *(Re)Existência* no campo, sendo uma dessas estratégias a participação nas feiras livres. Não somente na feira no bairro Ipanema, mas também nas demais, onde muitas dessas mulheres participam do processo de produção e também se deslocam para a feira a fim de comercializar os produtos. Ainda se observa o envolvimento, enquanto lideranças, nas atividades religiosas, políticas e festivas das Comunidades, configurando-se como as guardiãs de saberes e fazeres, rezas e crenças fundantes para as práticas socioculturais. Na Foto 06 pode-se verificar um pouco dos produtos levados pelos/as camponeses/as a essa feira.

Foto 06 - Produção camponesa na feira livre - Praça Manuel Arcanjo/Bairro Ipanema/Catalão/GO



Fonte: RESENDE, Cristiany Barbosa F. Trabalho de campo, 18 dez. 2019.

Outra feira que acontece em Catalão é do bairro Castelo Branco que, conforme indica a Tabela 4, ocorre na Av. 111 nos dias de quinta feira. Esta feira iniciou-se no ano de 2013, como relatam os/as feirantes, e possui a presença de cerca de 40 bancas, sendo que o número pode ser alterado de acordo com a falta esporádica de algum feirante. Nestas bancas podem ser encontrados produtos diversos e 22 delas são bancas que oferecem vários tipos de refeições, como “jantinhas”, “espetos”, peixes já preparados, dentre outros. Quatorze bancas são de venda de frutas, verduras, queijos, leite, dentre outros, e quatro bancas são de produtos como artesanatos e eletrônicos. A seguir, na Foto 07, pode-se observar alguns produtos que são comercializados na feira no bairro Castelo Branco, bem como perceber as atividades nas bancas.

Foto 07 - Feira livre no bairro Castelo Branco em Catalão/GO



Fonte: RESENDE, Cristiany Barbosa F. Trabalho de campo, 19 dez. 2019.

A próxima feira acontece nos dias de sexta feira - a feira livre na Vila Mutirão (Vila Teotônio Vilela) - na rua Rui Barbosa, e uma rua do contorno da Praça das Bandeiras. Nesta feira pode ser observada a presença de 12 a 14 bancas e, como as demais, ela conta com a presença de feirantes que comercializam produtos alimentícios, frutas, verduras, derivados do leite, pastéis, salgados, pamonhas, entre outros. A Foto 08 mostra alguns dos produtos que podem ser encontrados nessa feira, bem como sua dimensão e a movimentação de pessoas no local durante a visita a campo.

Foto 08 - Feira livre na Vila Mutirão em Catalão/GO



Fonte: RESENDE, Cristiany Barbosa F. Trabalho de campo, 19 dez. 2019.

Ao conhecer as feiras livres que acontecem na cidade de Catalão (GO) percebe-se que cada uma possui uma formatação e uma organização particulares, bem como uma estrutura e produtos diferenciados. Feiras que unem a oportunidade de comercialização para diversas produções, podendo proporcionar ainda o maior uso dos espaços públicos e uma maior interação entre os/as feirantes, camponeses/as, fregueses/consumidores.

Tendo em mente a relevância das feiras livres, seja por conta da economia gerada a partir delas, pelas diversas formas de relações presentes nelas e por sua importância na vida dos/as camponeses/as, como uma forma de geração de renda e de manutenção de sua existência, a seção III tem o intuito de conhecer melhor a feira livre que ocorre na Praça Duque de Caxias, em Catalão/GO.

### SEÇÃO III

## CONHECENDO A FEIRA E OS/AS CAMPONESES/AS FEIRANTES DA FEIRA NA PRAÇA DUQUE DE CAXIAS

A partir do conhecimento sobre muitas desigualdades desenvolvidas durante toda a história do Brasil - sejam elas de cunho social, territorial ou econômico, que atingem de várias formas as diversas camadas e grupos sociais -, bem como do reconhecimento de que os/as camponeses/as necessitam desenvolver diversas formas e estratégias que permitam que eles/as se reproduzam socialmente, juntamente com suas famílias, e possam garantir sua Existência, tem-se as feiras livres como um importante canal para que nelas os/as camponeses/as possam escoar sua produção e, ainda, que elas não são sua única fonte de renda, através delas eles/as levam até à população citadina as diversas produções que suas famílias realizam.

Esta sessão tem como intuito trazer os dados gerados a partir da pesquisa empírica realizada com os/as camponeses/as feirantes que levam seus produtos para comercialização na feira que ocorre na Praça Duque de Caxias. O objetivo da visita a campo foi conhecer quem são estes/as camponeses/as e perceber qual a produção que eles/as levam para a feira, de que forma produzem, juntamente com alguns dados econômicos sobre o grupo familiar, entre outras questões que fizessem sentido quanto ao objetivo principal de compreendê-los melhor enquanto camponeses/as e feirantes. A pesquisa foi capaz de absorver, da mesma forma, alguns dos anseios que esses/as camponeses/as feirantes possuem relativos principalmente ao ambiente em que trabalham semanalmente.

Outro ponto que foi abordado nesta pesquisa foi a busca sobre o local onde a feira ocorre, apresentando algumas informações sobre a Praça que se encontra atualmente em transformação devido a uma reforma promovida pelo poder público municipal.

### **3.1 Praça Duque de Caxias**

Em Catalão são praticamente inexistentes pesquisas acadêmicas que abordem as feiras livres com análise e conteúdo que caibam nas áreas das ciências ou na área Geográfica especificamente. Por isso, ao analisar a feira na Praça Duque de Caxias surgiram alguns obstáculos que se iniciam pela inexistência de dados sobre a mesma, principalmente por parte do poder público municipal, pois não existe controle para que se mantenha a organização e a disponibilização de dados. Frente a essa constatação, foram realizadas diversas visitas a

campo a fim de se obter o máximo de informações sobre esta feira e seus sujeitos, fenômenos pesquisados.

Assim, destaca-se que a feira livre que se realiza na Praça Duque de Caxias, localizada no bairro Nossa Senhora de Fátima, teve sua história de atividades iniciada juntamente com a história da própria Praça, há 48 anos, na década de 1970, sendo esse acontecimento relatado pelos/as mais antigos/as feirantes que ainda hoje permanecem na feira. Faz-se necessário evidenciar ainda que não foi fornecida pelo poder público municipal nenhuma documentação ou informação sobre a Praça, bem como sobre a realização desta feira. Entretanto, muitos fatos foram expostos pelos/as feirantes mais antigos/as, alguns/algumas deles/as trabalham na feira desde quando ela iniciou suas atividades. Esses informantes possuem memória muito avivada sobre a história do local onde ocorre a feira e sobre a mesma, de modo geral.

A cidade na qual a feira se insere passou por diversas transformações espaço-temporais. O local onde atualmente ocorre é a Praça que, por vezes, acompanhou essas mudanças. Dito isso, Soares (2006, p. 28) destaca que:

Onde se situa a Praça Duque de Caxias, segundo Ramos, na década de 1950 havia um enorme terreno baldio, com um grande barracão tosco, que servia como sede do Tiro de guerra. Ao seu redor, havia prostíbulos, um deles muito famoso, comandado por Maria Fernandes e frequentado pela elite [...].

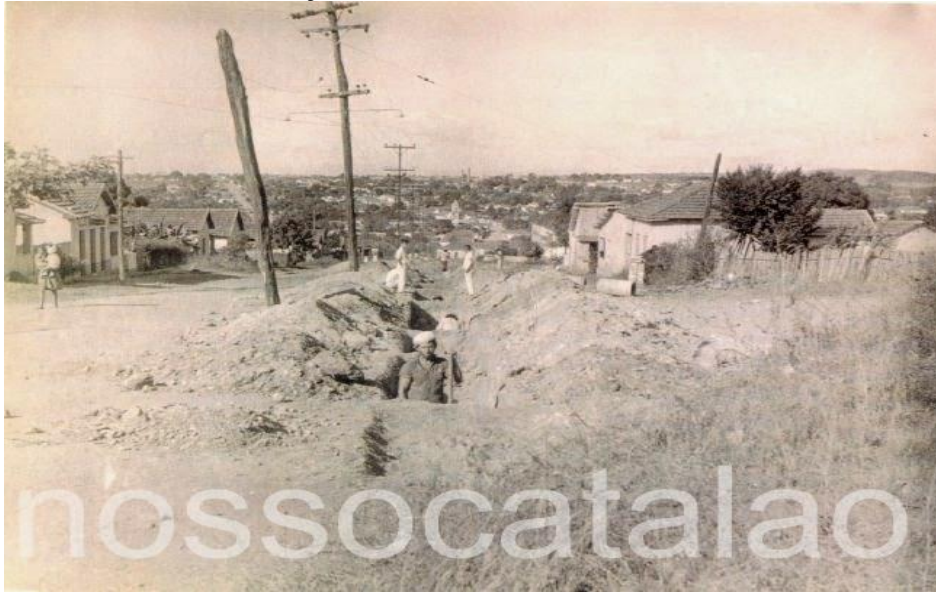
Dentre as mudanças no município destaca-se a chegada do discurso progressista, ocasionando uma divisão em *dois tempos*: antes e depois de 1950 (SOARES, 2006), havendo então mudanças contínuas que foram modificando as estruturas da cidade, pois foram realizadas aberturas de ruas, construções de escolas, instalação de energia elétrica, dentre outros.

No local em que hoje é situada a Praça Duque de Caxias havia sepulturas antigas, nos anos de 1950, o que leva a acreditar que no local havia um cemitério que provavelmente seria o mais antigo da cidade. Já no início da década de 1970, as ossadas foram removidas pelo poder municipal e foi realizada a construção da Praça Duque de Caxias, com 5.300 metros quadrados. A Foto 11, disponível em uma página<sup>19</sup> de uma rede social, permite observar que diversas obras eram realizadas na cidade na década em que a Praça ainda servia como cemitério, pois, na época, já havia uma expansão dos bairros da cidade.

---

<sup>19</sup> *Blog* nosso Catalão, disponível em: <http://nossocatalao.blogspot.com/search?updated-max=2015-04-16T08:59:00-03:00&max-results=100&start=8&by-date=false>.

Foto 09 - Construção da Avenida São Joao na década de 1950



Fonte: Blog nosso Catalão, disponível em: <http://nossocatalao.blogspot.com/search?updated-max=2015-04-16T08:59:00-03:00&max-results=100&start=8&by-date=false>.

A Foto 09 foi aqui inserida no intuito de demonstrar um pouco da transformação estrutural da cidade de Catalão. Deste modo, percebe-se que na década de 1950 a cidade passava por constantes transformações que foram sendo desenvolvidas com o passar dos anos e décadas até chegar à atualidade. A Avenida São João, que estava sendo construída, era uma importante via de ligação entre diversos bairros que foram edificados posteriormente, pois a maioria ainda não tinha sua área urbanizada no perímetro urbano da cidade como, por exemplo, o setor aeroporto.

Sabendo das constantes transformações pelas quais a cidade de Catalão passou, e também que o município recebe influências globais que alteram configurações conforme se alteram em território nacional, a feira livre que ocorre na Praça Duque de Caxias foi se transformando a partir da criação da mesma. Segundo relatos de feirantes mais antigos, a feira acontecia somente em uma rua lateral da Praça (Imagem 01) e nela havia apenas produtos tradicionais que eram comercializados pelos/as camponeses/as feirantes. Atualmente, por meio da globalização impulsionada pelo capitalismo, existe a entrada cada vez maior de produtos advindos de fabricações em larga escala.

A seguir, a Imagem 01 demonstra em qual rua teria se iniciado a feira livre na Praça Duque de Caxias, segundo relato dos/as feirantes.

Imagem 01- Rua onde teve início as atividades da feira livre na Praça Duque de Caxias, Catalão (GO)



Fonte: Google Earth. Imagem do ano de 2005, gerada no dia 15 jan. 2020.

A partir da Imagem 01, pode-se observar a rua onde a feira ocorria em seus primeiros anos, logo se percebe que ela se expandiu e atualmente ocupa outras ruas adjacentes à Praça, pois, várias bancas foram sendo instaladas, talvez pelo de fato de que nessa feira não há uma fiscalização por parte da prefeitura, existindo cada vez mais instalações de bancas e comércio de produtos diversificados.

Na Foto 10 abaixo pode-se ver que houve um crescimento considerável nas dimensões que a feira livre tomou, pois hoje ela ocupa todos os extremos da Praça, indo além e ocupando ruas adjacentes.

Foto 10 - Praça Duque de Caxias, ano de 2019



Fonte: CORREIA, Giovani. Fotos retirada através de Drone, 2019.

Através da Foto 10, que foi obtida no ano de 2019 por meio de imagens de Drone, observa-se que houve uma ampliação na quantidade de bancas em alguns locais no entorno da Praça, em comparação com a imagem extraída do *Google Earth* do ano de 2005. Algumas das bancas são para comércio de produtos advindos de grandes indústrias, como roupas, tênis, objetos eletrônicos, bijuterias, e há também bancas que oferecem formas diversas de alimentação no local como, por exemplo, pastéis, pães de queijo, garapa de cana, dentre outras.

Entretanto, apesar dessa feira atrair públicos diversos, seja rural, urbano ou das cidades vizinhas a Catalão (GO), o crescimento/ampliação desordenado da área da feira, bem como a diversificação de produtos que podem ser encontrados não agrada a todos, visto que isso também afasta aqueles fregueses que são mais tradicionais e que apreciam a calma que outrora a feira oferecia para a realização da compra de seus produtos.

Importante relatar que em 2019 a Prefeitura Municipal iniciou uma obra em que toda a vegetação e estrutura existentes na Praça Duque de Caxias foram retiradas. Segundo relato dos/as próprios/as feirantes, esta obra não deixa nítido se trará alguma mudança positiva ou negativa para eles/as e para a feira. Ademais, conforme seus relatos, eles/as nem mesmo foram comunicados/as a respeito de datas de início ou fim das obras, apenas ficaram cientes de seu início no dia em que a administração municipal chegou ao local e iniciou a obra.

Sabe-se que a Praça Duque de Caxias é um espaço público de uso comum e coletivo, por isso, desde sua construção ela tem feito parte da vida dos/as feirantes que ali realizam suas atividades, bem como faz parte de uma socialização entre as demais pessoas que por ali passam, principalmente aos domingo. Nesse sentido, a Foto 11 mostra que muitos veículos dos/as feirantes ficavam estacionados na Praça, o que facilitava o descarregamento dos produtos, principalmente dos/as feirantes mais idosos.

Foto 11 - Veículos dos/as feirantes estacionados na Praça Duque de Caxias



Fonte: CORREIA, Giovani. Imagens de Drone, 2019.

Já na Foto 12 é possível observar a Praça assim que foi retirada sua vegetação e toda sua estrutura, sendo esta uma mudança extrema e que deixa dúvidas quanto à real necessidade de se realizar tamanha obra no local.

Foto 12 - Local da Praça Duque de Caxias após a retirada de sua vegetação e estrutura



Fonte: Desconhecida. Disponível em:

[https://www.facebook.com/search/top/?q=praca%20duque%20de%20caxias&epa=SEARCH\\_BOX](https://www.facebook.com/search/top/?q=praca%20duque%20de%20caxias&epa=SEARCH_BOX).

Na Imagem 02 observa-se o projeto desenvolvido para a nova Praça Duque de Caxias. Esta obra está sendo realizada com o intuito de ser moderna, com planejamento ornamental. Entretanto, surgem dúvidas pertinentes, como, por exemplo, se será alterada de alguma forma a presença da feira livre no local, ou se haverá algum melhoramento para os/as feirantes, bem como para os fregueses/consumidores que ali visitam nos dias de domingo. Bebedouro e banheiros são exemplos de algo que para os/as feirantes seria bastante benéfico.

Imagem 02 - Projeto para reforma da Praça Duque de Caxias, Catalão (GO)



Fonte: Portal SD, Serra Dourada News. Disponível em: <sdnews.com.br.>. Acesso em: 22 dez. 2019.

A Praça Duque de Caxias surgiu na década de 1970 e no mesmo ano teve início a feira no local, tanto Catalão como as cidades vizinhas têm conhecimento sobre essa feira e a frequentam, tendo ela significados diversos para cada pessoa ou feirante. O local faz parte da história da feira, bem como a feira faz parte da história desta Praça e também da memória de muitos/as camponeses/as que foram entrevistados e que ali fazem feira há anos. Assim, para muitos, a obra, da forma como foi planejada, sem que eles pudessem opinar de forma alguma, não expressa o desejo da maioria.

É importante ressaltar ainda que se buscou evidenciar a Praça como um lugar importante para o acontecimento da feira livre porque se trata de um local público, de uso comum que remete à socialização, ao encontro, e, nesse caso, a Praça torna-se importante para o acontecimento da feira, bem como o acontecimento dessa feira é relevante para que no local ocorram maiores usos por parte da população, mais práticas socioespaciais que são expressas em uma multiplicidade de manifestações.

Neste sentido, Carlos (2001) coloca que as:

[...] relações de vizinhança, o ato de ir às compras, o caminhar, o encontro os jogos, as brincadeiras, o percurso reconhecido de uma prática vivida/reconhecida em pequenos atos corriqueiros e aparentemente sem sentido que criam laços profundos de identidades habitante - habitante e habitante - lugar, marcada pela presença. São, portanto, os lugares que o

homem habita dentro da cidade e que dizem respeito a sua vida cotidiana, lugares como condição da vida, que vão ganhando o significado dado pelo uso (em suas possibilidades e limites) (CARLOS, 2001, p. 35-36).

Por isso, o espaço público onde ocorre a feira livre é importante, afinal, é a partir dele que ocorrem práticas socioespaciais, sendo que ele adquire sentido através dos usos efetuados, vivenciados e percebidos pelos sujeitos sociais. Nele ocorrem práticas com interações entre a população e o espaço público, tratando-se de uma apropriação e utilização para as necessidades da população.

### **3.2 Quem são os/as camponeses/as feirantes que trabalham na Praça Duque de Caxias?**

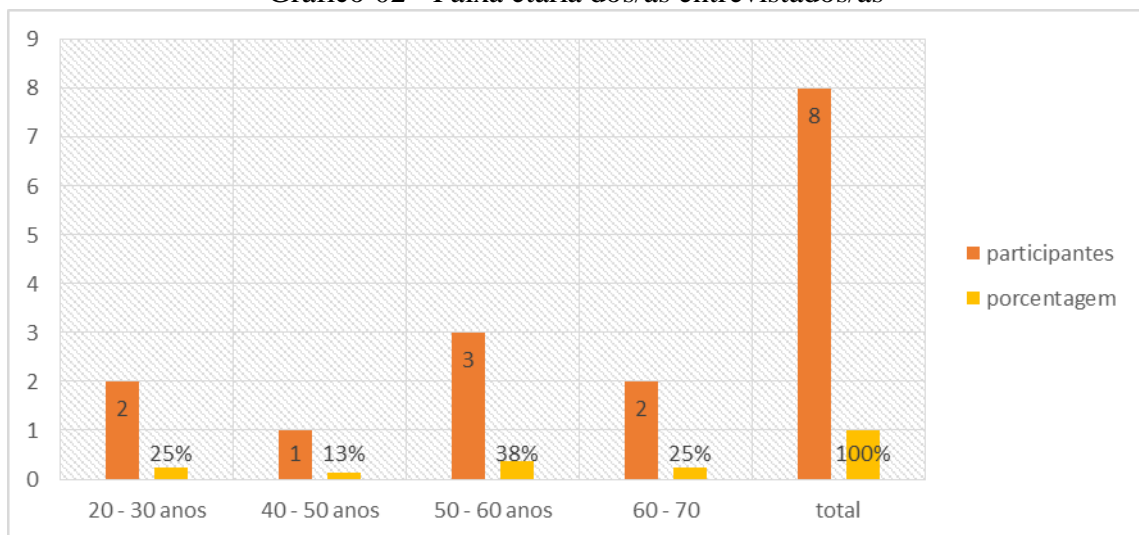
Dizer quem são os/as camponeses/as feirantes que trabalham na feira na Praça Duque de Caxias significa conhecer, por meio da realidade dos sujeitos locais, o que geralmente se procura compreender através da teoria. Por isso, foi realizada a pesquisa a campo com a aplicação de questionários semiestruturados, com perguntas abertas e fechadas (Anexo A). Para lançar mão deste instrumento usou-se como critério principal que os produtos que os/as feirantes comercializassem nas bancas fossem de produção familiar. Desta forma, 12 questionários foram aplicados por se acreditar que seria a quantidade suficiente para se chegar ao objetivo de compreender quem são os/as camponeses/as feirantes que produzem e levam seus produtos àquela feira.

Entretanto, apesar do objetivo inicial com relação à quantidade de questionários, a pesquisa foi aplicada para oito camponeses/as feirantes, pois foi respeitada a vontade e a disponibilidade dos/as mesmos/as, visto que nem todos possuem a compreensão sobre os motivos dos questionamentos da pesquisa, juntamente com a desconfiança em assinar os termos de consentimento que são necessários. Outra questão que levou à aplicação de oito questionários foi o não atendimento ao critério principal por parte de muitas pessoas, de ser produtor do que comercializa na feira livre na Praça Duque de Caxias.

Por isso, ressalta-se que, apesar de ter sido aplicado um número menor de questionários do que o número inicial proposto, foram coletadas informações fundamentais para se compreender os/as feirantes enquanto indivíduos sociais que estão inseridos nas problemáticas espaço-temporais do país, e também sua relação com a feira livre e o espaço que essa ocupa, periodicamente, para realizar uma atividade que para eles/as é muito importante. Através da pesquisa observou-se que muitos/as feirantes desabafaram sobre questões que ocorrem no espaço da feira e que o poder público, por vezes, ausenta-se.

Acerca das questões aplicadas pela pesquisa foi constatado que os/as camponeses/as feirantes entrevistados/as possuem idade entre 20 e 70 anos, como pode ser observado no Gráfico 02. Esse dado revela que, apesar de uma parte deles/as ter idade acima de 50 anos, alguns mais jovens estão adentrando na profissão de feirante por motivos diversos que, na maioria das vezes, envolvem: a falta de oportunidades em conseguir um emprego no mercado de trabalho, essa realidade foi relatada por um dos entrevistados; e o fato de ser uma atividade em que a família trabalha desde gerações anteriores e, por isso, eles/as permanecem como uma forma de continuarem exercendo a profissão que aprenderam com os pais. O Gráfico 02 demonstra a faixa etária dos/as camponeses/as feirantes que foram entrevistados.

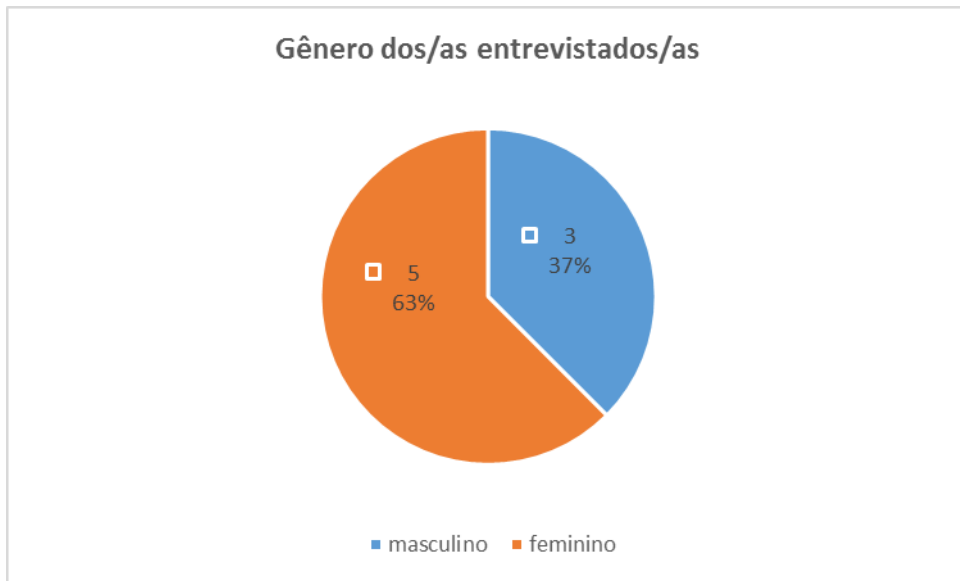
Gráfico 02 - Faixa etária dos/as entrevistados/as



Fonte: Pesquisa de campo, 2019. Org.: RESENDE, Cristiany B.F.

Outro dado relevante que a pesquisa apresenta é que as mulheres estão muito presentes nas feiras como feirantes, pois se observa que do total dos pesquisados elas representam a grande maioria. Do total, somente três feirantes homens foram entrevistados e as feirantes mulheres totalizaram cinco. Pode-se considerar que nos dias de entrevista as mulheres estariam mais dispostas ao diálogo, porém, os dados podem também ser parte dos indicativos de que no campesinato as mulheres sempre desempenharam e desempenham papel fundamental, não apenas como elementos da produção ou do trabalho, mas também na reprodução dentro da família, pois elas organizam e reorganizam o cotidiano doméstico e estão sempre em busca de estratégias novas para sobrevivência do núcleo familiar. O Gráfico 03 demonstra os dados obtidos pela pesquisa.

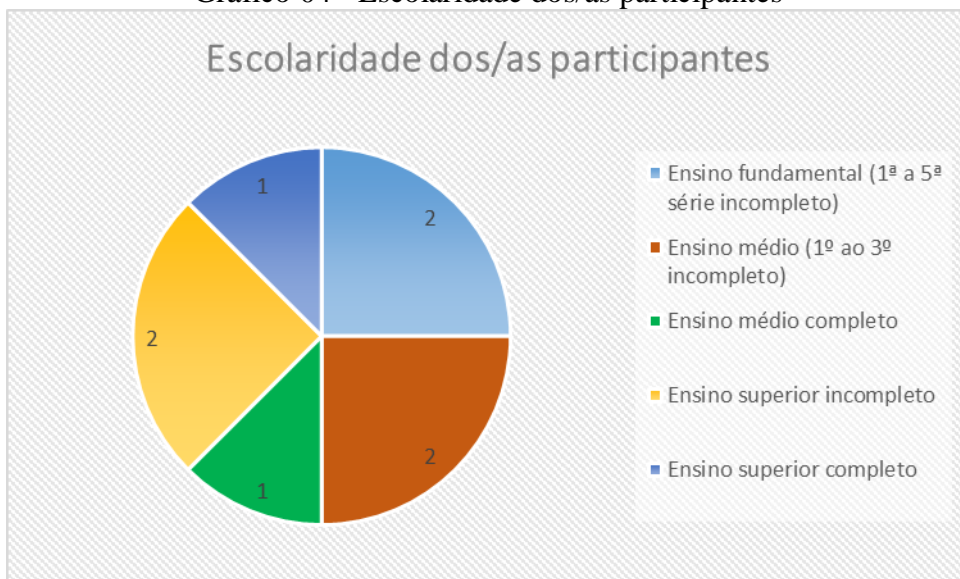
Gráfico 03 - Gênero dos/as entrevistados/as



Fonte: Pesquisa de campo, 2019. Org.: RESENDE, Cristiany B.F.

Além disso, quanto ao grau de escolaridade dos/as entrevistados/as, foi possível constatar que os/as entrevistados/as possuem graus de formação diversos. Desta forma, conforme o Gráfico 04, observa-se que uma entrevistada possui ensino superior completo, duas possuem ensino superior incompleto (uma mulher e um homem), uma entrevistada possui ensino médio completo (1º a 3º), duas entrevistadas possuem ensino médio incompleto e dois entrevistados possuem ensino fundamental incompleto (1ª a 5ª), como pode ser observado no Gráfico 04 abaixo.

Gráfico 04 - Escolaridade dos/as participantes



Fonte: Pesquisa de campo, 2019. Org.: RESENDE, Cristiany B.F.

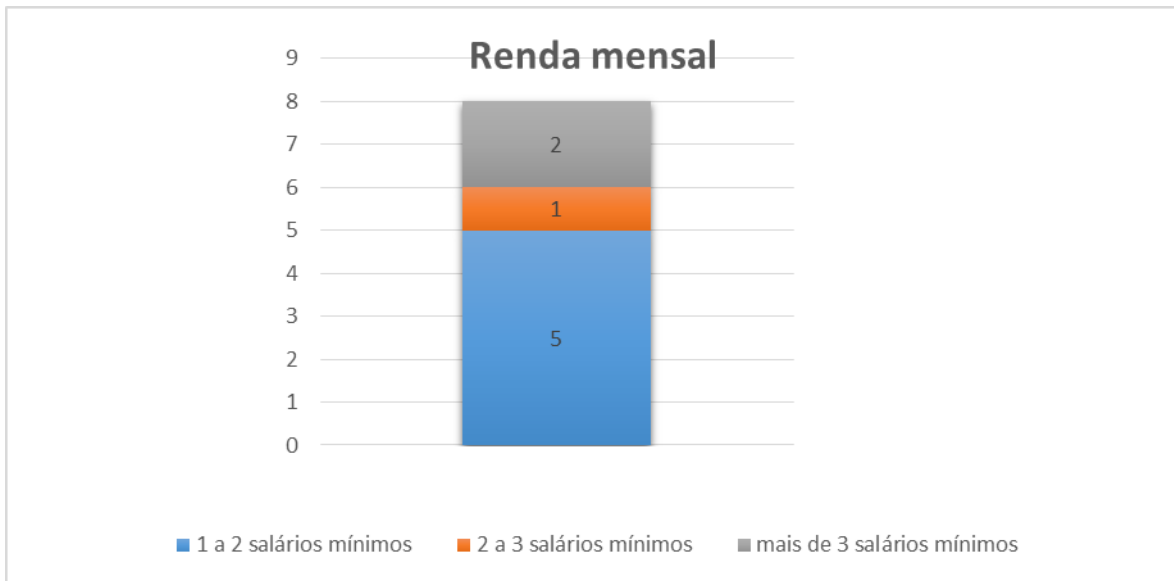
Através da pesquisa constatou-se também que apenas dois dos entrevistados não possuem filhos, os demais possuem filhos e pelo menos um/a deles/as cursam ou cursaram o ensino superior, seja graduação ou mestrado, todos em Catalão, na Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão. Em meio às entrevistas, estes sujeitos, pais/mães de filhos/as formados/as na Universidade, demonstraram grande felicidade em ter seus/suas filhos/as formados/as.

Partindo para a questão dos imóveis dos entrevistados/as, a grande maioria teve acesso à terra/propriedade por meio de herança. Desta forma, um total de sete entrevistados/as relatou que sua propriedade é advinda desse meio (herança) e somente um/a deles/as relatou que foi pela compra particular. Dessas propriedades, duas localizam-se no município de Três Ranchos, duas são propriedades localizadas no município, mas não em comunidades, sendo que quatro propriedades ficam em Comunidades, duas na Comunidade São Domingos, uma na Comunidade Mata Preta e uma na Comunidade Cachoeirinha.

Sobre o modo como essas propriedades foram adquiridas, constatou-se que a grande maioria (7) entrevistados teve acesso à terra por meio de herança e um/a deles/as por meio da compra particular, porém, observou-se também que dois dos entrevistados, além da terra que foi adquirida por meio de herança, possuem outra propriedade adquirida por meio da compra particular.

Sobre a renda advinda das atividades na feira livre na Praça Duque de Caxias, foi questionado aos/às entrevistados/as qual a renda mensal que possuem em salários mínimos (com valores referentes ao salário mínimo vigente na data da pesquisa, R\$998,00), observou-se que cinco do total dos participantes relataram que suas rendas mensais variavam entre um e dois salários mínimos (R\$ 998,00 até R\$ 1.996); para um participante a renda mensal varia entre dois a três salários mínimos (R\$ 1996 até R\$ 2994); e para outros dois participantes a renda mensal é de mais de três salários mínimos (mais de R\$ 2994), dados que podem ser observados no Gráfico 05. Sobre esta renda que por eles/as foi relatada verifica-se que três dos entrevistados evidenciaram que o comércio de seus produtos na feira é sua única fonte de renda. Desta forma, os/as demais entrevistados/as, ao relatarem sua renda mensal, contam-na juntamente com outras atividades, como aluguel de casa, entrega de produtos na cidade, dentre outras, demonstrando que os/as camponeses/as necessitam encontrar formas diversas para sua sobrevivência, indo além de sua relação com a terra, pois eles/as precisam realizar a reprodução do grupo familiar, o que os leva à prática de diversas atividades.

Gráfico 05 - Renda mensal dos/as entrevistados/as



Fonte: Pesquisa de campo, 2019. Org.: RESENDE, Cristiany B. F.

Conforme o relatado por três entrevistados/as, a única fonte de renda deles/as é aquela advinda da feira livre, por isso, dois levam seus produtos também para outras feiras na cidade. É importante colocar que na fala dos/as feirantes que possuem somente a feira para o ganho de uma renda, eles/as colocam que “a feira é muito importante, é dela de onde se tira o dinheiro para o auto sustento” (camponês feirante, Sr, J. S. P, 62 anos, Catalão, 25/08/2019).

Por outro lado, para os/as outros/as cinco entrevistados/as, existem fontes de complementação da renda, ou pode-se considerar também que a feira seja uma forma de complementação de renda para os/as mesmos/as. Essas outras fontes de renda são o aluguel de casa na cidade, a entrega de leite em dias diversos da semana em algumas partes da cidade, a prestação de serviços na cidade e a aposentadoria. Quanto aos/as participantes que possuem outras fontes de renda além da feira, constatou-se que somente um/a deles/as recebe aposentadoria, entretanto, para dois/duas, apesar de não receberem, alguém do núcleo familiar possui aposentadoria. E dois/duas deles/as não recebem aposentadoria, mas recorrem a outros meios para obterem e/ou complementarem a renda familiar.

Sabendo disso, o gráfico 06 busca demonstrar a jornada de trabalho semanal dos/as entrevistados/as, a partir dos dados obtidos na pesquisa.

Gráfico 06 - Jornada de trabalho semanal dos/as entrevistados/as



Fonte: Pesquisa de campo, 2019. Org.: RESENDE, Cristiany B.F.

Quanto à jornada de trabalho dos/as entrevistados/as, no Gráfico 07 pode-se verificar que a mesma varia entre sete e 20 horas semanais, pode-se perceber ainda que um/a dos/as entrevistados/as possui jornada de trabalho de 20 horas semanais. Esta entrevistada é uma mulher de 41 anos, que participa da feira livre na Praça Duque de Caxias e também nas feiras na Vila Liberdade nas terças feiras e na Vila Mutirão às sexta feira. Sua única fonte de renda advém das feiras, por isso, a jornada de trabalho é maior do que a dos demais participantes e relatou sua jornada semanal em todas as feiras onde participa. Somente esta entrevistada e outro entrevistado relataram que trabalham em outra feira além da feira na Praça Duque de Caxias.

Todos/as os/as entrevistados/as afirmam que a produção que levam para a feira é de origem familiar, realizada pelas famílias em suas propriedades. Nesse sentido, a maioria dos/as entrevistados/as também conta com a parceria da família para as atividades da feira no trabalho como feirantes. Somente dois/duas dos/as entrevistados/as afirmaram que não possuem ajuda de um familiar na feira, para os/as outros/as seis essa ajuda é muito importante, muitos/as são cônjuges ou pais e filhos.

Sabe-se que através das feiras livres os/as camponeses/as têm um canal de comercialização para a saída de sua produção, bem como uma forma de renda. Como já se constatou, para alguns/mas a renda advinda da feira torna-se muito importante para a unidade familiar.

Diante disso, foi questionado a eles/elas sobre qual a relevância da feira livre para sua família e a resposta de cinco participantes, maior parte dos/as entrevistados/as, foi de que a feira significa uma atividade para aumento da renda. Já para três participantes a resposta foi de que a feira é muito importante como uma atividade que passa de pai para filhos na família, bem como a lida com a terra e acrescentaram também que é somente das atividades da feira que tiram seu sustento, desses/dessas há o relato de um feirante que trabalha na feira apenas há quatro anos, mas seu pai trabalha nela há 26 anos. Ele considera que a importância da feira se dá pelo fato de ser a partir dela que seu pai obteve renda suficiente para cuidar dele e dos seus dois irmãos, atualmente trabalha junto com seu pai.

Outra questão colocada aos/as entrevistados/as foi sobre o tempo em que trabalham na feira, e as respostas foram múltiplas. No gráfico a seguir pode-se observar que o tempo em que desenvolvem sua atividade na feira livre na Praça Duque de Caxias varia entre quatro e 34 anos.

Gráfico 07 - Tempo em que os/as feirantes entrevistados trabalham na feira na Praça Duque de Caxias



Fonte: Pesquisa de campo, 2019. Org.: RESENDE, Cristiany B.F.

O Gráfico 07 mostra que alguns/mas entrevistados/as iniciaram na profissão há pouco tempo, porém, outros trabalham há muitos anos. Nesta feira existe a presença de camponeses/as feirantes que trabalham nela desde seu início, há 48 anos, porém, não se enquadravam nos critérios das entrevistas para esta pesquisa, mesmo sendo importantes para a

história da feira, por relatarem acontecimentos e mudanças que, por vezes, não possuem registros formais.

Quanto a serem feirantes, foi questionado aos/às entrevistados/as porque optaram por esta profissão, diante da questão, os/às participantes disseram que se tornaram feirantes pela necessidade de obtenção de dinheiro; um/a respondeu que foi pela falta de oportunidades de ingresso no mercado de trabalho; para três deles/as a feira é um local importante de comercialização porque é um meio de vender a produção familiar direto ao consumidor, sem que haja o intermédio de atravessadores; para dois/duas dos/as entrevistados/as trabalhar na feira livre trata-se de uma profissão de família, dentre eles/as, a entrevistada G. A. da F. (2019) relata: “desde pequena trabalhei com a terra, veio de berço”.

Sobre a produção que os/as entrevistados/as levam para a feira foi questionado, por meio das entrevistas, sobre quais os produtos que produzem e levam para vender, e presenciou-se a grande variedade de produtos que advêm do seu trabalho, dentre esses, estão: mandioca, farinha de mandioca, leite e seus derivados como queijo e requeijão, ovos caipiras, galinha caipira, bananas, hortaliças e verduras, feijão, doces diversos e quitandas. Produção essa que pode ser observada nas fotos a seguir.

Foto 13 - Polvilho, farinha de mandioca, frango caipira e doces variados de produção camponesa



Fonte: RESENDE, Cristiany Barbosa F. Trabalho de campo, 2019.

Na foto 13 observa-se alguns dos produtos que são comercializados pelos/as entrevistados/as desta pesquisa, os/as camponeses/as feirantes. Pode-se ver na Foto 25 o polvilho e a farinha de mandioca que advêm da mandioca que por eles/as é cultivada, bem como o frango caipira, que é criado de forma diferenciada daqueles que são criados em granjas. Na foto tem-se ainda os doces, por exemplo, o doce de queijo e a cocada. Produtos que são levados semanalmente têm grande procura pela população que frequenta a feira.

Foto 14 - Ovos caipira, legumes e bananas de produção camponesa, feira na Praça Duque de Caxias



Fonte: RESENDE, Cristiany Barbosa F. Trabalho de campo, 2019.

Na foto 14 verifica-se mais produtos encontrados nas bancas dos/as entrevistados/as, dentre eles, estão legumes como a abóbora, o pepino “caipira”, e também a banana marmelo, que muitas vezes é levada ainda em processo de amadurecimento para a feira, uma vez que esse processo é contínuo, durando vários dias até seu amadurecimento. Há ainda os ovos caipira, que são, segundo os/as camponeses/as, um dos itens mais procurados pelos/as consumidores/as, muitas vezes o produto acaba ainda nas primeiras horas do acontecimento da feira. Nesta foto, a maioria dos produtos é da banca da entrevistada S. R de S., de 49 anos. Banca de uma mulher mãe de três filhos, moradora da comunidade São Domingos e que

participa da feira na Praça Duque de Caxias e na que ocorre na Vila Multirão. Para ela, essa feira é de grande importância e sua produção é advinda do trabalho de seu núcleo familiar.

Foto 15 - Rosca artesanal e pamonha assada comercializadas por camponeses na Praça Duque de Caxias



Fonte: RESENDE, Cristiany Barbosa F. Trabalho de campo, 2019.

A Foto 15 mostra a rosca que é produzida de forma artesanal, tanto ela como a pamonha assada são de produção camponesa. A produção é realizada no dia anterior e levada para a feira.

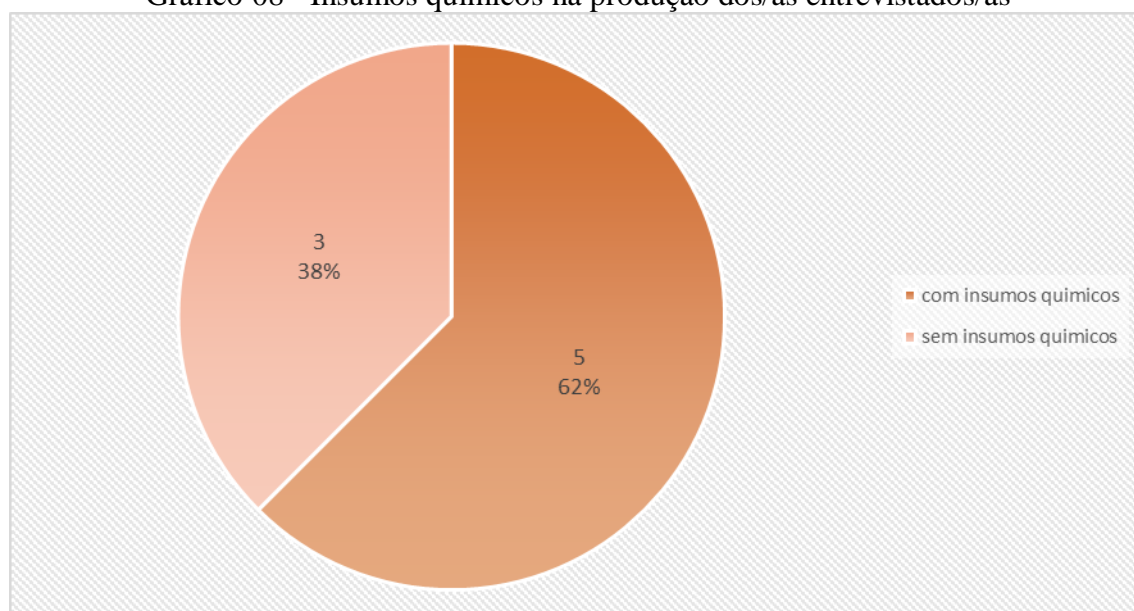
Como se percebe, muitos são os produtos advindos da produção camponesa na feira na Praça Duque de Caxias. Pode-se observar, por meio das fotos, que são comercializados vários produtos, como: a farinha de mandioca, os ovos caipiras, a galinha caipira, as hortaliças, a

“gueroba”, tão apreciada pelos goianos, frutas como bananas, doces, quitandas como rosca pães e biscoitos, bem como a pamonha assada, entre outros. Tais produtos são cultivados ou produzidos pelos/as entrevistados/as nesta pesquisa.

Sobre a produção dos/as entrevistados/as, foi questionado aos/às mesmos/as quanto ao uso de insumos químicos em sua produção e a resposta obteve o resultado de que 62% deles/as utilizam algum tipo de insumos químicos em suas produções.

Contudo, para 38% deles/as a produção é realizada de maneira orgânica, sem aditivos químicos. Esse tipo de produção torna-se muito importante atualmente, principalmente para a saúde humana, pois são mais saudáveis, mais saborosos e de maior durabilidade. A não utilização dos agrotóxicos preserva a qualidade da água usada na irrigação e não polui o solo nem o lençol freático com substâncias químicas tóxicas. Além disso, por utilizar o sistema de manejo mínimo do solo, assegura a estrutura e a fertilidade do mesmo, evitando erosões e degradação, promovendo e restaurando as biodiversidades locais, podendo viabilizar a sustentabilidade da agricultura familiar e ampliar a capacidade dos ecossistemas locais em prestar serviços ambientais para toda a comunidade do entorno. O Gráfico 08 demonstra tais dados.

Gráfico 08 - Insumos químicos na produção dos/as entrevistados/as



Fonte: Questionário aplicado com os feirantes na Praça Duque de Caxias, Pesquisa de campo, 2019.  
Org.: RESENDE, Cristiany B.F.

Os dados obtidos na pesquisa demonstram que o uso de agrotóxicos é encontrado nas produções camponesas, evidenciando que o campesinato nem sempre escapa da “Revolução Verde” que se impõe e causa mudanças na agricultura tradicional, significando que há uma

exploração do/a camponês/a pelas empresas capitalistas. O uso destes insumos ocorre por motivos diversos, dentre eles, a precariedade da assistência técnica, a dificuldade de controle dos canais de comercialização e a diminuição da mão-de-obra familiar que resultam na dificuldade do manejo manual da vegetação espontânea (SILVA, 2014). Isso se deve também à precariedade das políticas públicas para a agricultura camponesa, sendo essa falta de assistência uma estratégia, pois o Estado pactua com empresas transnacionais produtoras de agrotóxicos.

Por fim, foi questionado aos/às participantes da pesquisa sobre qual a relevância da feira livre para sua família e qual a forma como ela contribui. A resposta principal para seis dos/as participantes foi que a feira contribui financeiramente, sendo uma importante fonte de renda para a família. Uma pessoa respondeu ainda que a feira é muito importante, pois representa uma atividade da família desenvolvida por várias gerações.

Quando questionados/das sobre a relevância do espaço público onde realizam a feira, eles/as demonstraram que o significado da feira transpõe o sentido da obtenção de maior renda. Todos/as os/as participantes afirmaram que o espaço em que ocorre a feira é muito importante, porém, uma participante, de 52 anos, respondeu que “é muito importante para expor os trabalhos e é uma forma do povo da cidade valorizar os trabalhos das pessoas da roça”. A mesma afirma ainda que a feira proporciona alternativa da venda sem um atravessador, por isso, toda renda obtida com a produção levada à feira, a partir da venda do produto, fica com ela.

Como foi possível compreender, a feira livre na Praça Duque de Caxias representa para os/as camponeses/as feirantes uma importante fonte de obtenção de renda, pois, seja ela ou não sua principal atividade, é a partir dela que podem assegurar uma forma de Existência frente à sociedade. Ou seja, na busca por seus interesses e necessidades compreenderam que precisavam de uma fonte de obtenção de um rendimento para condição de sua autonomia em face do modelo de produção vigente. Por isso, exploram a potencialidade econômica das feiras, produzindo através de seu núcleo familiar, que é sua força de trabalho. É importante lembrar que nesse processo somente quando o produto do trabalho da família torna-se mercadoria é que o trabalho se transforma em renda (ROSA, 2012).

Além disso, percebe-se que os membros das famílias camponesas dividem seu tempo com outras atividades, muitas vezes, ingressando no mercado de trabalho em diferentes sistemas produtivos das cidades circunvizinhas, inserindo-se ainda mais em atividades capitalistas. Essa renda se converte em condições, em estratégias de reprodução da família, bem como as atividades advindas da feira livre.

### **3.3 Observações sobre o acontecer da feira na Praça Duque de Caxias e sobre seus camponeses feirantes**

A partir da pesquisa a campo, com todas as observações que foram feitas e todo conhecimento que foi adquirido por meio da vivência maior com os/as camponeses/as feirantes e com o ambiente da feira livre, pode-se afirmar que foi um contato de extrema relevância para a pesquisa, seja para refutar ou confirmar algumas teorias estabelecidas sobre o objeto de pesquisa. Por isso, considera-se inicialmente que a pesquisa aplicada através dos formulários semiestruturados foi o início de diálogos ricos de informações com muitas colocações por parte dos feirantes sobre a feira livre, seja sua organização, ou a falta de organização, e também sobre a estrutura, bem como a falta de atenção do poder público municipal, principalmente, quando se trata das questões estruturais.

Frente a estes *achados*, observa-se que a feira livre que ocorre na Praça Duque de Caxias pode ser considerada a maior feira da cidade de Catalão, pelo espaço que ela ocupa e também pela quantidade de feirantes que nela trabalham. Na feira foi verificada a presença de aproximadamente 120 bancas. Em cada barraca pôde-se perceber a presença de quantidades diversificadas de produtos e sujeitos feirantes, pois, em algumas existe somente um/a trabalhador/a feirante, já em outras foram encontrados/as três 3 feirantes, por isso, não foi possível uma contagem correta da quantidade de feirantes que trabalham nesta feira. Outro fator que dificultou essa contabilização foi que a Prefeitura Municipal não possui registros sobre os/as feirantes e a própria feira livre.

É importante ressaltar o espaço em que a feira ocorre, pois, é a partir dele que os/as camponeses/as feirantes e os/as não camponeses/as podem comercializar seus produtos. Assim, sabe-se que o espaço que ocupam é de uso público, pois se trata do entorno da Praça e de ruas adjacentes. Entretanto, apesar de considerarem o local muito importante para a realização da feira, várias foram as observações dos/as feirantes quanto ao espaço.

Estas observações foram principalmente sobre a segurança no local e a inexistência de uma estrutura compatível com o acontecer da feira, estrutura que atenda aos/às feirantes enquanto pessoas que possuem necessidades fisiológicas.

Apesar de o questionário semiestruturado não possuir questões inerentes à segurança pública, muitos relataram que na feira livre não há segurança, pois, raras são as vezes em que há policiamento na feira ou em suas imediações. Nesse sentido, eles afirmaram a existência da criminalidade no local, como a ocorrência de furtos, brigas, entre outros fatores que resultam

na queda de consumidores/fregueses na feira. Esta observação e relatos são aqui expostos considerando o fato de que a segurança pública é de responsabilidade do Estado.

Outra reivindicação constante, não apenas por parte dos/as entrevistados/as, mas por parte de todos que estiveram presentes enquanto a entrevista foi realizada, é que as bancas que se instalaram para comercialização de gêneros alimentícios, dentre eles, pastéis e caldos, acabam por atrair os consumidores, diversificando o público da feira e, conseqüentemente, afastando o público habitual.

Dentre as reclamações ainda consta uma que, para eles, é de extrema importância: a falta de um local para que eles possam beber água. Segundo os/as feirantes, poderiam ser instalados no local bebedouros que seriam úteis para eles e também para a população em geral. Sobre isso, destaca-se que no final do ano de 2019 foi instalado no Clube do Povo um bebedouro público, este que se caracteriza como importante para o local e que também o seria para os/as feirantes na Praça Duque de Caxias e seu público.

Da mesma forma, não há banheiros disponíveis para os/as feirantes, como se pode perceber na Foto 16. Neste caso, há apenas a presença de dois banheiros químicos que os/as feirantes não utilizam por conta da falta de higiene e de manutenção, pode-se observar na Foto 16 a quantidade de lixo que se encontra no local. Ou seja, falta uma melhor estrutura na Praça para que feirantes e consumidores possam frequentar este espaço com menores problemas. Somado a isso, reivindicam segurança pública no local que, segundo eles, precisa ser reforçada, principalmente pelo público que se modificou nos últimos anos e pela presença de comerciantes informais que levam produtos diversos para o local, como o exemplo das facas (Foto 17) e das bebidas alcoólicas. Quiçá essa estrutura seja melhorada a partir da reforma que está sendo realizada no local.

Foto 16 - Banheiros químicos na Praça Duque de Caxias



Fonte: RESENDE, Cristiany Barbosa F. Trabalho em campo, 2019.

Foto 17 - Objetos cortantes expostos informalmente na Praça Duque de Caxias



Fonte: RESENDE, Cristiany Barbosa F. Trabalho em campo, 2019.

Essas reivindicações, segundo muitos/as feirantes, já foram encaminhadas à Prefeitura Municipal, porém, o poder público não está dando andamento às requisições para que a Praça, local em que ocorre a feira, possa oferecer melhores condições estruturais para os/as feirantes e a população em geral que passa por essa feira aos dias de domingo. Assim, sabendo também que a feira não possui organização em forma de associação que possa articular maior força, até o momento a maioria das reivindicações não foi atendida. Entretanto, foi constatado por

depoimentos que há feirantes que não concordam com a formação de uma associação por motivos diversos, entre eles, motivos políticos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerar sobre uma pesquisa, sabendo que são as palavras finais, em que serão sistematizados os dados analisados e os resultados obtidos, é algo que provoca várias reflexões, principalmente acerca do caminho que foi escolhido, pois vem à tona a dúvida sobre o caminho inicial que se pretendia percorrer e o que foi percorrido. Além disso, questiona-se sobre como essa pesquisa será útil cientificamente, bem como se ocorreu a serviço da sociedade. Afinal, foram dois anos de pesquisa, períodos de mudanças de caminhos, de foco, construções, mas também momentos de (des)construção do que se pensava ser o caminho correto.

Por isso, as considerações finais foram iniciadas trazendo um pouco do caminho que foi trilhado na construção desta pesquisa. Realizou-se diversas leituras e levantamentos de dados secundários, trabalhos de campo, entrevistas, conversas informais, registros fotográficos, todos feitos a partir da concordância com cada feirante de cada local, além de terem sido realizadas visitas a outras feiras, além da aqui pesquisada. Dados foram coletados, e, por vezes, foram deixados de lado por não serem agregadores, parágrafos e mais parágrafos foram escritos e apagados. E, por fim, chega-se aqui, na conclusão, na análise da pesquisa que não termina aqui.

Assim, procurou-se responder nesta pesquisa às questões que foram construídas desde o projeto inicial da mesma. Desta feita, sabe-se que o principal objetivo foi analisar a hipótese de que a feira livre na Praça Duque de Caxias representa uma forma de fortalecimento da reprodução social camponesa em Catalão (GO). A partir de então, buscou-se responder a questionamentos como: existem camponeses/as nesta feira? Eles/as produzem aquilo que comercializam? Diante de sua história, sabendo que o/a camponês/a perpassa e adentra o mundo moderno, comercializa seus produtos na feira como uma forma de reproduzir-se, eles/as ainda continuam sendo camponeses/as? E a Praça Duque de Caxias, qual sua história e relevância para os/as feirantes e para o acontecimento da feira?

Por isso, abordou-se o tema proposto pela pesquisa, sendo os enfoques principais os/as camponeses/as feirantes e sua situação de luta constante, bem como sua forma de reprodução através da feira livre e a feira livre em si como um dos meios de mercado mais antigos na história humana, acredita-se, deste modo, que o tema seja relevante para a ciência geográfica.

Esta pesquisa se inicia com o enfoque nas modernizações e na busca por reconhecer a forma como as modernizações, principalmente a partir das décadas de 1960-1970, transformaram o território brasileiro, bem como o Cerrado goiano, mudando o modo de

produção de policulturas para áreas enormes de monoculturas e construindo novas relações sociais. Essa mudança se deu a partir das mudanças técnicas e tecnológicas que foram sendo implantadas em prol do capitalismo e apoiadas pelo Estado. Assim, a mecanização foi substituindo o homem em vários processos na agricultura, bem como insumos químicos, muitos tóxicos ao meio ambiente e à saúde humana começaram a ser utilizados no controle de *espécies indesejáveis* ao agronegócio, levando a mais rapidez no crescimento da produção.

Entretanto, esse período de mudanças produtivas levou a grandes transformações espaciais, afetando profundamente a vida dos/as camponeses/as, uma vez que esses/as sempre tiveram seu modo de vida fortemente vinculado à terra. Assim, quanto mais o agronegócio territorializa e se apropria da terra, da água, mais os/as camponeses/as perdem território, sendo expulsos/as do campo para as cidades ou forçados/as pelas empresas rurais a se mudarem para parcelas de terra menores ou empobrecidas de alguma forma.

Dentro desse contexto, os/as camponeses/as buscam formas diversas para continuarem Existindo. Em muitas dessas tentativas acabam por adentrar em novas realidades que, por pressão do capital, fazem-se necessárias. Muitos/as deles/as, por exemplo, adentram no mercado de trabalho nas cidades em serviços diversos e/ou produzem mais do que seria consumido pela família para comercialização, entre outras formas da luta diária.

Compreendendo que os/as camponeses/as possuem a capacidade de adaptação, eles/as entendem as situações, planejam e colocam em prática suas formas de articulação para manterem seu vínculo principal, que é aquele com a terra. E também são adeptos de muitas tecnologias e equipamentos técnicos que hoje existem, como o celular, a televisão, os transportes modernos. Buscam atender suas necessidades imediatas, mas, também, procuram atender às necessidades do grupo doméstico e das próximas gerações, por isso, procuram estratégias para se reproduzirem socialmente.

No sentido de uma estratégia para a sua reprodução social está a participação na feira livre, como no caso da que acontece na Praça Duque de Caxias em Catalão (GO), onde os/as camponeses/as levam seus produtos para a comercialização como uma maneira de concretização de renda que, normalmente, atende às demandas externas da família. Ou seja, podem então consumir aquilo que não produzem a partir dessa renda. Como pode ser percebido após a pesquisa em campo, para os/as camponeses/as feirantes que trabalham nesta feira o fator econômico é relevante para a família, pois, muitas são as famílias que vivem da renda obtida através dessa forma de comercialização.

Por isso, a presença dos/as camponeses/as nas feiras livres revela uma forma de *(Re)Existência* e fortalecimento, um modo de demonstrarem que são capazes de encontrar

meios de superar as imposições capitalistas, continuando o trabalho na terra que ainda faz parte de sua condição de vida, ainda que, por vezes, adentrem à globalização, mesmo que também se reproduzam socialmente para manutenção de seu núcleo familiar.

Assim, a feira livre na Praça Duque de Caxias é um lugar onde se presencia a relação entre o tradicional e o moderno, dos/as camponeses/as feirantes e seus produtos advindos da produção familiar, dos camelôs e atravessadores com sua produção advinda de grandes fábricas, seja do agronegócio ou da produção em massa das indústrias. Todos dividindo um só espaço, fazendo a interface entre os dois circuitos (superior e inferior), como denominados por Santos (2008).

Os/as camponeses/as que são feirantes e os/as demais feirantes ocupam, periodicamente, as ruas no entorno da Praça Duque de Caxias, dessa forma, o local torna-se fundamental para o acontecer da feira. Porém, percebe-se a necessidade de que haja mais atenção por parte do poder público à estrutura do local e aos/às feirantes que ali se instalam para realizarem a feira livre, visto que a mesma é uma das maiores feiras que ocorrem na cidade, sendo geradora de uma economia local.

Por isso, considera-se que a fiscalização das bancas e dos produtos e a segurança pública no local são muito relevantes, tanto para os/as feirantes como para que os consumidores continuem frequentando a feira, e para que os/as feirantes possam realizar suas atividades no local com menos preocupações e apreensões.

## REFERÊNCIAS

- BELLACOSA, Julia Marques. Os desafios da produção camponesa frente à expansão dos agrocombustíveis, o assentamento Monte Alegre: Araraquara-SP. **Revista NERA**, Presidente Pudente, v. 16, n. 22. p. 55-81, jan.-jun., 2013.
- BRAUDEL, Fernand. **Civilização material, economia e capitalismo séculos XV – XVIII: Os jogos das trocas**. 2. ed. São Paulo: Martins fontes, 1996.
- BRITTO, Júlia Rosa Castro de. **Representação dos trabalhadores da feira livre de Camaçari – Bahia: 1970-2007**. 2007. Dissertação (Mestrado em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional), Universidade do Estado da Bahia, UNEB, Bahia, 2007.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço-tempo na metrópole: fragmentação da vida cotidiana**. São Paulo: Contexto, 2001.
- CARVALHO, Horácio Martins de. **O campesinato contemporâneo como modo de produção e como classe social**. Curitiba, PR, 2012. Disponível no site: <http://www.mcpbrasil.org.br>. Acesso em 21 abr. 2012.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTILHO, Dênis. **Modernização territorial e redes técnicas em Goiás**. 2014. Tese (Doutorado em Geografia), Universidade Federal de Goiás, UFG, Goiânia, Goiás, 2014.
- CHAVES, Gilvando Rodrigues. **Análise socioeconômica e cultura da feira livre do município de Remígio-PB**. 2011. Monografia em Geografia, Centro de educação, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande-PB, 2011.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço Urbano**. São Paulo: Ática, 1989.
- COSTA, Francisco de Assis; CARVALHO, Horácio Martins de. Campesinato. In: STEDILE, João Pedro. **A questão agrária no Brasil: interpretações sobre o camponês e o campesinato**. São Paulo: Expressão popular, 2016.
- DEFFONTAINES, P. As feiras de burro de Sorocaba. **Boletim Geográfico**. Rio de Janeiro: IBGE, v. 3, n. 25, p. 42-45, 1945.
- FELICIANO, Carlos Alberto. **O movimento camponês rebelde e a Geografia da reforma agrária**. 2003. Dissertação (Geografia), Universidade de São Paulo, São Paulo - SP, 2003.
- FELICIO, Munir Jorge. Os camponeses, os agricultores familiares: paradigmas em questão. **Geografia** - v. 15, n. 1, jan./jun. 2006 – Universidade Estadual de Londrina, Departamento de Geociências.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico**. 2018. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/sociais/populacao.html>. Acesso em: 10 fev. 2019.

Mançano Fernandes no programa de Pós-graduação em Geografia, UNESP, Campus de Presidente Prudente-SP, segundo semestre/2005.

FIRMINO, Waldivino Gomes. **Itinerários camponeses:** de lá pra cá e daqui pra ali até o assentamento Olga Benário em Ipameri (GO). 2013. Dissertação (Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Geografia), Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão, Catalão – GO, 2013.

GOIÁS. Instituto Mauro Borges. **Mapeamento de pivôs centrais nos Estados de Goiás e Distrito Federal em 2016.** Disponível em: <http://www.imb.go.gov.br/files/docs/publicacoes/informes-tecnicos/2017/24-mapeamento-dos-pivos-centrais-de-2016-201712.pdf>. Acesso em: jul. 2019.

GUIMARÃES, Roberli Ribeiro; MESQUITA, Helena Angélica de. **Feira camponesa:** Instrumento de luta e resistência das mulheres camponesas em Catalão (GO). In: XIX ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, São Paulo, p. 1-15, 2009.

HUBERMAN, Leo. **História da riqueza do homem.** 16. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. (Biblioteca de ciências sociais)

LIMA, Helton S. O diário de campo e sua relação com o olhar aprofundado sobre o espaço rural. In: WHITAKER, Dulce C. A. (Org.). **Sociologia rural questões metodológicas emergentes.** Presidente Venceslau, São Paulo: Letras à margem, 2002. p. 143-149.

LUXENBURG, Rosa. **A acumulação do capital:** um estudo sobre a Interpretação Econômica do Imperialismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1970. (Biblioteca de ciências sociais)

MARTINS, José de Souza. **Os camponeses e a política no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 1973.

MARTINS, José de Souza. **O poder do atraso.** Ensaio de Sociologia da História Lenta. São Paulo: Hucitec, 1994.

MATOS, Patrícia Francisca. **As tramas do agronegócio nas “terras” do sudeste goiano.** 2011. Tese (Doutorado em Geografia), Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, 2011.

MATOS, Patrícia Francisca; PESSÔA, Vera Lúcia Salazar. O agronegócio no cerrado do sudeste goiano: Uma leitura sobre campo. **Revista Soc. & Nat.**, Uberlândia, ano 24 n. 1, 37-50, jan/abr. 2012.

MEDEIROS. F.L. d'. Antologia: A feira de burros de Sorocaba. **Boletim Paulista de Geografia**, v. 1, março de 1949.

MENDONÇA, Marcelo Rodrigues. **A Urdidura espacial do capital e do trabalho no Cerrado do Sudeste Goiano.** 2004. Tese (Doutorado em Geografia), Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Campus de Presidente Prudente, Presidente Prudente - SP, 2004.

MENDONÇA, Marcelo Rodrigues. Complexidade do espaço agrário brasileiro: o agronegócio e as (Re) Existências dos povos Cerradeiros. **Terra livre**, São Paulo – SP, ano 26, v. 1, n. 34. p. 189-202. Jan.-jun., 2010.

MENDONÇA, Marcelo Rodrigues. As transformações espaciais no campo e os conflitos pelo acesso a terra e a água: as novas territorialidades do agronegócio em Goiás. **Revista Pegada**, vol. 16, mai. 2015, Edição especial.

MENDONÇA, Marcelo R.; PELÁ, Marcia. O cerrado goiano numa encruzilhada de tempos: os territórios em disputa e as novas territorialidades do conflito. **Revista Geográfica de América Central**, Número Especial EGAL, 2011-Costa Rica, II Semestre 2011, pp. 1-18.

MENDONÇA, Sônia Regina de. **A questão agrária no Brasil, a classe dominante agrária: natureza e comportamento, 1964-1990**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MESQUITA, Natália Lucas; MENDONÇA, Marcelo Rodrigues. As expressões da (RE)Existência camponesa nos espaços hegemônicos do Sudeste goiano. **Geosaberes**, Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, v. 6, p. 599 - 608, fevereiro, 2016, Edição especial.

MIZIARA, Fausto. Expansão de fronteiras e ocupação do espaço no Cerrado: O caso de Goiás. In: \_\_\_\_\_. **Natureza viva Cerrado: caracterização e conservação**. Goiânia: Editora da UCG, 2006.

MOREIRA, Ruy. **Mudar para manter exatamente igual: os ciclos espaciais de acumulação. O espaço total. Formação do espaço agrário**. Rio de Janeiro: Consequência, 2018.

MOTT, Luis Roberto de Barros. **A feira de Brejo Grande: Um estudo de uma instituição econômica no município sergipano do Baixo São Francisco**. 1975. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Universidade de Campinas, Campinas-SP, 1975.

NASCIMENTO, Aline Cristina. **E cadê o campesinato que estava aqui? A transformação do território do Vale do Rio São Marcos a partir da hidrelétrica Serra do Facão**. 2014. Dissertação (Mestrado em Geografia), Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, Catalão (GO), 2014.

NETO, Wenceslau Gonçalves. **Estado e agricultura no Brasil: política agrícola e modernização econômica brasileira 1960 – 1980**. São Paulo: HUCITEC, 1995.

NEVES, Delma Pessanha. **Processos de constituição e reprodução do campesinato no Brasil**. v. 2. São Paulo: UNESP, 2008. (Coleção história social do campesinato no Brasil)

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. A longa marcha do campesinato brasileiro, movimentos sociais, conflitos e Reforma agrária. **Estudos avançados**, v. 15, n. 43, 2001.

OLIVEIRA, Katrine Cezarino de. **A feira livre de domingo na cidade de Alfenas: Pertencimento, resistência e padronização**. 2015. Monografia, curso de Geografia, Universidade Federal de Alfenas-MG, Instituto de Ciências da natureza, Alfenas-MG, 2015.

PRETTO, J. M. Imóveis rurais sob propriedade de estrangeiros no Brasil. **Relatório de Projeto de cooperação técnica “Apoio às políticas e à participação social no**

**desenvolvimento rural”** (PCT IICA/NEAD), Brasília, NEAD, 2009 (relatório de pesquisa). Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/resr/v50n3/a07v50n3.pdf>. Acesso em: 09 jul. 2019.

PORTO, Gil Castro Silveira. **Configuração sócio-espacial e inserção e inserção das feiras livres de Itapetinga-BA e arredores no circuito inferior da economia**. 2005. Dissertação (Mestrado em Geografia), Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador-BA, 2005.

RIBEIRO, Laurinda José. **Expansão urbana e derivações ambientais sobre o ribeirão Pirapitinga em Catalão (GO)**. 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia), Instituto de Geografia, Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, Catalão-GO, 2011.

RIBEIRO, Marina Pires et al. Agricultura camponesa e agroecologia: relato de experiência da feira e festa de sementes, mudas e raças crioulas em defesa da biodiversidade. In: XXI ENCONTRO DE GEOGRAFIA AGRÁRIA “TERRITÓRIOS EM DISPUTA, OS DESAFIOS DA GEOGRAFIA AGRÁRIA NAS CONTRADIÇÕES DO DESENVOLVIMENTO BRASILEIRO”. Uberlândia-MG, 15 a 19 de outubro de 2012. **Anais...** Uberlândia-MG, 2012. ISSN 1983-487X.

RODRIGUES, Gisele Silva. **O sentido político de comunidade: relações de poder e disputas territoriais em comunidades camponesas de Catalão (GO)**. 2014. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão, Catalão Goiás, 2014.

ROSA, Marcelo do Nascimento et al. As estratégias de reprodução camponesa na luta pela permanência na terra: uma leitura a partir da Comunidade Ribeirão município de Catalão/GO/Brasil. Observatório geográfico da América Latina. In: XV ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA (EGAL) “POR UMA AMÉRICA LATINA UNIDA E SUSTENTÁVEL”, Cuba, 2015. **Anais...** Cuba, 2015. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal15/Geografiasocioeconomica/Geografiagricola/07.pdf>. Acesso em: 12/12/2019.

SANTOS, José Erimar dos. **Feira livre e circuitos da economia urbana: um estudo da feira da pedra, em São Bento (PB)**. 2012. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

SANTOS, José Erimar et al. Feira livre como lugar privilegiado para a (RE) produção e (RE) invenção de práticas Espaciais e Sócio-culturais Populares: A feira livre de Ceará-Mirim- RN. **Revista sociedade e Território**, Natal, v. 26, n. 1, p. 58-75, jan.-jun., 2014.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

\_\_\_\_\_. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

\_\_\_\_\_. **Metamorfoses do espaço habitado, fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia**. São Paulo: Hucitec, 1988.

\_\_\_\_\_. **O Espaço dividido**. São Paulo: EDUSP, 2008.

\_\_\_\_\_. **Técnica espaço tempo**: Globalização e meio técnico-científico-informacional. 5. ed. São Paulo: EDUSP, 1994. (Coleção Milton Santos 11)

SAUER, Sérgio; LEITE, Sérgio Pereira. Expansão agrícola, preços e apropriação de terra por estrangeiros no Brasil. **Rev. Econ. Sociol. Rural**, v. 50 n. 3, Brasília jul.-set. 2012.

SCARABELOT, Maristela; SCHNEIDER, Sérgio. As cadeias agroalimentares curtas e desenvolvimento local – um estudo de caso no município de Nova Veneza/SC. **Revista**, v. 15, n. 20, p. 101-130, jan-jun, 2012.

SHANIN, T. A definição de camponês: conceituações e desconceituações – o velho e o novo em uma discussão marxista. **Estudos Cebrap**, Petrópolis, n. 26, pp. 43-79, 1980.

SILVA, Edson Batista da. **Disputas territoriais camponesas**: as experiências agroecológicas no assentamento cunha em cidade ocidental, GO. 2014. Dissertação (Mestrado em Geografia), Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás, Goiânia – GO, 2014.

SILVA, Gabriela Bernardes. **Mulheres na agricultura familiar**: terra, trabalho e família na comunidade Ribeirão no município de Catalão (GO). 2016. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, Catalão, 2016.

SILVA, José Graziano da. **A nova dinâmica da agricultura brasileira**. Campinas: Instituto de Economia, 1996.

SOARES, Vivian Cristiany de Oliveira. **Histórias e superstições**: narrativas e experiências de transformações da cultura popular de Catalão (GO). 2006. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de História, Uberlândia, 2006.

STEDILE, João Pedro. **A questão agrária no Brasil**: interpretações sobre o camponês e o campesinato. São Paulo: Expressão popular, 2016.

VARGAS, Heliana Comin. **Espaço terciário**: o lugar, a arquitetura, e a imagem do comércio. São Paulo: Editora SENAC, 2001.

VEDANA, Viviane. Fazer a feira e ser feirante: A construção cotidiana do trabalho em mercados de rua no contexto urbano. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 19, n. 39, p. 41-68, jan.-jun, 2013.

VENÂNCIO, Marcelo. **Território de esperança**: tramas territoriais da agricultura familiar na comunidade rural São Domingos em Catalão (GO). 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG, 2008.

VERANO, Thiago de Carvalho. **Feiras municipais como alternativa de comercialização para agricultores familiares**. 2019. Dissertação (Mestrado em agronegócios), Universidade Federal de Goiás, Goiânia-GO, 2019.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **Raízes históricas do campesinato brasileiro**. In: XX ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS. GT 17. Processos sociais agrários. Caxambu, MG. Outubro 1996.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. O campesinato brasileiro: Uma história de resistência. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 52, Supl. 1, p. S025-S044, 2014 – Impressa, fev. 2015. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-20032014000600002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20032014000600002). Acesso em: 18/11/2019.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina; SANTOS, Miriam de Oliveira. **Feira, feirinha e feirões:** a “economia dos centavos” em foco. São Leopoldo-RS: OIKOS, 2017. E-book. Disponível em: <http://oikoseditora.com.br/files/Feiras%20Feirinhas%20Feir%C3%B5es%20-%20E-BOOK.pdf>. Acesso em: 2020.

ZYLBERSZTAJN, D. Economia das Organizações. In: ZYLBERSZTAJN, D; NEVES, M. F. (Orgs.) **Economia e Gestão dos Negócios Agroalimentares**. São Paulo: Pioneira, 2000.

## APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
REGIONAL CATALÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

**Título:** FEIRA LIVRE, ESPAÇO PÚBLICO E REPRODUÇÃO CAMPONESA EM CATALÃO: um estudo de caso na praça Duque de Caxias

**Aluno:** Cristiany Barbosa Ferreira Resende

**Orientadora:** Prof.º Dr.º Marcelo Rodrigues Mendonça

**Público alvo:** Feirantes da feira livre na praça Duque de Caxias em Catalão (GO).

Feirantes da feira livre na praça Duque de Caxias em Catalão (GO)

### I - Objetivos:

- Compreender as dinâmicas dos espaços urbanos e públicos para compreender as resistências existentes no mesmo a partir da prática da feira livre na Praça Duque de Caxias em Catalão (GO),
- Analisar a feira livre na Praça Duque de Caxias dentro dos dois circuitos da economia urbana,
- Compreender a feira livre, histórico e importância no período atual e em Catalão (GO)
- Identificar as principais feiras livres em Catalão (GO);
- Analisar o perfil sócio econômico dos feirantes camponeses da feira na Praça Duque de Caxias e,
- Analisar a importância social da feira livre na Praça Duque de Caxias

### II - IDENTIFICAÇÃO E CONTROLE DO QUESTIONÁRIO

Data da entrevista: \_\_/\_\_/\_\_

Número do roteiro: \_\_\_\_\_

Horário de início: \_\_\_\_\_

Término: \_\_\_\_\_

### III - IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

Nome do entrevistado (a): \_\_\_\_\_

Estado civil: ( ) Solteiro ( ) Casado ( ) Viúvo ( ) Separado judicialmente

Idade: \_\_\_\_\_

Município de origem: \_\_\_\_\_ ( ) Rural ( ) Urbano

Município que reside: \_\_\_\_\_ ( ) Rural ( ) Urbano

Escolaridade:

( ) 1ª fase do Ensino Fundamental (1ª a 5ª) incompleta ( ) 1ª fase do Ensino Fundamental (1ª a 5ª) completa ( ) 2ª fase do Ensino Fundamental (6ª ao 9ª) incompleta ( ) 2ª fase do ensino

fundamental (da 6ª ao 9ª) completa     Ensino Médio (1º ao 3º) incompleto  
 Ensino Médio completo     Ensino superior incompleto     Ensino superior completo

#### IV - CARACTERIZAÇÃO DA FAMÍLIA

Possui filhos:  Sim  Não Se sim, quantos:

\_\_\_\_\_

Onde os filhos moram:  Rural     Urbano

Qual a escolaridade dos filhos: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

#### V - IMÓVEL

Município: \_\_\_\_\_ UF: \_\_\_\_\_

Comunidade: \_\_\_\_\_

Área da propriedade: \_\_\_\_\_

De que forma adquiriu a propriedade?

Herança     Compra de particular     Concessão de uso     Usucapião

#### VI - RENDA MENSAL EM SALÁRIOS MÍNIMOS

- Menos de um salário mínimo (menos de R\$ 998,00)  
 Entre 1 e 2 salários (R\$ 998,00 até R\$ 1.996)  
 De 2 até 3 salários mínimos (R\$ 1.996 até R\$ 2.994)  
 Mais de 3 salários mínimos (Mais R\$ 2.994)

Número de pessoas que compõem a unidade familiar? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Possui aposentadoria? Quem? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

#### VII - QUESTÕES QUALITATIVAS

1) Em sua rotina na feira livre, qual a jornada de trabalho exigida pela feira livre?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

2) A quanto tempo exerce atividade de feirante?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

3) Porque optou por ser feirante?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

4) Possui outra fonte de renda?

\_\_\_\_\_

---

5) Participa de outras feiras na cidade ou fora da cidade de Catalão (GO)? Qual?

---

---

6) Quantas pessoas da unidade familiar participam das atividades na feira? Quais?

---

---

7) A feira livre possui relevância para a família? Ela contribui de alguma forma?

---

---

---

8) Quais produtos comercializa na feira livre na praça Duque de Caxias?

---

---

9) Os produtos comercializados na feira são de produção própria da família?

---

---

10) Os produtos comercializados nas feiras livres possuem insumo químico em seu cultivo?

---

---

11) Para você o espaço público é importante para a realização da feira livre?

---

---